

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL - PUCRS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

VANESSA LUBISCO SILLA

**O PROCESSO CRIATIVO E SEUS CAMINHOS**

PORTO ALEGRE

2015

VANESSA LUBISCO SILLA

**O PROCESSO CRIATIVO E SEUS CAMINHOS**

Ensaio teórico apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras – Literatura, pela Faculdade de Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil

PORTO ALEGRE

2015

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

S584 Silla, Vanessa Lubisco

O processo criativo e seus caminhos / Vanessa Lubisco Silla – 2015.

162 fls.

Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul / Faculdade de Letras / Programa de Pós-Graduação em Letras – Literatura, Porto Alegre, 2015.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil

1. Escrita criativa. 2. Criação literária e artística. 3. Metaliteratura. I. Brasil, Luiz Antonio de Assis. II. Título.

CDD 808

VANESSA LUBISCO SILLA

**O PROCESSO CRIATIVO E SEUS CAMINHOS**

Ensaio teórico apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras – Literatura, pela Faculdade de Letras, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil

Aprovada em: 09 de janeiro de 2015.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Profa. Dra. Noemi Jaffe (PUC/SP)

---

Prof. Dr. Ricardo Araújo Barbarena (PUCRS)

---

Prof. Dr. Luiz Antonio de Assis Brasil e Silva (Presidente PUCRS)

PORTO ALEGRE

2015

“Ser contestado é ser constatado”.  
Victor Hugo.

## RESUMO

Este trabalho visa estabelecer um diálogo com o meio criativo, a teoria enquanto instrumento de suporte e um romance como resultado da fusão desse processo. A construção do romance chamado *Nanoromance* permite avaliar algumas técnicas de Escrita Criativa por meio da protagonista, que escreve seus textos com intenção de tornar-se *best-seller*. Algumas teorias são destacadas para abalizar ou conceituar as fases do processo criativo aqui apresentado, ou para elencar recursos textuais que serviram de base e exemplos para a escritora, como a metaliteratura, a metaficção e o *mise en abyme*, assim como romances de escritores como Enrique Vila-Matas e o seu *Bartleby e companhia*, que caminha nas trilhas referenciais da literatura.

**Palavras-chave:** Metaliteratura. Nanoromance. Escrita Criativa.

## **ABSTRACT**

This paper establishes a dialogue with the creative means, the theory as an instrument of support and a novel as a result of this process fusion. The building of the novel called Nanoromance allows the validation of some creative techniques by the protagonist who writes her texts with the intention to become a best-seller. Some theories are highlighted to concept phases of the creative process here presented, or to list text resources which served as base and example to the writer as metaliterature, metafiction, mise en abyme as well as novels from writers like Enrique Vila-Matas and his *Bartleby e company*, which tracks at literature references.

**Keywords:** Metaliterature. Nanoromance. Creative writing.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 NANOROMANCE: O PROCESSO DE CRIAÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>3 CONCLUSÃO.....</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>32</b>
<b>APÊNDICE A – NANOROMANCE .....</b>	<b>34</b>



## 1 INTRODUÇÃO

O presente ensaio propõe-se a estabelecer um diálogo entre variadas teorias de criação ficcional, o meu processo criativo e o romance resultado deste. Na busca de uma proposta acadêmica que pudesse validar este trabalho, excursionei por muitas vertentes que procuram pensar o fazer literário. Diagnosticar o processo criativo como algo palpável não é tarefa fácil. Teorias desfilam possibilidades de encontrar a origem, a explosão que desvela o estímulo e a capacidade de bem escrever.

A arte como criação diversificada constrói uma relação nova e, portanto, diferente do que já existe. A escrita é o resultado em letras da arte do pensar ficcional. É o resultado da interpretação que bate na tela da memória, se une a todas as impressões e devolve em resultado escrito, de formato único, que é o estilo, representante da voz autoral. Cada escritor aprende a desenvolver seu estilo e aprimorá-lo de acordo com as técnicas que conhece e domina.

O romance que elaborei se chama *Nanoromance* e reflete um grande exercício de metaliteratura porque utiliza técnicas literárias ao mesmo tempo em que proporciona, por meio do seu enredo uma caminhada em direção à carreira literária da protagonista.

Na proposta de *Nanoromance* procuro mostrar e propiciar ao leitor um pouco da vivência de um escritor. A personagem principal tem encantamentos com a escrita e se diz aprendiz de escritora. Essa protagonista permite aparecer para o leitor como se fosse a pontinha de um *iceberg*, e esse *iceberg* é a amostra grátis do fazer literário disfarçado de ficção, que por vezes sobe à superfície interagindo com o leitor que, naturalmente, também cria enquanto lê.

A persuasão mimética do escritor proporcionará um prazer maior ou menor ao leitor. A medida, por vezes, tão inconstante e difícil, dependerá de inúmeras variantes que desejo abordar via protagonista experimental à candidata a escritora.

A habilidade do escritor em “encarnar” o que ele deve escrever está ancorada na sua competência literária, que decorre de muita leitura, treino, revisão, busca de palavras certas e uma infinidade de detalhes que são passíveis de aprendizagem; mas de onde se origina o impulso interior que antecede a técnica?

Como se dá a minha conversão de pensamento em ideias, palavras, frases, poemas, romances e escritos?

O que dizem outros escritores? Quais são alguns dos pensamentos de grandes mestres da escrita e de seus processos, como Roland Barthes, Walter Benjamin, Fayga Ostrower, Ann Hood, Ricardo Piglia, Edgar Allan Poe, James Wood, Umberto Eco, Stephen Koch, David Morley, John Gardner e muitos outros aqui não citados?

Partindo do pressuposto de que no início existe uma energia criativa e de que todo ser humano nasce com um potencial de sensibilidade, de que maneira podemos acionar os labirintos de conexões que nos remetem a uma ideia, ou imagem? Qual o melhor modo de mostrar esse potencial via protagonista no meu *Nanoromance*?

O veículo que media o pensamento, a ideia, ou a memória de nosso inconsciente é passível de melhora? A personagem conseguirá absorver essas possíveis melhoras via oficina de escrita criativa? Esse caminho precisa de estudo? De uma ordem?

De acordo com Fayga Ostrower<sup>1</sup>, em seu livro *Criatividade e processos de criação*, todo perceber e fazer do indivíduo refletirá no seu ordenar. Assim, todos nós formamos da mesma maneira? Ordenamos com quais critérios?

Qual a forma e ordem que me acompanharam quando elaborei a ideia do romance? Qual a forma e ordem que pensei para a protagonista seguir? Quais foram as “intuições” que coloquei na personagem para ela ser verossímil? A metalinguagem e a fragmentação estão de acordo com a proposta da história?

Dependendo da necessidade de cada um de compreender o mundo, teremos um resultado diferente de formatação e criação. Não é um processo isolado nem binário. Ao contrário, são multiprocessos que, na complexificação intuitiva podem gerar um resultado completamente distinto, a depender de várias interferências, como cultura, por exemplo. A percepção que eu tenho das minhas sensações são únicas e as percepções que tenho de ter para administrar a personagem são outras “únicas”.

Para endossar esse pensar literário em forma de romance, tenho que trabalhar a protagonista dentro de alguns códigos coerentes da sua idade e de sua realidade virtual. Não haver nenhum ponto de clivagem é um cuidado extremo que requer foco da parte do escritor. A protagonista, por sua vez, necessita demonstrar uma conturbada falta de foco. Ademais, essa personagem que tem enorme dificuldade de se concentrar, deseja ser escritora e participar de aulas de Oficinas Literárias, circula em enxertos de vida virtual que conclama uma nova espécie de fazer literário. Para criar empatia com os jovens adultos de hoje, eu, como escritora, vou me valer dessa personagem que utiliza ferramentas da *web* atual.

---

<sup>1</sup> OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. p. 20.

Esses recursos potencializam o significado da obra e tornam o leitor um participante ativo do processo de criação. A personagem vai “sugerir” *hiperlinks*, *sites* e a familiaridade com a mídia digital. O leitor fará seus próprios *links*, o que certamente já foi explorado antes do advento das novas mídias. Alguns autores e teóricos como Mallarmé e Roland Barthes já discutiam sobre a existência de obras artísticas que funcionam como conectores de outros contextos. Há uma nova sensibilidade literária no ar. Pretendo usá-la.

Segundo Pierre Lévy<sup>2</sup>, “numa arte da virtualização, há uma nova sensibilidade estética que, nestes tempos de grandes desterritorialização, faria de uma hospitalidade ampliada sua virtude cardinal”.

O virtual, enquanto terreno também ficcional, transporta a afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário perfurando poços de sentido que tentarei demonstrar pela habilidade da personagem de se movimentar neste viver de *clicks* que hoje nos acompanha. A personagem usa *facebook*, *instagram*, *e-mail*, *whatsapp*, *vine* e demais apps, porque sua história permeia este *modus vivendi*.

O *Nanoromance* é um romance da contemporaneidade, que reflete e retrata o momento em que vivemos por meio de uma protagonista “descolada” que representa a “não-idade” atual. Refiro-me a “não-idade” como a hibridade de idades que hoje avó, mãe e neta conseguem aproveitar. Muitos são os momentos em que a mãe curte e dança o mesmo som que a filha gosta. Quantas vezes a avó participa ativamente do *facebook* da neta ou do neto! Estamos diante de uma intersecção de vivências que aproxima as barreiras do jovem e do “antigo” idoso.

A protagonista do romance *Nanoromance* é resultado dessa mescla de idades que experimenta as etapas do caminho de um profissionalismo literário que também atesta e valida a importância dos estudos de Escrita Criativa. Todos os ingredientes espelham fragmentos do cotidiano acelerado que contribui para atrapalhar o foco nos estudos. Muitos são os problemas de concentração que temos de lidar para buscar excelência acadêmica. A intensa atividade via redes sociais e aplicativos corrompem boa parte da dedicação diária em nossas tarefas. Equilibrar as demandas do dia a dia com a *web-life* é um dos atributos modernos para se alcançar o “sucesso-efêmero”, que todos sabem ser superficial, mas todos fazem parte deste indomável “*reality show*”.

---

<sup>2</sup> LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996. p. 14.

Lina, a personagem central, percebe essa necessidade de coordenar o foco e parte em busca de ajuda “proficcional” (mistura de profissional com ficcional) até acreditar que a técnica, sim, liberta o talento e pode ser o gatilho para uma carreira de qualidade sólida.

## 2 NANOROMANCE: O PROCESSO DE CRIAÇÃO

Os processos de criação são essencialmente intuitivos. A intuição provém do raciocínio inconsciente. Palavra que vem do latim *intuitione*, *in* (em, dentro) e *tuere* (olhar para, guardar). A ideia de que podemos aderir a um dos fragmentos da intuição também vem relacionada com nossa percepção.

No caso do corpus proposto, o *Nanoromance*, a série de associações que me levou a escolher esse modo de organizar as ideias para dar forma a esse romance contribuíram para favorecer minha escolha de assunto, tipo de personagem, época, narrador, ferramentas de internet e *hiperlinks*.

Penso que todo processo criativo é orgânico enquanto desordenado e simultâneo. Posso dizer que o início dessa ideia não foi linear, nem ordenada e muito menos categorizada. Sobre as associações, Ostrower<sup>3</sup> destaca que, “provindo de áreas inconscientes do nosso ser, ou talvez pré-conscientes, as associações compõem a essência de nosso mundo imaginativo. São correspondências, conjeturas evocadas à base de semelhanças, ressonâncias íntimas em cada um de nós com experiências anteriores e com todo um sentimento de vida”.

Minha intuição, já bastante treinada pela carga de leitura que faço – sim, a intuição pode ser aumentada por meio de exercícios – destacou a ideia e transformou a sensação em texto.

No livro *Criação Literária em Érico Veríssimo*, Maria da Glória Bordini<sup>4</sup> observa que “o inconsciente, para Érico, parece uma região ignota, mas propiciadora de gratificações, a provar a tese freudiana que os artistas criativos possuem certa labilidade nas barreiras entre inconsciente e consciente, que facilitam a passagem de pulsões construtivas”.

Acredito na possibilidade de sinapses facilitadas ou privilegiadas que podem favorecer o processo criativo ficcional e constatei que, dessa percepção de fazer um romance sobre a “aprendiz de escritora”, retirei a essência da criatividade e busquei na capacidade de me distanciar a empatia tão necessária para a persuasão mimética.

A decisão que veio após o impulso criativo foi compatível com o meu estilo de escrita: rápida, concisa, um pouco adolescente e, portanto, atual. O estilo trabalha a favor da minha

---

<sup>3</sup> OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. p. 20.

<sup>4</sup> BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Érico Veríssimo*. Porto Alegre: LPM, 1995. p. 271.

história, fato esse mais do que salientado por inúmeros estudos prévios, a exemplo de John Gardner<sup>5</sup>, quando observa que “o segredo é simples: o estilo deve estar a serviço do escritor”.

Concordados o impulso, a ideia e o estilo, a forma é um elemento importante agora para dar consistência ao corpo do romance. Bem, se tenho uma tendência à rapidez e concisão e minha protagonista – nesse caso- quer experimentar o caminho literário, tenho de decidir como representar isso no enredo.

A história começa quando Lina (ainda com o nome escrito com a letra “i”) sai de uma sala de cinema com um “ficante” candidato a namorado. O primeiro capítulo está em forma de roteiro de cinema. Eles decidem ir ao banheiro, na saída, porém, eles se desencontram. Esse “possível namorado” permeia a sua história, entretanto, não estabelece vínculos fixos com ela. A cena do primeiro capítulo já tem a intenção de “metaficcionar” o romance. Aos poucos, o leitor vai percebendo que Lina se desloca do mundo real ao virtual como se abrisse uma porta do lado da outra entre dois cômodos em um mesmo apartamento. Essa mixagem de vivências demonstra o caos atual que nos possibilita estar sem fronteiras e ao mesmo tempo presos nessas conexões velozes e fugazes.

Esta é a protagonista: rápida, “focoleess”, mas decidida a ser uma *best seller*. Ela sabe conceder perdas momentâneas em prol de uma vaidade intelectual que pretende assegurar via estudo da literatura e das técnicas de Escrita Criativa.

Ela começa escrevendo uma história e não termina. Pensa em outro *plot* e também não consegue ir adiante. Consegue criar uma personagem chamada Rita que é muito semelhante a ela. É intencional essa similaridade já que é sua primeira tentativa de escrever um romance. Nos primeiros livros de um escritor pode ser comum criar personagens muito parecidos conosco. Personagens distintos de nós, de uma idade que não a nossa, do sexo oposto ou sobre particularidades totalmente irreconhecíveis da nossa vivência já demandam mais experiência e domínio por parte do escritor. Lina consegue fazer vinte e três capítulos dessa “tentativa de romance”, até que não sabe como continuar e cansa da história. Aí está a primeira lição que fica subentendida para o leitor, a de que escrever sem planejamento tende a levar a lugar nenhum.

Lina sente que possui facilidade e algum talento, porém não consegue disciplina e motivação suficiente para continuar suas narrativas e tornar-se uma grande escritora, até que resolve voltar para aulas de Oficina Literária. Uma vez frequentando as aulas aprende algumas técnicas, mas não cumpre com os trabalhos do tema de casa. Escreve outro início de

---

<sup>5</sup> GARDNER, John. *A arte da ficção*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p. 157.

romance, porém cai na mesma armadilha e o abandona no capítulo cinco. O professor solicita como tarefa fazer um roteiro de curta metragem, e Lina consegue elaborar algo “apresentável”. E assim seguem os temas de casa, que variam de poema a conto, passando por alguns gêneros. O professor anuncia então que vai indicar os três melhores alunos para a rigorosa seleção para o mestrado em Escrita Criativa.

Enquanto faz tentativas de terminar contos, poemas, romances, a protagonista vivencia as etapas de alguns exercícios para capacitar o processo criativo. Ela tem sérios problemas de coordenar atenção em tudo que faz. Esse é seu maior inimigo, pois a impede de finalizar suas propostas. O excesso de atividades mal administradas acaba por boicotar tudo em que ela pensa investir. É vítima da própria mente inquieta e que parece desrespeitar tudo que possa se tornar estático. Por essa razão utilizei na história a alegoria dos manequins de vitrine como símbolos do estagnado.

Enquanto luta por um espaço de destaque, Lina carrega consigo uma enorme bandeira feita de mosaicos ficcionais que inquieta e instiga o leitor a conhecer um pouco do árduo caminho que tem de trilhar um grande profissional. Dar-se conta dessa imensa dificuldade é fundamental para entender o conjunto amplo de etapas pelo qual passa um candidato a escritor.

Como precisei mostrar a Lina escrevendo seus textos, utilizei a técnica *Mise-en abyme*, que teve sua origem na arte Heráldica. Na Heráldica, o conceito designa o fenômeno de reprodução de um escudo por uma peça situada no seu centro. *Mise en abyme* é um termo em francês que costuma ser traduzido como “narrativa em abismo”, usado pela primeira vez por André Gide ao falar sobre as narrativas que contêm outras narrativas dentro de si. André Gide usou-o para referir essa visão em profundidade e com reduplicação reduzida sugerida pelas caixas chinesas ou pelas *matrioskas* (bonecas russas), promovendo o deslizamento do conceito para o campo dos estudos literários e das artes plásticas em geral.

O *mise en abyme* é uma expressão já canonizada dentro dos estudos literários, mas ainda não dispensa uma apresentação mais detalhada. André Gide<sup>6</sup> a utilizou em 1983 ao comentar a composição de seu texto, *La Tentative amoureuse*, e descreveu desta forma o procedimento: “gosto bastante que numa obra de arte, encontre-se assim transposto, na escala dos personagens, o tema mesmo da obra. Nada esclarece melhor e estabelece com mais segurança todas as proporções do todo”. Trata-se, portanto, de inserir uma obra dentro da obra, numa espécie de *emboîtement*. Tal estrutura pode também ser representada por um

---

<sup>6</sup> GIDE, André. *La tentative amoureuse*. Paris: Stock editora, 1922.

escudo como foi acima mencionado, acolhendo em seu centro uma réplica em miniatura de si mesmo. Como o próprio Gide assinalou, *a mise en abyme* já foi utilizada por escritores como Shakespeare, em *Hamlet*, Edgar Allan Poe, em *A Queda da casa de Usher*, ou Goethe em *Wilhelm Meister*. Por viabilizar a pluralidade de narrativas, evidenciando a complexidade das relações escritor/obra/leitor, ela foi revalorizada pela literatura contemporânea.

*A mise en abyme* favorece, assim, um fenômeno de encaixe na sintaxe narrativa, ou seja, de inscrição de uma micronarrativa noutra englobante, a qual, normalmente, arrasta consigo o confronto entre níveis narrativos.

*As Mil e uma Noites* é o título de uma das mais famosas obras da literatura árabe, é composta por uma coleção de contos escritos entre os séculos XIII e XVI. O que desperta grande interesse entre os leitores nesse livro é o fato deles serem interligados, configurando o melhor exemplo desse modo narrativo.

Quando tive a ideia de escrever o romance, ainda não tinha em mente o uso desse modo de narrar. Preocupei-me em “contar” a história do jeito que ela viesse para meu consciente. A fábula estava em prioridade até então. Depois de “despejada” a história, verifiquei que, espontaneamente, eu havia utilizado o *mise en abyme* e que ele se aplicava ao que eu pretendia ficcionalizar. Por vezes, o escritor surpreende-se com ideias ou detalhes que surgem não se sabe de onde, no entanto, ele recorda que várias leituras são capazes de “devolver” em texto seus conteúdos internalizados. A ideia de trabalhar a protagonista escrevendo suas próprias histórias alcançou o espelhamento que eu tinha interesse de mostrar. A presença do “duplo”, que também elaborei no *Nanoromance*, é fundamental para o *mise en abyme*, pois é por meio dele que se efetua a passagem entre níveis narrativos.

Lucien Dällenbach<sup>7</sup>, no seu livro *Le Récit spéculaire*, define a *mise en abyme* como um espelho interno à obra que reflete a totalidade do relato por meio de reduplicação.

Assim sendo, criar a protagonista escrevendo seus textos foi uma ferramenta facilitadora que não só ressaltou a fábula, mas também suportou a forma. Tendo decidido o rumo da fábula e o *mise en abyme*, procurei reforçar a máxima de que a fábula não é importante, mas sim a forma.

Uma vez organizada entre a coerência da fábula e a lucidez da narrativa, o foco passou a ser a personagem. É ela, e somente ela, que torna a história interessante. Outra vez, permiti que a personagem-protagonista tivesse total liberdade no meu processo de composição, ou

---

<sup>7</sup> DÄLLENBACH, Lucien. *Le récit spéculaire, essai sur la mise en abyme*. Tradução do francês feita pela autora. Paris: Seuil, 1977. p. 52.



seja, ela teve “vontade própria” até o romance terminar. Fomo-nos descobrindo aos poucos e somente depois me certifiquei de que ela teria uma boa combinação de qualidades, que é uma mistura de características universais e únicas. Aparei o quanto pretendia mostrar do passado dessa personagem, pois é na história pregressa que se encontram todas as motivações de seu comportamento presente. Pensei no nome dela como um “*flash*” célere e eficaz: Lina (mais tarde no romance descobre-se que o nome verdadeiro dela se escreve com “y”).

Adaptei uma duplicidade de desejo compatível com sua densidade psicológica. E naturalmente caprichei no conflito, que deve ser sempre de ordem humana. No miolo, estimulei a perplexidade e a dúvida da personagem fazendo com que ele aparecesse e desaparecesse. Procurei prestar atenção na escolha de necessidades e fraquezas da personagem para evitar que o roteiro não funcionasse. Às vezes, um roteiro não funciona porque o risco que a personagem corre é alto, mas pouca coisa está em jogo. Como a Lina não sofre grandes transformações na história nem tampouco carrega uma carga de conflitos muito severa, minha tática estava em seduzir o leitor com a simplicidade.

Da mesma forma moderei as cenas e os sumários, reforçando a técnica de que a cena mostra o conflito e o sumário serve para aliviar a tensão, e quando a cena volta, possibilita-se que ela venha mais forte.

Assim, o *mise en abyme* presta serviço a esse conjunto de cuidados que tornam a história atraente e pode harmonizar a narrativa.

Em qualquer uma das suas modalidades, a *mise en abyme* denuncia uma dimensão reflexiva do discurso, uma consciência estética ativa ponderando a ficção, em geral, ou um aspecto dela, em particular, evidenciando-a por meio de uma redundância textual que reforça a coerência e, com ela, a previsibilidade ficcional.

Alinhavei o *Nanoromance* com essa técnica porque é própria para o uso da escrita dentro da escrita e da saliência da metalinguagem - a linguagem que se debruça sobre si mesma.

A metaliteratura é um termo que tanto pode designar um texto que pertence a determinado gênero literário que trata sobre outros textos quanto a um romance como o *Nanoromance*, que trata da temática do próprio aprendizado da Escrita Criativa. O caráter autorreflexivo está a favor da personagem Lina, que experimenta o papel de escritora, aliando a metalinguagem, a metaficção e o intertexto.

O intertexto é uma interação entre textos que, no caso desse romance, colabora com o tema e configura a matéria prima da ficção, que são as emoções, as convicções e os valores

humanos. Mantendo o teor no romance de apresentar uma linguagem acessível e não aprofundar muito as questões de intertextualidade, pouco acrescentei de citações de outros escritores, mas sinalizei alguns vetores como quando a Lina escreve sua segunda tentativa de romance, com o título provisório de *Mulheres Bovary*. O nome do romance, *Nanoromance*, advém do fato dela não conseguir escrever textos longos porque quase nunca os termina, sendo que o professor da Oficina Literária que ela frequenta “reclama” que seus textos não crescem.

Quando o professor pediu para os oficinairos produzirem um roteiro de curta metragem, ela utilizou uma personagem que queria “ficar” com Mario Vargas Llosa. Quando ela escreve um conto que se chama *A Interminável*, Lina está escrevendo sobre si mesma. São muitas as possibilidades de se trabalhar o intertexto e a metaliteratura nesse caso.

Para Hutcheon<sup>8</sup>:

A intertextualidade substitui o relacionamento autor-texto, que foi contestado, por um relacionamento entre o leitor e o texto, que situa o *locus* do sentido textual dentro da história do próprio discurso. Na verdade, uma obra literária já não pode ser considerada original; se fosse, não poderia ter sentido para o seu leitor. É apenas como parte de discursos anteriores que qualquer texto obtém sentido e importância.

A Epígrafe é um pequeno trecho de outra obra, ou mesmo um título, que apresenta outra criação guardando com ela alguma relação mais ou menos oculta. A Citação é um fragmento transcrito de outro autor, inserido no texto entre aspas.

A Paráfrase é a réplica de um escrito alheio, posicionado em uma obra com as palavras de seu autor. A Paródia é uma distorção intencional de outro texto, com objetivos críticos ou irônicos. No entanto, conforme relata Hutcheon<sup>9</sup>, “a paródia não é a destruição do passado; na verdade, parodiar é sacralizar o passado e questioná-lo ao mesmo tempo. E, mais uma vez, esse é o paradoxo pós-moderno”. Para a autora<sup>10</sup>, “a paródia certamente pode assumir dimensões mais precisamente ideológicas”.

O Pastiche é a imitação rude de outros criadores, escritores ou pintores, entre outros, com intenção pejorativa, ou uma modalidade de colagens e montagens de vários textos ou gêneros, compondo uma espécie de colcha de retalhos textual. A tradução se insere na esfera da intertextualidade porque o tradutor recria o texto original.

---

<sup>8</sup> HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 166.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 165.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 169.

A Referência é o ato de se mencionar determinadas obras, de forma direta ou indireta. Hutcheon<sup>11</sup> colabora para esse conceito ao afirmar que:

O que define a referência não é a existência empírica (os números abstratos possuem referência), mas um conjunto de critérios internamente coerentes que constituem as condições de verdade de um discurso (...). A ficção pós-modernista não enquadra nem nega o referente (por mais que este seja definido); ela atua no sentido de problematizar toda a atividade da referência.

A Alusão é uma figura de linguagem que se vale da referência ou da citação de um evento ou de uma pessoa, concreta ou integrante do universo da ficção. Ela é igualmente conhecida como “intertextualidade” ou “polifonia”. O intertexto, portanto, não se refere apenas a textos literários, mas também a música, imagens, vídeos, filmes e todos os recursos visuais. Hutcheon<sup>12</sup> esclarece e exemplifica:

Não são apenas os romances modernos que oferecem exemplos de reflexo intertextual pós-moderno. Instalações como a “Vênus dos Farrapos” e “Orquestra dos Farrapos”, de Michelangelo Pistoletto, sugerem uma irônica crítica pós-moderna. Pistoletto utiliza farrapos verdadeiros (o produto final do consumo): a arte representa o detrito da cultura dentro da ética do consumidor.

Já a metaficção trata de um tipo de texto que identifica conscientemente os mecanismos da produção literária associada à literatura modernista e pós-moderna. O pós-modernismo, de maneira geral, subverte algumas convenções por meio da ironização constante, mas não as rejeita, como o modernismo. Ele contesta a noção de originalidade e de autoridade autoral, mas não instala nenhuma ruptura.

No livro de Linda Hutcheon<sup>13</sup>, encontramos reflexões sobre os conceitos de caráter provisório que procuram contestar o pós-modernismo como simples sinônimo para o contemporâneo.

Ele costuma ser acompanhado por um grandioso cortejo de retórica negativizada: ouvimos falar em descontinuidade, desmembramento, deslocamento, descentralização, indeterminação e antitotalização. O que todas essas palavras fazem, de forma literal (exatamente como seus prefixos, que negam compromisso - des, in c anti), é incorporar aquilo que pretendem contestar conforme o faz, suponho, o próprio termo *pós-modernismo*.

---

<sup>11</sup> HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 190, 196.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 182.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 28.

Partindo dos conceitos acerca dos tipos de intertextualidade, o *Nanoromance* é um romance de pequenas referências literárias que auxiliam a instalar o clima da personagem que possui certa familiaridade com esse meio.

A intenção da história é compartilhar com o leitor fragmentos do viver literário que um escritor pode ou não experimentar. Nessa história não existem catalogações ou limites que possam classificar ou definir o romance. A ideia é registrar nossa atualidade que experimenta e indaga o entre-lugares, a não-idade, a duplicidade complementar do real e do virtual, e tudo isso está na personagem que sofre descuidos que dificultam a sua disciplina enquanto artista-escritora. Algumas das características pertencentes ao *Nanoromance*, como ludismo, intertextualidade, um certo ecletismo estilístico, metalinguagem, fragmentação textual, autoconsciência e autorreflexão estão relacionadas com a literatura pós-moderna.

Além dessas características, Hutcheon<sup>14</sup> diz que a ideia de fronteira e busca dos textos pós-modernistas, de “autoficção”, é contrastada com a paródia- palavra que ilustra muito dos textos atuais.

Além de serem indagações “fronteiriças”, a maioria desses textos pós-modernistas contraditórios também é especificamente paródica em sua relação intertextual com as tradições e as convenções dos gêneros envolvidos. Quando Eliot recordou Dante ou Virgílio em *The Waste Land* (A Terra Desolada), podia-se pressentir, por trás desse reflexo fragmentado, uma espécie de ansioso apelo à continuidade. É exatamente isso que se contesta na paródia pós-moderna, na qual muitas vezes é a irônica descontinuidade que se revela no âmago da continuidade, a diferença no âmago da semelhança. Em certo sentido, a paródia é uma forma pós-moderna perfeita, pois, paradoxalmente, incorpora e desafia aquilo a que parodia.

Durante o processo de elaboração do *Nanoromance*, muitas vezes me preocupei em não salientar tanto a paródia enquanto recriação de alguma referência literária célebre. Não tive a intenção sarcástica do André Gide<sup>15</sup> em seu livro *Os moedeiros falsos*, livro esse que Édouard é o romancista, dentro do romance que planeja elaborar sua obra-prima, homônima do livro em exame, e organiza um diário, com as ideias, as dúvidas, os esboços de personagens (no início, sem rumo, aparentemente uma obra em construção, a partir da página em branco), cujas partes são interpostas à trama do romance principal.

Aproximei-me mais do Enrique Vila-Matas<sup>16</sup> em *Bartleby* porque aprecio quando o tom jocoso trabalha a favor da seriedade, e o *Nanoromance* trilha um pouco esse caminho. Nesse livro, Vila-Matas constrói o que chama de “síndrome de Bartleby”. O nome da

<sup>14</sup> HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 28.

<sup>15</sup> GIDE, André. *Os moedeiros falsos*. [s.l.]: Ed. Estação Liberdade, 2009.

<sup>16</sup> VILA\_MATAS, Enrique. *Bartleby e companhia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

síndrome foi dado por Enrique Vila-Matas, baseado no romance *Bartleby, O Escrivão*, de Herman Melville, no qual o escrivão começa a “preferir não fazer” suas tarefas e, por fim, acaba não fazendo nada até que, ao final, “prefere não comer” e padece em uma prisão.

O livro mostra os vários casos de Bartleby na literatura mundial, contando a história de um escritor que, para quebrar a abstinência de 25 anos sem escrever, resolve fazer um diário com casos de silêncio da literatura. Assim, ele reúne uma série de curiosidades em torno de escritores que foram acometidos pelo mal de Bartleby, e trata da pulsão negativa, do não-escrever, ou seja, uma galeria de criadores que, mesmo tendo uma consciência literária muito exigente, jamais chegam a escrever. Ele utiliza, de forma lúdica, um conjunto amplo de referências literárias. Ele brinca com a metaliteratura e exibe uma densidade poética elevada, ao mesmo tempo em que abusa de neologismo e frases epigramáticas.

A intenção do *Nanoromance* é ficar só na superfície dessas elaborações literárias, pois a ideia é providenciar um “*flash*” da vida de uma candidata a escritora.

Ainda, Hutcheon<sup>17</sup>, ao citar Foucault, reforça a matriz da intertextualidade e de suas fronteiras movediças ao dizer que:

As fronteiras de um livro nunca são bem definidas: por trás do título, das primeiras linhas e do último ponto final, por trás de sua configuração interna e sua forma autônoma, ele fica preso num sistema de referências a outros livros, outras frases: é um nó dentro de uma rede.

Roland Barthes<sup>18</sup> definiu o intertexto como “a impossibilidade de viver fora do texto infinitamente”, fazendo da intertextualidade a própria condição da textualidade. Ao escrever sobre seu romance *O Nome da Rosa*, Umberto Eco<sup>19</sup> afirma: “Descobri o que os escritores sempre souberam (e nos disseram muitas e muitas vezes): os livros sempre falam sobre outros livros, e toda história conta uma história que já foi contada”.

Acredito que toda autorreflexividade e toda autorrepresentação metaficionais, assim como o intertexto trabalhado no meu romance, agem no sentido de questionar a própria existência e também a natureza da referência extratextual.

Embora, tenha centrado o termo “metaliteratura” num conceito pós-moderno, seria redutor confiná-lo num espaço temporal limitado, pois são vários os exemplos de metaliteratura fora deste âmbito. *Tritam Shandy*, de Stern, romance que data do séc. XVIII,

<sup>17</sup> FOUCAULT, Michel *apud* HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 167.

<sup>18</sup> BARTHES, Roland, 1975, p. 36 *apud* HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 167.

<sup>19</sup> ECO, Umberto *apud* HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 167.

desafia os limites e convenções da escrita do romance por meio de um discurso não linear, pelas constantes intromissões da “personagem-autor”, por elementos pictóricos alheios às tradicionais palavras que constituem um romance, ou pelo uso de outros gêneros literários que confundem a gênese do gênero em questão. O Pós-modernismo, e como tal, a metaliteratura, serve-se da reciclagem, da colagem criativa e crítica, mas terá sempre de conviver com o espectro da ansiedade de ser impossível ascender a uma oportunidade imaculada rindo-se desta e de si própria.

O Nanoromance vale-se de alguns desses conceitos que são sempre mutantes e reflexivos porque pertencem à contração e à dilatação que a metaliteratura propicia, favorecendo uma enorme gama de criatividade.

Enquanto o Nanoromance utiliza a metaficção para dismantelar alguns truques de ficção, a ficção desconstrutiva oferece uma versão da história que questiona a antiga versão.

Ainda, em *a Arte da ficção*, para Gardner<sup>20</sup>, “o escritor embaralha e reembaralha os seus fragmentos para encontrar a mais comovente das apresentações possíveis e chega a seu clímax não de modo linear, dando forma aos principais acontecimentos, mas através da força poética”. É dessa elaboração de fragmentos que o escritor extrai a sua singularidade.

Nesse *puzzle* inicial, o escritor faz seu recorte e ressignifica o tema, transformando ideias do inconsciente em texto. A etapa do *puzzle* e de ordenação (bricolagem) está inserida na desconstrução literária, que é também um ingrediente fundamental do estilo.

Nesse processo de criação, sempre permeado por catalisadores internos revolvidos em intertextualidades e regados pela minha cultura afetiva, estaciono muitas vezes para avaliar o andamento do *plot*, o ritmo da narrativa, o excesso de ego, as possíveis beletrices, a desenvoltura da metalinguagem empregada e uma porção de fraturas que podem ocorrer na estrutura dinâmica da escrita. Essa parada é necessária para perceber o andamento da escrita. Perder o foco é muito comum quando não provemos um planejamento cronológico ou não elaboramos um andamento guiado pela técnica elaborativa - aí temos uma Lina protagonista plagiando a vida de um escritor do século XXI, que é altamente desafiado a isolar-se dos inúmeros estímulos da vida de hoje.

Procurei preparar a minha história, por meses, só na minha imaginação e depois lancei-a no computador como um grande bloco de rascunhos e meses mais tarde, depois de “descansar” o texto, voltei para trabalhar com atenção na técnica e nas demais ferramentas (figuras de linguagem, acidente de leitura, verossimilhança, narrador, alegoria, etc) que

---

<sup>20</sup> GARDNER, John. *A arte da ficção*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. p. 243.

auxiliam a reparação de um romance. Embora, dependendo da proposta, o que temos para contar possa não ser tão importante quanto como contar, o que provém da nossa própria crítica deve ser severo e atencioso. Na efervescência do lampejo-momento em que o escritor está escrevendo, prefiro não interferir com análise, sob pena de cortar o *link* criativo e fazer uma ruptura errônea e demasiadamente impiedosa com minha criação. É mister deixar o texto descansar e revitalizá-lo depois, com o distanciamento psíquico necessário. Esse decantar auxilia o foco e evita uma lapidação precoce, afoita e imprópria.

Roland Barthes<sup>21</sup> também sustenta que “a atividade do escritor comporta dois tipos de normas: normas técnicas (de composição, de gênero, de escritura) e normas artesanais (de labor, de paciência, de correção, de perfeição)”.

Se a protagonista do meu Nanoromance, que se chama Lina, é a coleta de algumas memórias que tenho, um tecido de recortes e costuras de várias amigas nas quais me inspirei para compor a personagem, uma compilação de interpretações que trago da vida que levo como escritora, de que maneira e quando ela começou a surgir dentro do meu processo literário nos meus dois livros anteriores chamados *Nanoescritos* e *Nanotempo*?

No primeiro livro da “série Nano” o primeiro conto fala de uma personagem sem nome e sem traços explícitos que confundem, propositalmente, o leitor (desavisado), que pode pensar que a narradora em primeira pessoa sou eu. No último conto, a protagonista aparece outra vez, em primeira pessoa, e manda várias cartas a um editor fictício tentando convencê-lo de publicá-la. No segundo livro, chamado *Nanotempo*, a protagonista continua sem nome e sem características, mas já aparece um pouco mais encorpada como uma jovem que faz uma viagem de avião de Porto Alegre a Salvador. Nesse período do voo, ela senta ao lado de um senhor que simula não conhecer. Trata-se, porém, de um grande editor e ela finge estar lendo um livro de uma amiga que, na verdade, não existe, porque foi ela quem escreveu o livro. A personagem ainda sem nome faz de tudo para ser publicada e na saída do voo, depois de falsificar um medo horrível de avião, deixa o livro por “esquecimento” com o senhor que é diretor de uma famosa editora nacional.

No terceiro livro, *Nanoromance* a personagem cresce e apresenta nome, fisionomia jeito e assume com toda força seu desejo de tornar-se *best seller*.

Foi somente quando elaborei o terceiro livro que dei-me conta de que esta personagem já havia nascido no primeiro.

---

<sup>21</sup> BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 16.

Lina é fugaz, tem fraquezas volúveis, tenta escrever e se pretende editada. Interessante observar quanto dela tem em mim e quanto de mim tem nela? Assim como quanto de Lina tinha em Rita, protagonista do primeiro romance que Lina escreveu, e vice-versa. Isso importa? O cenário que estou construindo para ela é responsável e coerente com meu estilo? A escrita enquanto realidade ambígua, que nasce incontestavelmente de um confronto do escritor com sua sociedade serve como assinatura de compromisso com sua obra?

Talvez uma das possíveis respostas possa estar neste trecho que Barthes<sup>22</sup> compôs: “Todo vestígio escrito se precipita como um elemento químico inicialmente transparente, inocente e neutro, no qual a simples duração faz aparecer, pouco a pouco, todo um passado em suspensão, toda uma criptografia cada vez mais densa”.

Este intertexto assegura todo tipo de resíduo ou ainda rastro inconsciente que vem acumulado com nosso fazer literário. Tomar ciência disto e fazer a personagem trabalhar a favor do escritor pode ser um trabalho que requer muita proeza cognitiva, mas que com devido zelo resultará em um belo exercício de expressão.

Um dos inúmeros valores de um bom romance, fora proporcionar conhecimento, prazer e transformação, está em sua flexibilidade infinita de espelhar o mundo. Quando criei o panorama de base do *Nanoromance*, procurei mostrar um pouco do cenário atual. A protagonista vai colocar lixo na lixeira grande da rua e depara-se com um mendigo dormindo dentro. Em outra situação é assaltada por duas mulheres. Em determinado momento o computador que ela usa estraga e a impressora a deixa na mão, em outro momento bebe demais (cena recorrente nos dias de hoje), enfim são vários momentos em que a Lina propicia uma fatia do período histórico que estamos vivendo.

O fato de Lina estar em uma Oficina Literária pretende mostrar ao leitor que não conhece estas aulas, um pouco de como funciona este estudo. Se no Brasil, a PUCRS é pioneira na pós-graduação em Escrita Criativa e a personagem luta por fazer parte desse espaço, temos aí mais um elemento representativo atestando que estamos fazendo história no Rio Grande do Sul com as atividades na Área de Concentração em Escrita Criativa, homologada e posta em funcionamento em 2010.

No terceiro livro a Lina faz exercícios de Escrita Criativa e aprende técnicas que podem alforriar algum talento quando devidamente executadas. Infere-se também que muitos alunos jamais se destacarão por ter cursado uma Oficina Literária, mas terão recebido um

---

<sup>22</sup> BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 33.



presente da vida que é a leitura, que trabalha a empatia permitindo que se experimente outras vidas.

Porém, por mais que eu procure proporcionar ao leitor senhas que possam abrir o código secreto da minha intenção como escritora, somente eles poderão retirar do romance o valor estético que eu pensei alcançar. Valor estético esse que é composto de vários vazios que vão gerar preenchimentos pelo leitor.

Roland Barthes<sup>23</sup> novamente ressalta um setor do pensar do escritor:

Mas ao mesmo, escrever (no sentido curiosamente intransitivo do termo) é um ato que ultrapassa a obra; escrever é precisamente aceitar, ver o mundo transformar em discurso dogmático uma palavra que, no entanto se quis (se se é escritor) depositária de um sentido oferto; escrever é deixar que para os outros fechem eles próprios nossa própria palavra, e a escritura é apenas uma proposta cuja resposta nunca se conhece. Escrevemos para ser amados, somos lidos sem o poder de ser, é sem dúvida essa distância que constitui o escritor.

Esse prazer de entrelaçamento entre a criação e o escritor é o motivador e o estímulo para continuar a escrever. O trespassamento entre o texto e o leitor é outro elemento que gera prazer. Todos os movimentos do sopro inicial, da faísca geradora da ideia do escritor de escrever sobre isto ou aquilo até a leitura do leitor, toda esta ludicidade produz vida e reestrutura emoções. A escrita, como processo e caminho, será desenvolvida através da Lina que, matizada com a vontade de escrever e ser editada, proporcionará um caminho diferente e espero, prazeroso para o leitor. A “visita” de Lina a alguma Oficina Literária será breve e panorâmica, porque pretendo apenas pincelar esta possibilidade, algo como um pano de fundo do romance. Tendo em mente que este *Nanoromance* tem o formato “adolescente”, a maneira de escrevê-lo terá de incluir os já mencionados aparatos de comunicação de um jovem adulto, como *Snapchat, vine, twiteer, instagram, youtube, deezer* e montões de outros aplicativos que fazem parte da voragem da cultura pop. Este furor tem seus “*followers*”. Os seguidores dessas redes sociais são leitores da Lina e eles também formam esta imensa corrente de interação entre o escrever e ler. Afinal, o leitor é o grande protagonista, ele é o enunciador principal.

Este novo meio de distribuir “literatura”, que é o virtual, começa a fazer parte dos estudos atuais. Mas o que é considerado virtual? Quanto espaço a literatura dispõe deste virtual?

Existe uma oposição fácil e enganosa entre real e virtual. Na linguagem corrente, usamos o virtual para expressar tudo aquilo que não é real, ou seja, a ausência do existir ou

---

<sup>23</sup> BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 184.

ainda da ordem da ilusão. A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado de *virtus*, que significa força e potência. Este novo espaço abre novos meios de interação e ritmo, inclusive ao que diz respeito aos diferentes tempos e espaços.

Cria-se, portanto, uma situação em que vários sistemas e vários espaços práticos coexistem. Cada novo agenciamento, cada “máquina tecnosocial” acrescenta um espaço-tempo, uma espécie de cartografia especial e a multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós nômades de um novo estilo. Estilo esse que ainda carece de nome e catalogação. A minha voz autoral ou o meu estilo, que é o modo como eu combino técnicas de escrita com minha identidade e personalidade, estão presente no ritmo e no teor narrativo do romance. Essa desterritorialização, esse entre-lugar, essa multifacetada intersecção declina em vários registros: o das relações entre privado e público, próprio e comum, subjetivo e objetivo, autor e leitor. Então tudo se compartilha, os lugares e tempos se misturam, as fronteiras nítidas dão lugar a uma fractalização, e o *Nanoromance* é uma grande metáfora desse momento, um intertexto gigante que dispara o gatilho da era virtual.

Lina é uma replicante desse novo *modus vivendi*. Carrega o novo desassossegoamento entre a escrita e os *emoticons*, perambula por esses entre-lugares, recolhe algumas energias criativas e tenta transformar em expressão emotiva. Ela é como a verdade que sempre é relativa e provisória. Da fase ágrafa aos apps de hoje (engenhos de apoio à comunicação), temos uma personagem que gosta de escrever, não consegue se concentrar e não sabe como canalizar essa tarefa em algo mais profissional.

Essa questão está relacionada com o Hipertexto. O hipertexto é o termo que remete a um texto, ao qual se agregam outros conjuntos de informação na forma de blocos de textos, palavras, imagens ou sons, cujo acesso se dá por meio de referências específicas e, no meio digital, são denominados *hyperlinks*, ou simplesmente *links*. Esses *links* ocorrem na forma de termos destacados no corpo de texto principal, ícones gráficos ou imagens e tem a função de interconectar os diversos conjuntos de informação. Roland Barthes<sup>24</sup> concebeu em seu livro *S/Z* o conceito de “Lexia”, que seria a ligação de textos com outros textos. Em termos mais simples, o hipertexto é uma ligação que facilita a navegação dos internautas. Um texto pode ter diversas palavras, imagens ou até mesmo sons, que, ao serem clicados, são remetidos para outra página na qual se esclarece com mais precisão o assunto do *link* abordado.

---

<sup>24</sup> BARTHES, Roland. *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

O sistema de hipertexto mais conhecido atualmente é a *World Wide Web* (WWW), no entanto, a Internet não é o único suporte onde esse modelo de organização da informação e produção textual se manifesta.

O prefixo hiper – (sobre, além) remete à superação das limitações da linearidade, ou seja, não sequencial do antigo texto escrito, possibilitando a representação do nosso pensamento, bem como um processo de produção e colaboração entre as pessoas, ou seja, uma (re) construção coletiva. O termo hipertexto, cunhado em 1965, costumeiramente é usado onde o termo hipermídia seria apropriado. O filósofo e sociólogo estadunidense Ted Nelson<sup>25</sup>, pioneiro da tecnologia da informação escreveu:

Atualmente a palavra hipertexto tem sido em geral aceita para textos ramificados e responsivos, mas muito menos usada é a palavra correspondente hipermídia, que significa ramificações e gráficos, filmes e sons responsivos- assim como texto. Em lugar dela usa-se o estranho termo “multimídia interativa”, quatro sílabas mais longas, e que não expressa a ideia de hipertexto estendido.

Um das maiores controvérsias a respeito desse conceito é sobre sua vinculação obrigatória ou não com a internet e outros meios digitais. Alguns autores defendem que o hipertexto acontece apenas nos ambientes digitais, pois estes permitem acesso imediato a qualquer informação. A Internet, através da WWW, seria o meio hipertextual por excelência, uma vez que toda sua lógica de funcionamento está baseada nos *links*.

Todo o processo cognitivo incubado da Lina terá de aparecer nos três nanos romances que ela vai se esforçar para escrever. A mim cabe a tentativa de fazer o pacto ficcional com o leitor e manter minhas promessas de primeiras páginas até o final do romance. Penso em expandir as experiências dos meus leitores que, por meio do *Nanoromance*, poderão excursionar um pouco pelo mundo do escritor e pela possibilidade de trabalhar a escrita pelo meio acadêmico.

De acordo com Wood<sup>26</sup>, “a arte é coisa mais próxima da vida; um modo de aumentar a experiência e ampliar nosso contato com os semelhantes para além de nosso destino pessoal”.

A ideia de aumentar a experiência para além de nosso destino pessoal me fascina. Somos seres escolhidos ou, ainda, “eleitos”, como disse Bibi Ferreira em entrevista, quando perguntaram a ela se se nasce artista. Somos presenteados com inspiração, com conexões cerebrais de teor lírico e com captações sensíveis das distintas esferas do inconsciente, e se

<sup>25</sup> NELSON, Ted. *Libertando-se da prisão da internet*. São Paulo: IMESP/FILE, 2005. p. 97.

<sup>26</sup> WOOD, James. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 150.

tivermos a oportunidade de exercitar o talento com a técnica e equilíbrio, faremos alterações nos impulsos criativos natos - eles deixarão nossas áreas de “zanzar ideias”, que são zonas pulsionais férteis, e se instalarão em cômodos lapidados, resultado do percurso literário elaborado.

O percurso literário, tantas vezes mencionado aqui, é ainda um beco labiríntico. Uma coleção de caminhos curvos, longos, curtos e retos, descidas e subidas, uma montanha russa em espiral na qual, creio eu, andarei a vida toda. Até que, aos poucos, me habitue a este ou àquele percurso, e possa circular pelos caminhos com naturalidade tal que me sinta apta a alterá-los. E eles serão meus favoritos, serão meus caminhos totem (de sorte), meus deslocamentos de estimação, onde alargarei suas ruas estreitas e destruirei fronteiras para passear com tempo e espaço, atalharei por seus becos curvilíneos e chegarei a um excelente conto, ou um bom conjunto de textos, um romance bem efetuado, alguma obra digna de minha decência literária.

Espiarei então por entre os espaços-becos do processo estético e terei certeza de que entreti. A mim, a ti, a vós, leitores, terei, enfim, divertido.

Sendo a função da estética na arte o resultado emocional, preciso untar esses pedaços de vidas, que são as minhas personagens, em uma fôrma bem distribuída e assar a mistura em fogo brando. Como garantir um bolo que não embatume e que não passe do ponto? Mais uma vez, está em jogo a experiência do escritor e a ousadia de seus sensores. É necessário ousar e trasladar do fundo de nossas impressões algum tipo de traço único que sustente o interesse da leitura. Temos também, nós escritores, que *hackear* por *softwares* e sistemas nem sempre padrões. O aporte teórico auxilia no atalho que podemos utilizar e assim como um GPS podemos evitar caminhos errôneos. O *feeling* nos carrega para nosso processo criativo por estradas especiais, mas somente o trabalho e a disciplina nos possibilitarão chegar ao nosso destino literário.

Portanto, depois de *hackear* minha ideia sobre o Nanoromance, usar o GPS para não repetir erros, aceitar meu *feeling* de que estou escrevendo algo que gosto e que me interessa, me resta escrever e reescrever até tornar meu romance em meu embaixador, ou seja, um “sujeito” que representa tudo de um lugar.

O Nanoromance é um título que retoma toda uma performance da personagem que vem tomando espaço desde o meu primeiro livro.

A verdadeira razão pela qual ela deseja ser editada só será revelada no final do meio do livro. Até lá, essa Lina meteórica e “pediophobica” terá de conquistar o leitor pelas suas trapalhadas e suas vontades indomáveis de ser uma aspirante a *best-seller*.

### 3 CONCLUSÃO

A hipermídia constitui-se da união de vários meios (vídeo, som, gráficos, textos) e expõe um percurso não-linear. O assunto sobre a não-linearidade, como alguns autores chamam de multilinearidade, a exemplo de Janet H. Murray, é frequentemente apontado pelos teóricos das novas mídias como uma das principais características dessa nova linguagem<sup>27</sup>.

O Nanoromance é o resultado de algumas bricolagens que, em forma de ficção, unem este conjunto de fragmentações e *attachments*. Este nada mais é do que uma representação do nosso cérebro, ou seja, uma similaridade do pensamento humano. Enquanto escrevo, sou invadida por ideias que não as referentes à própria história que eu estou narrando. Quantas vezes estamos escrevendo e levantamos para olhar um anúncio do jornal, por exemplo, porque nos lembramos de algo. Estamos no meio de uma frase e vamos até a cozinha tomar um café e depois voltamos ao computador. Estamos escrevendo e pensando várias coisas que podem não estar somente relacionadas com a narrativa e que nem sempre hierarquiza nossa ordem de pensamentos. Estas suturas, entrecruzamentos do fazer literário, são interatividades do nosso mecanismo cognitivo que não passam de *hyperlinks* do nosso próprio raciocinar. Estes caminhos, recursos, atalhos intersecções, entre-lugares, hipertextos, enfim, todos os desmembramentos do texto apresentam-se como uma grande metáfora da mente humana.

Nos estudos relacionados às novas mídias digitais, é comum encontrar o termo *Lexia*<sup>28</sup>, um conceito teórico estabelecido por Barthes para a determinação de blocos ou contextos de informações ligadas por meio de links.

Landow<sup>29</sup> discute a questão do “texto ideal” desenvolvido por Barthes como um conceito primordial para compreensão deste novo meio:

Neste texto ideal, emanam as redes que se interagem entre si, sem que nenhuma possa impor-se às demais: este texto é uma galáxia de significantes e não uma estrutura de significados. Não tem princípio, mas diversas vias de acesso, sem que nenhuma delas possa qualificar-se de principal. Os códigos que mobiliza estendem-

---

<sup>27</sup> Janet h. Murray explica a questão referente às formas múltiplas, evita usar o termo não-linear e chama de “multiseqüências” ou “multiformes” as narrativas que proporcionam ao leitor a habilidade de entrar em contato com uma série fixa de eventos de diferentes maneiras, todas elas bem definidas e significativas (MURRAY, 1997, p. 37-39).

<sup>28</sup> Este termo é utilizado por Barthes para designar as unidades de leitura correspondentes a curtos fragmentos contíguos do texto narrativo que permitem ao leitor viver o plural do texto, captar as múltiplas. “Vozes” que nele ecoam, apreender no fragmento descontínuo a ressonância de outros contextos. A *lexia* é, pois, essa unidade que o leitor recorta ao sabor da leitura, e a partir da qual produz uma estrutura móbil das conotações que configuram o caráter plural do texto.

<sup>29</sup> LANDOW, G. *Hipertexto: La convergência de la teoría crítica contemporânea y la tecnología*. Barcelona: Editora Paídos, 1995. p. 15.

se até onde alcança a vista, são intermináveis. Os sistemas de significados só podem surgir deste texto absolutamente plural e ilimitado, já que está baseado na infinitude da linguagem.

Alguns autores mais contemporâneos já há muito utilizam recursos similares que possibilitam dialogar com o leitor de formas distintas. Jennifer Egan, em *A visita cruel do tempo*, utiliza umas cinquenta páginas do seu romance como se fossem gráficos e cartazes. Marcelo Carneiro da Cunha, em *Insônia*, trabalha com um *layout* de *web sites* e usa linguagem de internet. O R. J. Palácio, no *Extraordinário*, trabalha com divisões de páginas e capítulos com cores e sugestões diferentes. A *best-seller* Paula Pimenta em seus quatro livros, *Fazendo meu filme*, vale-se de vários gráficos e tabelas. John Green, autor de *A culpa é das estrelas* e *O teorema Katherine* adere aos desenhos. Fal Azevedo, no livro *Sonhei que a neve fervia*, encontra um ótimo resultado quando usa a interatividade do leitor que provém do seu famoso *blog* <[www.dropsdafal.blogbrasil.com](http://www.dropsdafal.blogbrasil.com)>. Atualmente, então, a busca de conexões entre diferentes contextos tornou-se um procedimento comum. Uma palavra pode aparecer como uma ponte, que sendo “clificada” pelo mouse remete a outras informações.

Lina, a protagonista do Nanoromance, pode usar o *hiperlink* (antigo rodapé) para acrescentar algum valor extra, mas vai proporcionar também ao leitor que quiser vivenciar e seguir os seus gostos, um glossário esparramado de *links*, vídeos, *blogs*, etc. Evidente que pretendo usar a medida do bom senso para não poluir o texto. Por meio destes, também consigo abrir uma porta para o leitor experimentar suas características como a auto-depreciatividade, o gosto musical, as leituras que garimpa na rede, as pessoas com quem interage no *facebook*, as postagens que ela faz no *instagram*, as inseguranças comuns às mulheres, que procura esclarecer no *Google*, e muitas outras facetas desta personagem cuja maior virtude é ser brutalmente honesta.

Entretanto, não pensemos em originalidade. Reinventar a roda seria um erro de iniciante neste caso. Preciso estar ciente de que a ferramenta de estrutura hiper e extratextual já foi muito mais pensada e utilizada do que se imagina. No conto de Jorge Luis Borges<sup>30</sup>, *Os jardins das veredas que se bifurcam* ou no *O jogo de amarelinha*, de Julio Cortazar, alguns fortes componentes de hipertexto se apresentam.

A escolha do *mise en abyme*, os intertextos, a metaliteratura, a estrutura da personagem e todos demais fatores aqui considerados são elementos catalisadores da Escrita Criativa enquanto processo de elaboração do ofício do escritor. O estudo da Escrita Criativa

---

<sup>30</sup> BORGES, Jorge Luis. O jardim das veredas que se bifurcam. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas I: ficções*. São Paulo: Editora Globo, 1998.

por meio de leituras direcionadas e exercícios práticos auxilia o alargamento do vocabulário e a exploração do imaginário, facilitando o trajeto do escritor para alcançar sucesso no seu trabalho.

A “série Nano” é um conjunto de todos esses afazeres literários que registram a época em que a Escrita Criativa está se consolidando no Brasil. Segundo Ezra Pound<sup>31</sup>, os artistas são as antenas da raça.

Penso que o Nanoromance é acima de tudo um exercício de alteridade que trata de um tema simples - a vaidade intelectual permeada pela falta de foco moderna. Se todo o tema é uma interrogação existencial, validar o processo da personagem tentando ser editada é um convite para instigar a Escrita Criativa como uma nova carreira profissional.

A justificativa de escrever o Nanoromance esteve sempre permeada pelo desejo de produzir um romance com um toque levemente humorístico, de fácil leitura e que fornecesse os ingredientes básicos da Escrita Criativa com permissão da regra de ouro da prosa ficcional de que não há regras.

Segundo Milan Kundera<sup>32</sup>, a tentativa de união de uma forma frívola e de um assunto grave auxilia a desvendar alguns dos nossos dramas ao dizer que unir a extrema gravidade da questão e a extrema leveza da forma é a ambição desde sempre.

Lina compõe uma “nanofatia” da geração 2000. Ela pertence ao olhar hipnótico do poder, à exclusão e à angústia de não vencer e de ser excluída, a violação perpétua da vida íntima, a condenação ao conformismo, o caráter fantasmático do real e, sobretudo, a realidade mágica da ficção.

O desejo de ser moderna, atualizada, referência, vencedora, reconhecida, admirada é o pilar dessa história que possibilita que o leitor projete seu ego na personagem.

O meu trabalho é de construir caminhos que levem o leitor a esses submundos ficcionais. O Nanoromance quer salientar egos, ou seja, metamorfosar personalidades, fragmentar e condensar possibilidades, criar relações novas a partir de elementos pré-existentes. “Nanoromancear” é mimetismo puro, é busca de misturas, é jogo de dosagem. Arriscar um romance de variantes é ousadia, acertar o ritmo da narrativa é vencer o ranço do meu primeiro sopro criativo. Como diz Milan Kundera<sup>33</sup>, do esboço à obra, o caminho é feito de joelhos.

---

<sup>31</sup> POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. 11. ed. Apresentação de Augusto de Campos. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Ed. Cultrix, 2006.

<sup>32</sup> KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

<sup>33</sup> *Ibidem*, 1988.



É sempre assim. Ponho-me então a escrever. A inspiração me entrega em mãos o que minha inteligência associativa permite criar. Eu assumo o comando das pontes que construo para transportar as imagens em palavras. Muitas vezes subordino as inúmeras técnicas em prol de uma emoção ética ainda imatura. Fazer o que? Ainda sou uma Lyna Luck quando experimento atravessar as pontes de joelhos. Também adubo vontades.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- \_\_\_\_\_. *O prazer do texto*. Editora Perspectiva: São Paulo, 2002.
- \_\_\_\_\_. *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BORDINI, Maria da Glória. *Criação literária em Érico Veríssimo*. Porto Alegre: LPM, 1995.
- BORGES, Jorge Luis. O jardim das veredas que se bifurcam. In: \_\_\_\_\_. *Obras completas I: ficções*: São Paulo: Editora Globo, 1998.
- DÄLLENBACH, Lucien. *Le recit spéculaire, essai sur la mise en abyme*. Tradução do francês feita pela autora. Paris: Seuil, 1977.
- \_\_\_\_\_. Intertexte et Autotexte. *Poétique*, n.27, p.282-296, 1976.
- GARDNER, John. *A arte da ficção*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- GIDE, André. *Os moedeiros falsos*. [s.l.]: Ed. Estação Liberdade, 2009.
- \_\_\_\_\_. *La tentative amoureuse*. Paris: Stock editora, 1922.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- LANDOW, G. *Hipertexto: la convergência de la teoría crítica contemporânea y la tecnología*. Barcelona: Editora Paídos, 1995.
- LÉVY, Pierre. *O que é virtual?*. São Paulo: Editora 34, 1996.
- NELSON, Ted. *Libertando-se da prisão da internet*. São Paulo: IMESP/FILE, 2005.
- OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.
- POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. 11. ed. Apresentação de Augusto de Campos. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Ed. Cultrix, 2006.
- VILA\_MATAS, Enrique. *Bartleby e companhia*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- WOOD, James. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

WIKIPEDIA. **Base de dados.** Intertextualidade. Disponível em:  
<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Intertextualidade>>. Acesso em: 14 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. **Base de dados.** Pastiche. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pastiche>>.  
Acesso em: 14 nov. 2014.

\_\_\_\_\_. **Base de dados.** Hipertexto. Disponível em: <<http://wikipedia.org/wiki/hipertexto>>.  
Acesso em: 14 nov. 2014.

**APÊNDICE A – NANOROMANCE**

N  
A  
N  
O  
R  
O  
M  
A  
N  
C  
E

V  
A  
N  
E  
S  
S  
A  
  
S  
I  
L  
L  
A

## CAPÍTULO UM

### CENA 1

*Saída - Sala de cinema – Interno - Noite*

Lina, 26 anos, sai da sala de cinema com o amigo Celeb. Os dois nem percebem a quantidade de pessoas que vão deixando as salas, porque estão super entretidos conversando sobre as metáforas do filme.

- LINA: E de que ela morreu? Não entendi!
- CELEB: Também não entendi. Acho que foi do coração. Não deu pra ler porque o fundo era branco. Você não leu também?
- LINA: Não. Mas consegui entender que ela levou uma flechada com veneno. E aquela cena dos pássaros?
- CELEB: Acho que foi pra mostrar a incompreensão do vai-e-vem da vida, sei lá.
- LINA: Na real, eu gostei mais do filme por causa da fotografia. Sabe aquela hora que...
- CELEB: Preciso ir ao banheiro.
- LINA: É lá (aponta pra diagonal).

Os dois encontram o banheiro. A conversa é cortada pela chegada na porta dos toaletes. Feminino do lado esquerdo e Masculino na diagonal da direita.

### CENA 2

LINA vai fazer xixi, olha o celular, tira do modo silencioso. Abre a porta, se olha no espelho. Ajeita o cabelo. Lava as mãos. Sai do toalete feliz. Procura Celeb na saída, mas não o avista de primeira. Aproxima-se da porta do banheiro masculino. Olha um, dois, três saindo e nada do cara.

Resolve ir até o bar que fica na entrada do cinema. Não está lá. Retorna à porta dos banheiros. Fica parada na saída, antes das escadas rolantes. Imagina que ele deve ter encontrado um amigo. Espera. Pensa que ele pode ter tido uma imensa dor de barriga. Ele não aparece.

Passa os olhos pelo restante de pessoas que estão indo em direção às escadas rolantes. Não o encontra. Sente o salto do sapato incomodar. Olha o celular mais uma vez. Decide esperar mais um pouco. Se ele não aparecer, vai mandar um torpedo. Começa a achar estranho o sumiço repentino. Senta num dos *lounges* perto do banheiro. Se convence de que houve alguma coisa. Liga para uma amiga.

- Como assim, desapareceu?
- Vai ver desmaiou? Será? Que eu faço? Chamo quem?
- O funcionário? Que mico... Logo no segundo encontro. Ninguém merece!

Esta foi a conversa imaginária que ela não teve com a amiga. Mandou uma mensagem para ele. Não queria dar uma de histérica e esperou mais um pouco. Nada. Ligou. Nada.

Pensou que ele poderia ser bipolar. Vai ver ele saiu do cinema em outro estado de espírito e, ao sair do banheiro, resolveu ir para casa.

Resolveu procurar ajuda.

- Moço... Olha só, um amigo meu entrou no banheiro, mas não saiu. Será que dava para ir dar uma olhadinha lá e ver se não aconteceu nada com ele?
- Como ele se chama?
- Marcus Roberto. Melhor: Celeb
- Ok.

Instantes depois, o homem sai do banheiro.

- Moça! Moça, não tem ninguém no banheiro.

## **CAPÍTULO DOIS**

Desce os 18 degraus que aparecem na escada rolante. Olha os degraus um por um, pensando em como controlar a contagem dos que se escondem e dos que aparecem. Vira o rosto para trás numa rápida “checagem”. Nos últimos degraus, prepara-se para a multidão que circula nos vãos do shopping. Odeia este aglomerado humano que busca distração nas vitrines. Detesta vitrines. Repara nas colunas de pastilhas de miniazulejos. E com isso se dá conta de que são iguais aos do *lounge* das salas de cinema. Revive o rosto dele entrando no banheiro. Fixa os olhos mais uma vez na caixa de entrada dos e-mails do celular. Checa o *WhatsApp*. Nada. Só as quatro mensagens enviadas para ele. Nenhuma foi devolvida. Alguma coisa estava muito errada. Por quê? Como alguém pode entrar em um banheiro e desaparecer?



Não é rico a ponto de ser raptado nem louco a ponto de ir embora sem avisar. Vai ver ele saiu muito antes de mim do banheiro e também ficou me procurando, e foi embora achando que eu o abandonei ou que eu sou a maluca! É isso. É até provável, mas por que não atende esta porcaria de celular? Será que deixou no modo silencioso? Ou desligou, durante o filme, e acabou esquecendo de ligar?

Por alguns segundos, ficou satisfeita com esta explicação. Não descansou a mente e decidiu entrar na livraria à esquerda - espaço possível para ele também ter passado.

Ele não estava lá. Passou os olhos pelos livros expostos e comprou uma revista.



Chamou um *Easy taxi*.

Foi para casa. Esperou. Esperou. E esperou.

Ficou tarde, colocou então a camiseta de dormir. Pegou o livro para ler. Ligou a tv. Olhou o celular mais inúmeras vezes. Buscou um copo de água. Ia apagar a luz para dormir quando desobedeceu ao controle de não procurá-lo mais. Ligou mais uma vez.

Trim, trim, trim (pelo menos agora não deu na caixa de mensagens)

- Oi, Celeb! O que aconteceu?
- Oi. - (responde uma voz feminina) - com quem você quer falar?
- Com o Celeb. Não é o celular dele? Quem está falando?

Desgraçada, desligou o telefone na minha cara! Vou ligar outra vez, só de raiva. Caixa de mensagem. Invisibilidade de emoções percorrem o pensamento agora, também em caixa de mensagem.

Putz! Como eu sou burra... É claro que o cara tem outra. Eu dando sala *vip* pra ele no meu coração. É um merda de Celeb. Mes-moooo. Por que estes caras se acham?

Resta-me um rivotril. Um não, um e meio. Amanhã tiro este mané do meu *face*.

## CAPÍTULO TRÊS

Era óbvio que o cara não ia ligar. E eu achando que a gente combinava. Como é que um ator de teatro ia encarar uma “séria” comigo?

Hoje preciso de qualquer jeito começar a escrever o romance. Aff! Que falta de concentração! Pelo menos estou com a ambientação perfeita para escrever. Será? *The isolation is the guarantee of poetic creativity*, o tal livro que eu tinha de ler até sábado. A

*isolation* forçada não contribui em nada. Processo criativo, quando se é abandonada em uma saída de banheiro, vira canteiro sem planta.

Quanta besteira se é capaz de escrever quando se está estimulada pelas razões equivocadas do ego. A gente se torna piegasmente insuportável, acaba consumindo clichês feito iogurte e, vacila vomita restos de literatura. WTF (*what a fuck*).

Mas preciso ganhar o foco hoje. Um capítulo por dia não é nada. Se pretendo ser editada tenho que escrever. Se quero ser escritora tenho que estar escritora. Nunca estou! Mas vou começar. Quando descolo uma saída com um cara do teatro que é “íntimo” do roteirista da Globo, o cara me despacha na porta de um banheiro. Miserável.

Melhor pegar um café. Primeiro um som: *Call me maybe* (Carly Era Jepsen). Ligo o *split*. Melhor escrever no I-pad.

## Capítulo Zero



*Joana sai da festa incumbida de entregar a chave do apartamento da vizinha para a sua mãe. Desmancha a cara de bebum e estabelece o jeito. Toca duas vezes a campainha. Ninguém atende. Tenta uma batida mais longa. Nada. Resolve abrir a porta. Anda pela sala chamando a mãe dela, mas ninguém responde. De súbito, enxerga o corpo em meia lua esticado e morto no chão.*

Plim...torpedo da Emília, não vou atender.

Quatro inícios de capítulo um, ou melhor, zero, depois, e nada de ideias decentes. Desisto por hoje. Vou sair para beber algo. Beber para esquecer o golpista do teatro metido a Celeb. Beber para esquecer que não sirvo para escritora. Beber para esquecer, apenas.

Duas quadras e vitrines horrorosas depois, estaciono o corpo no Bar da Leila. Entro. Dou logo de cara com o Maurício- melhor amigo do Celeb.

- Oi.
- E aí?
- Na boa?
- Aham
- Quer beber algo?
- Algooss...
- E aí? Tá saindo com o Celeb?
- (silêncio)

- (mais um silêncio)

- Na real, não.

- Eu liguei pro cara ontem, mas acho que ele está viajando, pois tava com celular desligado.

- Não sei dele, na real, rolou um abandono.

- Abandono? Como assim?

- Pergunta para ele. Vou lá pra trás, beijo.

Pego o drinque azulado e “vazo” pro fundo do bar. Sinto-me mais imbecil ainda. Maldito momento este que estou passando. Bebo muito no gole comprido e esticado que dou. Peço outro. O telefone vibra. Vejo o nome do Celeb.

Desligo o celular. Acabo com mais um drinque.

Dez dias depois, e trabalho num ponto de vista novo. Depois de reler um pedaço de vários capítulos “um” percebo como sou incipiente. Falo tudo da personagem em vez de mostrar. Inicio cenas com a velha fórmula do corpo estendido no chão. Não coloco ação nem conflito. Fica um texto frouxo.

Preciso dar continuidade ao estudo que deixei de lado. O único livro que li desde o final da oficina foi: 90 days to your novel e ainda fiz uma cópia bem mal feita, naquela loja da esquina de casa. Pra variar, não lembro do nome do autor. Ele diz que tem que ter todo um planejamento da personagem, do clímax, do que é cena e o que é cenário, e , ainda, até que cenas individuais têm de ter um começo, um meio e um fim.

Resolvo fazer um timeline de cartolina rosa e coloco na janela do meu quarto. Meu timeline só tem três etapas. A pergunta: o que a personagem quer, tem cinco respostas evasivas e a pergunta: O que eu quero contar está em branco. Acho que isso poderá ser preenchido depois.

Percebo que escrever não é coisa prazerosa e fácil como parecia. Quem disse que parar o tempo e escrever um romance seria uma musse de chocolate?

Ainda mais congestionada pela insistente imagem das portas dos banheiros, em que dois entram e só um sai. Acho que eu deveria ter atendido ao celular quando ele ligou. Agora ele sumiu outra vez. Como tirei ele do Face, do WhatsApp, Pinterest e das contas de e-mail, quando eu tava braba, não tenho acesso a nada que vem dele. Como ele não me segue no Instagram, não vai rolar da gente se falar. Acho muito bizarro ninguém saber dele. Será que aconteceu alguma coisa grave? Assalto? Doença? AVC?

Coisa nenhuma. Vai ver saiu pro sertão para ensaiar com um monte de globista starzinho e simplesmente me deletou. Básico.

Eu é que tô erradézima. Quem mandou fazer as projeções erradas? Passo dois anos querendo sair com o cara e, na segunda saída, vupt, o Celeb desaparece e me desova feito guardanapo de papel. E ainda acho que vou escrever algo que preste.

90 days to your fucking novel não vai acontecer.

## CAPÍTULO QUATRO



Vamos ver quem tá no *Face* agora. Olha, a Melhinha tá de aniversário hj. Vou escrever na linha do tempo dela.

Como é ridícula esta Dora. Ela se acha! Fica postando *selfie* toda hora.

Hum! Amigo do Celeb. No Rio! Será que ele sabe de alguma coisa? Vai ver o bofe tá lá junto. Vou dar uma cutucada nele.

Melhor... Vou falar com a Renata. Ela deve saber dele.

- Oi, querida, sabe onde anda o Celeb?
- não. Pq?
- Aconteceu uma coisa mto bizarra. A gente tava saindo e daí rolou um cine, e depois do filme, banheiro e qdo eu saí do banheiro, ele tinha simplesmente vazado, acredita?
- Sério? Bicho doidão! Eu hein! E vc?
- Fiquei P, claro.
- Olha, já q vc falou, vou te dizer q isto já rolou antes.
- Como assim?
- O cara aprontou a mesma com a Vana, lembra daquela menina bem alta da segunda?

Então. Eles tavam na balada juntos, ele foi ao banheiro, e quando ela viu, o cara sumiu, pode?

- Baita mané. Neguinho deve ser muito bipolar.
- Pior é que ele é chegado nas tipo morena como vc. rrsrs E vc correu atrás?
- Claro que não! Putz, tenho q sair do Face agora, depois falamos, bj



Peno, penso, peno, penso, peno. Penso e peno. Ouço um EMBLEM 3. *You're the only one i want*. Amo este som. Lá Lá Lara Lara llaaaa...Vejo mais umas versões do desaparecimento dele. Resolvo pesquisar sobre o *hipertexto*...Ideia...

Uhum! E da boa!

Vou continuar aquela minha história sobre a Rita. Aquela personagem tinha certa força. Até se parece comigo. Putz, será que vai ficar muito meu alter ego? Tem metragem de complexidade de desejos, posso trabalhar a ideia de acessar uns *links*. Vai que eu me envolva com o *plot* e paro de vez de bancar a idiota ególatra que tem o ego rompido por um Celeb dotado de analfabetismo emotivo.

Isso mesmo. Agora vai!

Vou fazer um cronograma e estipular um horário fixo pra escrever toodos os dias. Não vou atender ao celular . Uma hora por dia daria uns quatro capítulos. Ou seis mais curtos? 128 por semana. *Too much*, aha?! De repente, reduzo pra 30 capítulos por semana. Não! Aí vai ser pouco. Deixa ver.... 50, feito. E, é isso!

Já estou sentindo como é ser um João Emanuel Carneiro.

Produção controlada, forte e foco. Vacila e tomo uns remedinhos pra segurar a onda dos desfocos. Se bem que, ultimamente, eu andava bem concentrada. Este Celeb é que já me desnorteou. Voltando, voltando:

AH! Preciso reduzir bem o tempo de *Face, Instagram e WhatsApp* também. Tiro um dia da ginástica e.... pera: em que turno eu vou escrever? De manhã cedo ou de noite? Cedo, das 6 às 7. Não, não vou conseguir acordar, ainda mais no inverno aqui do sul. Prefiro das 10 às 11 da noite. E sábado me puxo na tarde.

Ok! Tudo se encaixando.

Onde é que tá mesmo aquele texto da Rita?

Preciso reler com atenção. Tenho que achar alguns possíveis erros graves. Será que tem muita clivagem? Eu mesmo devo estar sendo uma. Se sei algumas técnicas de narrativa, não deveria dominar o texto?

Tenho que verificar semelhança de tempo, de espaço e se há verossimilhança no caráter das personagens. Será que coloquei alguma alegoria? Posso pensar em colocar uma complexa. Pior que agora já nem sei se eu sei bem o que é o quê. Melhor dar uma olhada no caderno.

Melhor mesmo é fazer um gráfico com todas as personagens: protagonistas, antagonistas e deuteragonistas. Vou pegar aquela lista dos clichês de palavras. Lembro só de algum tipo: esboçar um sorriso, solteirão empedernido, manhã radiante, uma grata surpresa, rrrrr... coisa horrível.

Tenho que colocar no cartaz o básico: PENTE (na vertical: personagem, enredo, narrador, tempo e espaço).

Posso também procurar em: 36 situações dramáticas do italiano Polti, Georges, alguma outra ideia complementar.

Ah! Tem também aquele material xerocado: Quando surge um conflito?

Isso eu sei: “quando algo acontece e não se esperava”. Beleza. O Celeb. É um conflito em potencial. *Fuck!* Lembrei da aula de como potencializar um conflito! Repetindo. A repetição. O bofe Celeb também passou por este estágio. O conflito é bom quando o leitor diz: E agora? Tá ralado. Só que, neste caso, eu estou ralada, a abandonada fui eu!

Eu curto aquele momento que, em uma narrativa, é possível ir substituindo o adjetivo principal da protagonista. Tipo “raiva”. Dá pra fazer duas listas dos mais *lights*: chateada, irritada, tensa, indigna - adoooooro brincar com as palavras - ou mais fortes: gana de matar, inconformada, desesperada... Acho que no momento tô bem “tipo adjetivos fortes”.

Nossa! Como meu cabelo está escuro. Tinha que dar uma clareada, mas, na real, fico mais pra ruiva, e nunca com mechas loiras.

Mas o que eu ia fazer mesmo?

Perdi! Meu Deus! É bem isso que não pode acontecer... Ah! Já sei. Eu tenho que encontrar o *pen drive* que tem o texto da Rita ou alguma pasta com rascunho. Mas onde?

## CAPÍTULO CINCO

Nestes três *pen drives* não encontrei nada. De repente, pode estar na pasta cinza, na segunda gaveta. Ah! Já sei tá no *pen drive* do curso, o preto pequenininho.

Yes!

Vou ler outra vez.

## Capítulo 1 (Rita)



*...quando me dá uma “louca”, eu saio pra rua pra beijar na boca.*

*E uma calçada, esgotada e com a cabeça virada pra chamar sua atenção.*

*Só de vceeeeeeeeeeeeeee, só de vceeeeeeeeeeeeeee.*

*Saio do dentista. Mais uma etapa do tratamento de canal. Ouço essa música inúmeras vezes enquanto ele trabalha no dente. Suo nas mãos. Tenho medo de dentista. Penso no passado. Especialmente no ano passado.*

*Um ano de muitas dificuldades financeiras. Alguns períodos apenas de mais dinheiro, mas nada que me mandasse a uma viagem para a Europa. Eu tinha uma provocante vontade de viajar para Nova Iorque, Paris, Ibiza ou mesmo Miami. Lá poderia ter ideias mais arrojadas para o meu trabalho e até poder me reinventar com mais facilidade.*

*Não fui a nenhum desses lugares.*

*Fiquei aqui em Porto Alegre em um frio e em uma umidade sem fim. Só trabalhei. Casa-trabalho-eventos-casa.*

*Não me vejo em um trabalho com horário fixo, chefe e/ou com tudo que me prenda por muito tempo. Onde a perenidade pega, eu desapego. Nem sempre ganho dinheiro. Eu sofro.*

*Compro uma série de biquínis (que acabo usando somente no próximo verão), jeans e sapatos. Depois transfiro minhas limitações para a terapia. Acumulo dívidas. Sou mesmo clichê de muitas. Já tentei quebrar o ciclo. Juro que não consigo.*

*Sou lindinha. Inteligente, já não posso afirmar. Esperta, sim. Astuta também.*

*Não. Não tenho filhos. De que jeito?*

*Meus amores também não são resistentes Este é outro mega problema. Como muitas outras, quero e preciso de um “ser masculino” para casar e ter filhos.*

*Sou uma pessoa clara. Efemeríssima. Você imaginou? Meus cabelos são bem castanhos desbotados*

*Então, como eu estava dizendo, me tornei um attachment na vida dos outros. Um alguém a mais que não permanece.*

*Sou muito urbana. Daquelas que gostam de buzina e tudo mais. Se fico em Garopaba por mais de dois dias, já penso em voltar para as minhas coisas na cidade, onde tudo está aberto até tarde, e o barulho completa a solidão.*

*Vejo meu dentista gesticulando com um sorriso médico. Desligo o som. Ele me diz que está pronto. Marcamos um novo horário para a semana que vem.*

*Bato a porta do seu consultório.*

*...quando me dá uma "louca", eu saio pra rua pra beijar na boca...*

## Capítulo 2 (Artur)



*É carnaval. Artur se olha no espelho. Está bonito e diferente. Copiou a personagem do último romance que leu. Um cavaleiro gay medieval. Trouxe de Paris a fantasia. Nunca diria isso a seu filho.*

*Como não consegue deixar de ser gentil, fecha a porta do seu ap. e bate na porta da vizinha de seu andar. Ofereceria uma carona para a festa, se ela estivesse em casa.*

*O baile é particular. Um casal de amigos que todo o ano comemora o carnaval com uma festa à fantasia. Muito glamour, bebida e diversão.*

*Artur decide ir sozinho. Ela não atendeu a porta. Sabe que lá vai encontrar alguns amigos e muitos conhecidos. Volta pra casa. Serve-se de mais um drinque. Sente-se feliz.*

*No carro, dá mais uma olhada no espelho. Funga. Sente o cheiro do repelente que passou nos braços. Detesta mosquitos. A pista de dança certamente seria coberta, mas o espaço ao ar livre, na beira do rio, atrai insetos de verão.*

*Quando chega ao local, estranha a cena. Os convidados (ainda não tão numerosos) seguram uma vela branca. Formam uma roda torta. No centro, um Tim Maia canta freneticamente.*

*Artur recua o pensamento. Por um segundo pensa que errou de lugar.*

*Sai do transe quando uma mulher toca seu ombro.*

*Joana D'arc lhe oferece uma taça de espumante e comenta:*

*- Teremos boas surpresas esta noite. Sou a Rita.*

*- Artur. Prazer.*

*- Estou louca pra ver o pessoal dançar na espuma.*

*Ele não tem a oportunidade de continuar a conversa porque a ligeirinha já tinha se mandado. Vai ao banheiro. Pede mais uma bebida. Procura pela moça.*

*Os convidados vão chegando em grupos. Todos estão bem fantasiados. Avista alguns conhecidos. Torce para não encontrar alguns amigos. Às vezes eles podem ser inconvenientes.*

## Capítulo 3 (Rita)



*Renato!*



*Mas que diabos ele não para de me ligar. Não vou atender. Deixa eu ver: Sem cinto. Blusa básica preta. Está razoável. Esmalte vermelho...*

*Outra ligação.*

*- Fala, Renato!*

*- Não. Tô numa reunião, amor.*

*- Ah! Não posso. Tenho um evento pra assistir daqui a uma hora.*

*- Não. Depois não vai dar. É um desfile e tenho que sair com a produtora.*

*- Mas, o que foi? Alguma coisa errada?*

*- Tá. Amanhã então às cinco.*

*- Beijo, amor.*

*Tuuudo de novo. Botas vermelhas ok, calça sem cinto, blusa preta...*

*Ai! Que dor nas costas. Vou tomar um remédio. Já não basta o bruxismo que o dentista inventou que eu tenho, agora é dor nas costas. Estou-me indo mesmo!*

*Aliás, vou chamar o táxi. Até ele chegar, coloco perfume (adooooo perfume) e organizo a bolsa.*

*Nãooooooooooooooooo!! Se for o Renato outra vez neste raio de celular, eu juro que me separo dele de vez.*

*- Oi,Paulinha! Vou. Estou indo, na verdade. Ia chamar um táxi.*

*- Passa aqui, sério?*

*- Ai, que bom que você resolveu ir.*

*- Quê? Tem uma boa notícia pra me dar! Parou de fumar?*

*- Putz! Claro que não! Só eu pra achar isso!*

*- Tá, então vem logo. Enquanto isso, troco de blusa.*

*- É, estou meio atrapalhada e nervosa. Estou numa roubada com o banco. O meu carro ainda está estragado na oficina, desde a semana passada. Estou devendo uma graninha pro Renato também, sabe como é que é...*

*- Tá, mas depois a gente se fala.*

*- Vem logo. Estou louca pra saber da notícia boa. Fala logo! Saiu tua viagem pra Nova Iorque? Satã sabendo que quero ir junto. Tô treinando todos os dias no #falagringo, quê?*

*- O quê! Fernando de Noronha! Fazer o que lá?*

*- Tá, tá. Desço em 20 minutos.*

*- Tudo bem. Só que você me larga uma dessas e quer que eu desligue!*

*- Tá. 20 minutinhos.*

*- Bj.*

## Capítulo 4 (Artur)



*O gay medieval perde Joana D'arc na pequena multidão. Vela a ausência dela por alguns segundos. Avista um conhecido na mesa da direita. É tarde demais pra fingir que não viu. Ele sabe que vai rolar um aditivo. Prefere buscar outra bebida. Começa a se divertir com a fantasia dos outros convidados. A música acelera o ritmo. Descobre que o cover do Tim Maia tinha sido ideia da promoter. As velas, uma homenagem ao cantor. Mais convidados chegam. As pistas de dança ainda estão meio vazias. Os copos cheios. A estranha tinha dito alguma coisa sobre espuma. Seria uma nova bebida?*

*Repara numa morena vestida de Mulher Maravilha. Passa os olhos por um cachorro peludo. Pensa que o cara está passando calor dentro da fantasia.*

*Um mendigo estilizado para na sua frente e olha seus sapatos.*

*Aos poucos, os DJs começam a embalar os convidados. Alguns já estão bêbados e dançam à vontade o samba. Muitos dão risadas com a fantasia alheia. O mendigo dança ao seu lado. Drinques depois e a mais, a festa inteira está nas pistas. Vai ao banheiro.*

*De repente, espumas saem dos quatro cantos de uma das pistas de dança.*

*Lobo Mau e Chapeuzinho Vermelho se divertem com os flocos de espuma. Artur dança perto do mendigo. Trocam algumas palavras. Param de dançar.*

*Quando Artur dá o último passo para sair da pista, escorrega e cai para trás. Sente vergonha e dor. Não foi um tombo alegre. Os mais próximos percebem e tentam ajudar. O mendigo consegue levantá-lo. Os dois sentam no foutton xadrez ao lado do bar. A zebra corre pra frente da casa onde está estacionada a ambulância e pede ajuda.*

*O tempo demora a passar. Artur tira o sapato e coloca o gelo que o mendigo pegou no bar.*

*Joana D'arc reaparece com seus olhos de couro e sobrelha torta.*

*Põe a mão na perna de Artur e diz:*

*- Acho que não tive uma boa ideia.*

*Artur fica inquieto com a presença dela. Ia questionar sobre algo quando o walk talk dela tocou. Ela já não tinha mais atenção para ele e estava sumindo outra vez.*

*Mais pessoas estavam agora olhando pra ele. Bebeu mais um copo de espumante. O que queria mesmo era uísque. Sentia*

*dor. Conseguiu ir caminhando até o lounge. Não queria ir embora, mas também não conseguia relaxar.*

*Viu a vizinha do prédio dançando com Santos Dumont. Fez sinal para ela. Ela veio até ele rebolando ao som da música.*

*Bateram um papo curtinho e combinaram de voltar para casa juntos. Ela dirigindo, naturalmente. Em seguida, se deu conta de que a vizinha estava bêbada. Melhor seria deixar o carro e usar o serviço de van.*

*Cinco da manhã em casa, com pé para cima, um mendigo na memória e uma Joana D'arc no pensamento. Artur perde o sono mais uma noite e, provavelmente, perderia o show da Rita Lee na sexta-feira. E as muletas? A ansiedade aumentava. Abre a gaveta da mesa de cabeceira, tira o remédio de dormir. Toma inteiro. Dorme.*

## Capítulo 5 (Rita)



*Chovia.*

*Chuva na diagonal, daquelas de três dias, e vento de entortar até sombrinha que não é de camelô.*

*Entro no carro da Paulinha. Sinto o forte cheiro de cigarro de sempre. Já saio perguntando sobre o assunto Noronha.*

*- Desembucha, vai.*

*- Vou pra Fernando de Noronha analisar o Centro de visitantes do projeto Tamar.*

*- Sério! Quando?*

*- Acho que daqui a 20 dias. Vai depender deles lá. Quer ir junto?*

*- Tá maluca? Eu, Noronha! Você está careca de saber que eu não curto lugar de natureza. Mosquito com peixe e lagartos devem ser insuportáveis mesmo naquele paraíso.*

*- Que chatona você, hein!*

*Paulinha desata a falar do trabalho que vai fazer lá, da grana que vai ganhar e de um cara chamado Patrick que ela está de olho e que trabalha no escritório do Tamar.*

*Chegam ao desfile. Paula circula entre os convidados alternativos, mesmo reclamando de dor nas pernas. Paulinha fica mais na parte da direita onde estão os comes e bebes e gosta da sensação de não estar trabalhando. Pensa em Renato. O que fazer desta relação molenga? A Paulinha é que está certa. Vai dar um break na rotina lá no outro canto do Brasil. Eu queria estar cheia da grana como ela. Será que Noronha é legal mesmo? Dizem que é maravilhoso, mas praia! Só praia? Credo!*

*Essa bunda que está despencada no meu corpo não deveria ser minha. Só porque não vou à academia há alguns*

*meses, ela precisa descer desse jeito? Que horror! Aquela modelo de skinny tá arrasando. Um bumbum que preenche o bolso no tamanho certo. De hoje não passo. Dou um jeito na vida, na academia, na conta-corrente, no namorado. Vou colocar tudo em ordem.*

*- Oi!*

*- Fala, Ritinha - diz Paula animada.*

*- Tá curtindo?*

*- Estou.*

*- Então vamos dar uma volta.*

*- Sabe que eu estava aqui pensando, com meu drink, vou chegar em casa e ajeitar essa minha vida. Vou até seguir o teu conselho e pegar outras parcerias.*

*- Tá, Ritinha, mas agora volta, tá querida. Aterrissa aqui no evento e vem, vamos sair daqui.*

*O telefone toca e depois de conseguir encontrá-lo na bolsa e ver que não era o Renato, identifico a chamada de papai.*

*- Oi, pai! Você aqui? Que bom! Lógico! Tá, pai. Pega a chave com a Zuleika no apto do zelador. Tá. Daqui a uma horinha estou chegando aí.*

## **Capítulo 6 (Artur)**



*Chove.*

*Tanto quanto Poa sabe chover. O tornozelo dói. A umidade está forte. Preciso tomar um banho pra ir trabalhar. Busco dois sacos plásticos de supermercado. Ensaco a perna imobilizada. Não tenho coragem de tirar a tala. Manco da cozinha até o banheiro. Abro a porta do box. Estudo o melhor modo de tomar banho sem molhar a tala. Se ficasse em pé na água, ela entraria aos poucos até escorregar da coxa para o joelho e perna abaixo. Notei que o dedão do pé estava escurecido.*

*O chuveiro fica dentro da banheira. Achei melhor sentar na borda da banheira. Pronto. A minha metade esquerda já pode tomar banho. Puxo a mangueirinha e o espacato resiste até o final do banho. Lembrei de ligar para minha secretária, que estará me esperando em frente ao escritório com as muletas já alugadas. Ela já tinha providenciado o resgate do carro na festa, o que me deixara bastante aliviado.*

*Vestido com a perna direita da calça jeans e a esquerda aberta até a altura do joelho, chamo o táxi.*

*O trabalho foi contínuo até às 19 horas. Meu pé latejava. Cheguei em casa e coloquei a perna para cima. Demorei para relaxar. Queria tomar um drinque, mas tinha prometido não beber nada de álcool até sexta-feira. Acho que adormeci depois*

*de uns vinte minutos porque acordei pensando no show, e o pé ainda estava no puff marrom.*

*Fui para cama com a certeza de que os medicamentos fariam efeito amanhã e não teria dores fortes no show da Rita Lee.*

### Capítulo 7 (Rita)



*Que saudades! Não acredito! Você aqui! Coisa boa!*

*Um abraço forte diminuiu toda a saudade. Mesmo assim nunca consigo vê-lo sem lembrar a morte da mamãe.*

*- Quanto tempo você vai ficar?*

*- Só dez dias, por quê?*

*- Vem. Senta aqui.*

*Mago também entendeu o que eu falei e se postou bem ao lado das pernas do papai. Saramago é um gato de benefício. Não é peludo nem bonito. É fiel e inteligente, como o escritor.*

*Desligo o pensamento do felino e volto a atenção integral para papai. Ele está um pouco mais gordo que da última vez em que o vi, e com o rosto menos cansado.*

*Ele diz que veio para algumas reuniões e para o casamento de uns amigos. Fala um pouco sobre os negócios e sobre a vida atribulada de Minas Gerais. Ofereço uma bebida ou um lanche. Ele recusa os dois. Insiste em dormir no hotel, mas eu o convenço a ficar aqui. Conversamos por mais uma meia hora e, antes de tomar banho, dou-lhe um beijo prolongado na bochecha.*

*Porcaria de chuveiro elétrico. Que frio! Queria me mudar para o Rio de Janeiro. Garanto que lá eu ganho muito mais dinheiro e não sofro com o inverno.*

*Que é isso! Uma miniminhoca? Larva preta? Do quê? Que nojo!*

*Como vou tomar um banho sossegada com este bicho dentro do box.*

*Mago, vem. Vem. Você não come esta minhoca? Vai. Come. Deve ser gostoso para gatos.*

*Putz! Então tá. Não vou tomar banho agora.*

*Me olho no espelho e me envelheço mais do que estou. Ando muito reclamona. Não estou numa fase muito feliz.*

*Saio do banheiro e me dou conta de que tenho um homem em casa. Pai! Tira pra mim este bicho daqui!*

*Sai a minhoquinha do box. Sai papai do banheiro. Entra Mago outra vez.*

*Embaixo do chuveiro penso ainda mais rápido. São ideias fast made. Junto um monte de pensamentos e tento dar sentido aos meus devaneios.*

*Às vezes saio com alguma ideia criativa para os eventos. Isso me rende um bom troco. A única ideia, porém, que me pareceu interessante, foi a de pedir para o papai uma grana pra pagar algumas contas. Ele me ajudaria sem fazer nenhum interrogatório.*

*Lembro de colocar no papel todas as ideias para os brindes da gincana de aniversário da cliente do dia 18 e das lembrancinhas das bodas da Sônia. Ambos teriam que ser alguma coisa mais sofisticada e original.*

## **Capítulo 8 (Artur)**



*Chegamos ao local do show bem antes do imaginado. Pegamos a fila de entrada ainda bem curta. Fiquei a maior parte do tempo sentado. Quando chegou perto da nossa vez de entrar no teatro, fui para a fila.*

*Três metros antes de entregar o ingresso, uma mulher mal-educada sorratamente tenta se infiltrar na minha frente para furar a fila.*

*- Ei!*

*Ela nada respondeu. Ao contrário, a maldita deu mais um passo e se colocou na minha dianteira como se estivesse ali esperando há duas horas.*

*- Ei! Falei um pouco mais alto. Eu não podia bater no ombro dela porque eu estava segurando as muletas.*

*- Moça! Você está furando a fila. Pô, eu tô aqui e...*

*Suspendi o resto da frase quando a cara de pau se virou lentamente pra me olhar com uma imensa sobrancelha torta.*

*- Sorry! Olha, eu cheguei atrasada, mas eu tenho dois convites para a área vip. Toma. Eu te dou um.*

*- Rita. Rita! Aqui...*

*Alguém está me chamando. Sorry mais uma vez. Oh.*

*Artur fica com o convite no bolso da camisa onde ela colocou e a boca aberta de rever a estranha que aparece e desaparece nos momentos mais negativos de sua existência.*

*Os amigos, em seguida, perguntam de onde ele a conhece.*

*Ele mal consegue responder e prefere dizer que não a conhece. Pede um drinque.*

*Rita Lee faz um show espetacular. Inunda a música brasileira de alto astral e faz desaparecer qualquer vestígio de idade entre o público. Poucos ficam sentados. Artur tenta dançar, mas fica sentado na maior parte do tempo. Nenhum dos*

*amigos quis ir para a área vip. Bebe mais um pouco. Queria ir ao banheiro, mas se dá conta da enorme dificuldade de deslocamento ali.*

*Sente-se cansado. Depois do show vai para casa. Põe uma lasanha no micro-ondas. Confere os e-mails. Liga a TV.*

*Pensa na Rita não Lee. Gosta do jeito dela. Tem uma descartabilidade que mexe com ele. Perto da presença dela sente-se vulnerável e feliz.*

Aí, cansei. Hoje já rendeu uns bons capítulos. Posso sair para comemorar. Vou mandar um *whats* pra Nani.

Que é isso? Esta porcaria tinha que abrir bem numa mensagem pro Celeb. Mensagem que eu mandei, que ridícula!

(acontece, *amor*, que sou portátil: serra, praia e pampa) Eu achando que ia conquistar o *heart* do Celeb. Que nojo!

Volta – concentra - foco

Mandar um *whats* pra Nani...

- Bora tomar algo, precisando refrescar as ideias.

- Sem chance. Tô *busy*, amanhã?

- Não dá.

- Td bem aí?

- Médio. Tô querendo esquecer...

- Vai ser ruim, amiga, o Celeb voltou, sabia?

- Voltou de onde? Que papo é este?

- O cara tava em Rondônia.

- Fala sério!

- Verdade.

- Fazendo o q?

- Uma reunião, ele falou pro Tonho.

- Ferrou.

- Fica serena aí e deixa a coisa rolar.

- Não quero saber deste mané.

- Tô indo pra aula, falamos depois, bj.

-Bj.

Putaqopariu. Por que não ficou por lá? Podia ter se encantado por uma nativa, ter marcado uma janta com ela e, quando ele fosse ao banheiro, zupti, sumiria e deixaria a nativa esperando feito boba, como eu?!

## CAPÍTULO SEIS

Não acreditooo.

Seis ligações do Celeb. Não vou atender meeeesmo, cara de pau.

Vou direto pro banho e depois assistir ao documentário sobre a favela.

Mais tarde, vou ler um pouco sobre a teoria da criatividade, e vou dormir cedo.

Vou deixar capítulos que arrumei hoje descansarem um dia. Amanhã releio pra cortar alguns excessos.

- Alôoo. Quem?

- Oi.(cara de ódiiiio) como é que eu não pensei nisso (Celeb que se preste ia pegar o telefone de alguém porque viu que eu não ia atender se fosse número dele).

- Ah. Em Rondônia... Ahã, olha, não tô a fim de falar agora.

- Blá blá blá blá...

- Vamos deixar assim, beleza?

- Blá blá blá (mais choroso) e mais blá blá blá apelativo.

- Nãoooooooooooo.

- Blá, só mais uma vez, deixa de ser teimosa, preciso te explicar o que houve. Pô, eu tava lá do lado de Mato Grosso e quase no Acre só pensando na gente.

- Não precisa esta. A gente é amigo. Na boa.

- Por favor, Lina. O que custa pra você? Que birrenta, caramba. Eu fui assaltado dentro do banheiro... Mas não queria te contar por telefone. Neguinho levou minha carteira e celular, pô.

- Tá, conta outra, tá me zoando forte?

- Olha só, só uma saída pra tomar um café então, *please*.

- Não, obrigada.

- (silêncio)

- Lina? Lina? Vc tá aí?



- Tô,... Tenho que desligar.

- Pera. Um cafezinho às quatro, amanhã, na esquina, por favor, aí não te incomodo mais.

- Tá.

Ferrou. Caí no papo deste Celeb. mané.

Outro rivotril para dormir logo e apagar da mente o que aconteceu hoje.

Amanhã eu invento uma desculpa e não vou.

Mas fui! E ouvi toda uma versão muito da charmosa sobre a corrida dos Jericos motorizados na Festa do Jericó.

Jerico este, cuja engenharia (diz ele) foi feita por mecânicos locais com várias peças de carros diferentes, para ser adaptado ao trabalho no campo e nas maltratadas estradas de terra que existiam nos primórdios do estado de Rondônia.

Tudo isso depois de eu ter mandado uma mensagem avisando que eu não poderia ir. O que, pra mim, já foi o auge da consideração, já que ele sequer me mandou um torpedo pra me avisar que ia me deixar plantada na porta do banheiro.

Mas quando eu saí de casa para ir ao super, quem estava lá embaixo com uma bonequinha na mão?

- Oh! Trouxe pra você. São bonecas Esperança. Brinquedinhos das meninas da região.

Fiquei tão sem jeito que peguei a tal boneca Esperança na mão e fiquei olhando o *shape* magro e feito de retalhos.

- Obrigada. Você não recebeu meu torpedo?

- Não, vim direto.

Por que será que eu não previ que isso podia acontecer?

Depois de um desdobre ainda mais convincente, fomos eu e a boneca esperança até o bar da Leila. De lá a uns três copos de vinho, tudo pareceu ser muito mais simples, e minhas broncas foram bem menos eficientes do que o prazer de estar com ele.

E voltei para casa feliz. E saímos mais duas vezes. E todos os meus planos de acabar a vida ao lado de um Celeb estavam ativados outra vez. Até que...

*Link: Melhor receber uma dose de Braking Brad. Apparat – goodbye*

([www.youtube.com](http://www.youtube.com))

Falamos depois. Capítulo seis – momentaneamente - suspenso.

## CAPÍTULO SETE

...até que a gente saiu uma terceira vez e o retardado entrou no banheiro e levou um bom tempo para sair. Eu já tava indo embora quando ele surgiu com uma cara muito séria e um olhar meio arregalado.

Não falei nada. Nem ele. Não fiz perguntas. Apenas falei que eu queria ir para casa. Ele me deixou em casa e disse que me ligaria amanhã. Deu-me um beijo rápido.

Não consegui dormir. Abri uma coca *diet* e resolvi revisar os capítulos anteriores. Também não estava muito animada para me concentrar no texto, mas sei que o negócio é começar, porque depois a gente engrena. O que a ficção sempre tem de bom é que ela resolve o que a realidade adia. Na fantasia resolvemos e fazemos o que se quer fazer, na hora que se quer. Quem manda na personagem sou eu, e “Rita” tem bem mais possibilidades de se dar bem do que eu. Então, me imbuí do espírito da personagem e plof, esqueci um pouco a vida real. Como minha durabilidade de concentração é micro, quatro minutos depois, tive a ideia de anotar algumas coisas sobre os capítulos anteriores e fiz:

Observações severas da Lyna, e não tão severas sobre romance:

Título- fraco

Primeiro capítulo: ainda inconsistente, mas leve - ok

Segundo capítulo: Apresentação de outro protagonista. Mescla intercalada de narradores em primeira e segunda pessoa e personagens dever ser muito bem trabalhada para não atrapalhar e confundir leitor.

Anotações da personagem: 32 anos (posso trocar para 38?)

Ela será mais uma portadora descolada de urban life style. Curte body art. Vai fazer mais tatoo – nada disso eu coloquei no texto. É adepta ao estilo high tech aparatos e aplicativos, e quer muito um Google glass. Talvez vá fazer um curso de DJ em L.A.

\*Tenho que identificar a perspectiva do narrador.

Capítulo 3: aumentar – mto. Curto

Capítulo 4 e 5: estão ok, bom ritmo, mas capítulo 5 muitos diminutivos, tem que arrumar.

Capítulo 6:(rever)

ObS. Importante: criar melhores aspectos físicos do antagonista. Aspectos que a própria personagem possa controlar: um executivo com um bolso costurado só de um lado é alguém que não dá importância à opinião dos outros/cabelos crespos grossos e feios, olhos castanhos e boca com cicatriz, são aspectos independentes da personagem

Capítulo 7: bom final (linkar c 8)

Capítulos em geral são curtos, não crescem!

Agora tô ficando cansada. Vou jogar um *fireboy and water girl*.

## CAPÍTULO OITO

Depois de ter saído com o Celeb, e ter visto o cara de olho arregalado saindo do banheiro, ter feito observações importantes do meu romance da Rita, enfiei a cara no computador e nem sei como me encarnei nos capítulos 8, 9 e 10. Quando vi, escrevi o 11, o 12 e o 13. Acho que foi efeito da Ritalina. Tomei um café pra garantir, pois é claro que o efeito “concentração” ia passar, porque cabeça de hiperativa não sossega. Mas voltei e consegui abusar do foco e fiz o 14 e o 15. Eu tava mega *volts* e aproveitei as conexões cerebrais, e escrevi como nunca. Eu me senti escritora desta vez, pois realmente jorrei frases e tive aquela dor nas costas.

Agora melhor reler os capítulos pra ter uma ideia mais concreta do que surgiu do meu impulso criativo. Pela primeira vez, adquiri confiança e pensei em me especializar na Escrita Terapêutica. Opa! Ato falho: Escrita criativa. Quem sabe, no futuro, poderia tentar passar na seleção para mestrado em Escrita Criativa! Dizem que tem um aqui em Porto Alegre que é o primeiro do Brasil.

### Capítulo 9 (Rita)



*Oi, amor!*

*Renato, como vc tá lindinho. Que saudades.*

*É assim que fico de elogio em elogio tentando aliviar minha culpa de namorada sumida. Elevo a autoestima alheia sempre que preciso recuperar uma mancada que dou.*

*Ele, carente e apaixonado, ama minhas gracinhas e parece esquecer da gravidade da minha falta de atenção e ausência.*

*Eu como não sei bem o que fazer com este namorado, ganho tempo e ligo no enrolation cada vez que me encontro com ele.*

*Comento sobre o tratamento de canal que estou fazendo, do último evento na festa de carnaval (ele, é claro, gostou de ter ido, mesmo eu não dando muita atenção), a chegada do papai, da ida da Paulinha a Fernando de Noronha e tantos outros pequenos acontecimentos que vou empilhando para nem dar tempo de ele me questionar sobre nossa relação. Tem funcionado!*

*Nosso encontro termina como uma reunião de negócios. Sabe aquele modo em que todos alinhavam a próxima reunião? A conversa não minguou e demos um beijo longo e sem sabor. Rumamos para vidas e lados diferentes.*

*Chego em casa e aprecio papai instalado na frente da TV com uma cumbuca de sorvete, ainda, Mago bem aboletado, grudado em sua perna. Fico alegre. Convido para uma pizza. Adoro serviços delivery.*

*Também telefono para Paulinha na intenção de convidá-la para a pizza. Ela não atendeu o celular. Não estava em casa.*

*Troco de roupa e coloco meu abrigo-pijama e as meias com bolinhas antiderrapantes. Acomodo-me no sofá e faço questão de aproveitar minha noite caseira com papai.*

*Onze e trinta da noite, quando estávamos já na cama, o telefone fixo tocou.*

*Paulinha estava chorando. Disse que a dor nas pernas tinha piorado muito. Estava indo para o hospital. Apavorada, me ofereci para acompanhá-la. Não quis. Preferiu ir com a mãe. Percebi que ela estava com muito medo.*

*Depois do telefonema andei pela casa sem parar e sem nenhum sono.*

## **Capítulo 10 (Artur)**



*Tenho cinco grandes reuniões marcadas para hoje. Consegui transferir duas para o meu escritório. A perna ainda incomoda. Tenho hora no traumato amanhã. Quem sabe ele alivia a tala.*

*A principal reunião de hoje é com o diretor do Projeto Tamar, de Fernando de Noronha. Pelos e-mails e telefonemas anteriores pude perceber o tamanho do pedido deles. Vamos precisar de toda a equipe de criação para elaborar esta demanda. Nunca pensei que seríamos solicitados para representar através de brindes a vida de seres marinhos e suas ramificações. A quantidade será elevada. A exigência também.*

*Por sorte, tenho um time de profissionais muito bem preparados.*

*No almoço troco algumas ideias com colegas. Penso na moça furona de fila. Imagino seu jeito de vestir. Assim como em uma bonequinha de internet, faço nela troca de roupas imaginárias (virtuais).*

*Mordo um pedaço de carne com força. Faço a mesma força para mudar de pensamento. Alguém me pergunta alguma coisa. Volto a atenção para os amigos e paro de despir a furona.*

*A tarde passa rapidamente. São três, são quatro, são cinco e quarenta. Recebo o telefonema do meu filho, o que me deixa bastante feliz. Não tenho tido muitas oportunidades de estar com ele.*

*A reunião do Tamar é adiada para amanhã, às 9h. O diretor não conseguiu chegar a tempo em Porto Alegre. Os voos estavam atrasados.*

*Melhor assim. Eu teria mais uma noite para pesquisar algumas ideias originais.*

*Ao sair do escritório às 19 horas, passei na academia para falar com alguns amigos. Minha vida sempre deixou brechas para a companhia alheia. Há muito eu estava sem namorada. Para ser mais preciso, desde que me separei da mãe do Antônio. Acabo fazendo umas noites fortes e as mulheres não me aguentam por muito tempo. Não posso dizer que sou o tipo de homem que elas gostariam de se casar.*

*Sinto-me melhor sozinho. Meu humor não sai do controle e não preciso provar a cada dia o quanto amo alguém. Vou ao psiquiatra, tomo meus remédios.*

*Desta vez cheguei em casa inquieto e sem fome para jantar. Fui à vizinha da frente pedir um pouco de vodka. Ela compartilhou da minha vontade de tomar caipirinha e mais tarde dividiu comigo a vontade de ir para cama.*

*Dormi cedo, meio bêbado e nada inspirado para a reunião do dia seguinte.*

## **Capítulo 11 (Rita)**



*Se todo desejo fosse satisfeito, eu estaria agora em Paris com um gato maravilhosamente bem vestido, no Budda Bar, rodeada de luzes alaranjadas e com uma vontade de transar bem brasileira.*

*Em vez disso, estou no hospital, nervosa com a internação da minha amiga. Depois de vinte e cinco minutos de longa espera e aflição, sai a mãe dela de dentro do quarto ao lado do médico. Ambos pareciam desapontados.*

*Fico fazendo rolinhos nos pensamentos. Esfrego a sobancelha. O médico segue para a esquerda e Dona Matilde vem ao meu encontro. Não faz menção de entrar no quarto.*

*Me avisa que a filha está sedada. Tem muita dor, acrescenta ela, sentando no único banco do corredor. Faço o mesmo.*

- Afinal, o que ela tem?
- Buerger.
- O quê?

- Buerger é tipo uma trombose inflamatória que afeta as artérias e as veias das pernas ou braços. Lembra que ela vive reclamando de dor nas pernas? – pergunta uma Dona Matilde, agora muito mais velha.

- Isso parece grave-. Arrisco dizer

- É e não é. Segundo o médico e os exames, uma cirurgia pode ajudar.

- Mas por que ela tem isso?

- Cigarro é uma das possíveis causas.

- Sério?!

- É. Agora temos que esperar o resultado dos outros exames. Ela vai ficar aqui pelo menos mais 24 horas. Conforme os resultados e o efeito da medicação vão dar alta ou não.

- Que coisa! Exclamo sem saber mais o que falar e acrescento num tom inconformado: - mas de uma hora pra outra!

- Ela fuma muito.

Desta vez nada respondo. Fico ali parada ao lado dela. Sinto-me culpada também. Não sei bem o porquê.

Resolvo ir embora, depois de um longo silêncio. Peço para ela dizer à Paulinha que estive aqui. Liguei antes para ver se posso entrar no quarto. Quero muito falar com ela. Coitada da minha amiga.

Passo numa lan house antes. Tomo dois cafés. Procuo na internet modelos de brindes para as festas. Preciso apresentar brindes impactantes.

## Capítulo 12 (Artur)



A reunião do projeto Tamar levou uma hora e tanto. Entre cafés, cigarros e perguntas, chegamos a um primeiro acordo. Eu teria de ir até Noronha para agradar ao cliente e ver de perto a necessidade deles. De início, neguei. Ofereci outras soluções. Com VC (video conference), o virtual hoje em dia supre várias lacunas e torna-se fácil resolver situações que deveriam ser in-loco. Evita-se deslocamento. Na pior opção, envio outra pessoa em meu lugar.

Argumentei que estava com a perna machucada e que talvez uma das meninas pudesse ir. Ele se mostrou bastante desapontado e, por experiência, percebi que perderia um cliente importante.

Aceitei o convite, por ora. Por dentro, me reciclaria aos poucos.

Não gosto de viajar. Minha rotina é bem-vinda. Tenho verdadeira ojeriza a avião. Minha conexão com animais e

*natureza é raramente prazerosa. Ademais, não sou um cara praiano.*

*Estas alegações, entretanto, não seriam convincentes em um negócio deste patamar.*

*Marcamos minha suposta ida para o início do mês que vem. Isso se o médico me liberasse para viajar. Noronha, com cereza, não teria escada rolante.*

*Jantei com meu filho. Ele parecia muito excitado com os novos games da internet e a gincana no colégio.*

*Expliquei para ele como tinha sido meu machucado na perna. Por sorte, já estava ficando bom e o médico já tinha removido a tala. Com fisioterapia e cuidados logo estaria perfeito. Não foi nada tão grave. Ele achou graça quando contei sobre a parte da espuma. Espero que não tenha a ideia de fazer o mesmo em casa.*

*Contei também que talvez fosse viajar no mês que vem. Ele, ao contrário de mim, adorou a ideia. Fez até uma lista de encomendas. Fiquei surpreso com o que ele sabia sobre a vida marinha.*

*De um modo ou de outro, me sentiria sozinho por lá. Uma versão do paraíso sem Eva deveria desembocar numa nostalgia de projeções. Tenho me sentindo vulnerável. Quando tentamos quebrar alguns vícios, nosso lado emotivo aciona uma fraqueza nem sempre agradável. Se as emoções muitas vezes são indomadas quando nosso dia a dia é previsível, quiçá sobre holofote estrangeiro.*

*Deixei o menino em casa. O pensamento sobre Noronha me seguiu até lá.*

*Não bebi nada. Não fiz a série de braços que eu tinha que fazer na academia. Não me senti tentado a transgredir.*

*Na hora de dormir, porém, o travesseiro se encarregou de fazer o download.*

*Adormecia a caminho do paraíso não desejado.*

### **Capítulo 13 (Rita)**



*Abri os olhos e me vi no espelho. Ao redor dele, eu tinha escrito palavras soltas na parede que contornavam a moldura de madeira. Amizade – inteligência – sorriso – esforço – trabalho - dignidade e um monte de outras palavras que faziam a volta até fechar o retângulo em torno da moldura.*

*Como o espelho fica na frente da minha cama, eu acordo todas as manhãs e, ao sentar na cama, a primeira coisa que enxergo c'est moi. Acho que não foi um jeito muito interessante de me avistar.*

*Nesta manhã, porém, em vez de ler as palavras, lembrei da frase da Coco Chanel que diz: "Quando a paixão se vai, permanece o tédio. E tudo acaba, mesmo que continue"*

*Com essa me levantei, me olhei mais uma vez no espelho e me jurei terminar com o Renato assim que o encontrasse.*

*A caminho do banheiro, e apurada para fazer xixi, atendi o celular que tocava sem parar.*

*Era a mãe da Paulinha, queria que eu fosse até o hospital para ficar com ela, porque precisava passar em casa para tomar banho e pegar algumas roupas. Não consegui imaginar minha amiga mais um dia naquele hospital.*

*Cancelei meus compromissos da manhã. Eu já tinha ideia de quais brindes oferecer nos eventos. Os das bodas da Sônia seriam mais complicados de executar, mas os da Cláudia seriam bem barbada.*

*- Onde fica o quarto 202, por favor?*

*Segui até o final do corredor e bati duas vezes na porta antes de entrar. Dona Matilde abriu a porta e fez sinal para fazer silêncio. Paulinha dormia. Saímos as duas do quarto para conversar melhor lá fora. Não havia nenhum recanto de tranquilidade no olhar dela.*

*O médico tinha passado bem cedo. Os exames ainda não estavam todos prontos. Alguns deles já confirmavam a gravidade da doença. Minhas sinapses miscigenadas de medo e de insegurança não me deixavam fazer perguntas a ela. Fiquei calada mais uma vez.*

*Ela me deixou com algumas recomendações. Uma junta médica decidiria, à tarde, o tratamento adequado para ela.*

*Permaneci ali fora mais uns minutos como se precisasse me preparar para uma palestra. Ensaiei alguns assuntos para falar com minha amiga. Esterilizei meus pensamentos mais negativos e me muni de assuntos que podiam ser mais engraçados. Queria distraí-la. A mim também.*

*Entrei, finalmente, no quarto. E junto comigo uma enfermeira mediu a temperatura e a pressão sanguínea.*

*Uma Paulinha sedada e lenta abriu e fechou os olhos. Vi que me viu, mas não reagiu com alegria. Dormiu outra vez.*

*Fiquei ali remexendo na minha vida. Fazia tempo que eu não ficava quieta com meus fantasmas. Recordei a paixão que Renato tinha por mim no início da relação. Ele sempre foi muito mais apaixonado por mim do que eu por ele. Incomodava-me a constatação de que ele já não me sentia tão especial e única, como eu tinha sido para ele na fase do deslumbramento. Percebi, mais uma vez, que sempre que um dos meus namorados já não babava tanto "na minha" eu me desapaixionava por eles. O que me deixou certa de que eu era apenas apaixonada pelo que eles sentiam por mim. Ego. Ego solto. Ego louco. Ego sedento de adoração. Seriam todas as*



*mulheres um pouco assim? Afinal, quem não gosta de ser admirada o tempo todo? Tentei esquecer desta ideia direcionando o pensamento em outras coisas. Mas o esquecimento não estava disponível naquele momento.*

*Por sorte, logo em seguida, ela começou a murmurar alguma coisa e me aproximei da cama. Cheguei mais perto. Entendi que ela queria um pouco de água. Ofereci um copo pela metade. Acordando aos pouquinhos e se dando conta da minha presença, a amiga de sempre recolheu a dor e abriu um sorriso. Me senti aliviada.*

*Ajudei ela a sentar. Parecia muito bem agora. Perguntou várias coisas sobre os eventos. De vez em quando, uma enfermeira entrava com tarefas diferentes. Uma delas ajudou Paulinha a ir ao banheiro. Olhei aquela cena com certo desconforto.*

*Assim que ela deitou novamente, me pus ao seu lado.*

*- Minha mãe te disse se o que eu tenho é grave?*

*- Não. Ela disse que os resultados dos exames da tarde darão uma ideia de como seguir o tratamento.*

*- Quanto tempo será que vou ficar aqui?*

*- Não sei também. O médico deve vir falar com vocês final de tarde. Fica tranquila. Rapidinho você vai sair daqui.*

*- Não sei não. Pega pra mim aquela pilha de revistas ali, do lado de fora da bolsa.*

*- Claro- respondi com rapidez.*

*Procura um saquinho plástico com umas folhas de xerox dentro. Acho que deve estar dentro de algumas destas revistas.*

*- Este?*

*- Ahã. Por favor. Eu preciso te mostrar uma coisa*

*- Tá bom.*

*- Rita, aqui estão anotações e as ideias que eu tive para reaproveitar o Centro de visitantes do Tamar. Lembra que a gente falou sobre minha ida para Noronha?*

*- Sim. E o que você quer que eu faça com isso?*

*- Que você vá.*

*- Vá onde?*

*- Para Fernando de Noronha.*

## Capítulo 14 (Artur)



*Mais um dia nublado com previsão de chuva e frio. Acordei mais inclinado a marcar a ida para Noronha. Acho que o tempo por lá seria mais simpático.*

*Antes de ligar para o pessoal do Tamar e oferecer uma data para o embarque, liguei para o traumatista para ouvir a opinião dele sobre minha perna e o tipo de esforço que eu faria por lá. Ele não pôde me atender, mas desliguei com a promessa da secretária de que ele retornaria a ligação à tarde.*

*A reunião das 10h30min havia sido cancelada. Esta é a segunda vez que este cliente desmarca conosco. Ou deve ser muito ocupado ou muito atrapalhado. Optei pela resposta dupla.*

*Descansei o pensamento em e-mails ainda não lidos. Tudo assunto que não era urgente. Fechei. Fui para os www à procura de informações sobre Noronha. Preciso criar interesse pelo lugar.*

*Descobri que o Tamar foi criado em 1980 e que eles reduziram a pesca incidental. Acolheram cerca de 10 milhões de filhotes de tartarugas e geraram muitos empregos na inclusão social das comunidades litorâneas.*

*Apesar do imenso texto, me puxei para focar a atenção e confirmei a ideia que eu tinha de paraíso. De fato, na década de 90, Noronha se tornou um dos grandes destinos eco turísticos nacionais. Daí a necessidade do Centro de visitantes, que foi criado em 1995, e dos produtos de vendas como camisetas, xícaras, bichos de pelúcia e outros souvenirs. Pensei que se os produtos feitos pelos nativos eram fonte de renda garantida para eles, então não havia motivo para fabricar brindes fora do arquipélago. Somente na reunião seguinte é que me informei sobre isso.*

*Teríamos que ter um cuidado muito especial na escolha dos brindes. O material teria que apresentar alternativas corretas como as que foram utilizadas no Centro de visitantes. A ideia estava voltada para reciclagem.*

*Avancei para a página três onde estava a proposta mais antiga, a de 2010. Eles pretendiam fazer uma divulgação itinerante com exposições junto às principais capitais e aí entrariam os brindes. Um programa de educação ambiental permanente e mais rígido seria implantado nas escolas e consequentemente o aumento de capacitação de "trainee".*

*O telefone começa a tocar e me tira da leitura. Quase lamento, pois eu estava começando a me agradar destas ideias. Depois de desligar a nada importante ligação de um amigo, desligo-me também da internet. Toda vez que este cara liga, caio na noite e dá merda. O pior é que não consigo negar.*

*Sim, eu iria pra gandaia.*

*Sim, eu iria para Noronha.*

*Outro telefonema. Agora do médico. Em duas semanas eu deveria estar completamente curado.*

*Sim. Eu queria conhecer este lugar.*

## **Capítulo 15 (Rita)**



*Mexi na sobrancelha. Mexi nas pernas. Sorri e não sorri. Entendi e me fiz de burra.*

*- Como assim, Paulinha?*

*- Presta atenção, Rita. Eu já tenho a passagem. Eu já me comprometi com o pessoal de lá. Estão todos me esperando. Estudei item por item. Pesquisei mil e uma possibilidades.*

*Você vive reclamando que tá de saco cheio desta vida. Nunca mais viajou. Não aguenta mais o Renato e não sabe o que quer fazer. Trabalha com eventos e tem plena noção de como aumentar o potencial de um evento. Você pode muito bem acrescentar meu projeto.*

*Olha pra mim. Minhas pernas doem o tempo todo. Tenho câimbras a toda hora. Talvez eu tenha que fazer uma cirurgia, e só Deus sabe quando e como vou sair desta roubada.*

*Não vejo ninguém melhor do que você pra ir em meu lugar. Nem pensa em me dizer não. Se o problema for grana, eu te empresto e depois a gente acerta com calma. Quem sabe eu não te contrate pra fazer uma mega festa para comemorar minha recuperação.*

*- Você vai ficar boa logo. Transfere a data e pronto.*

*- É!!!! Levanta este lençol e dá uma olhada no tamanho dos meus tornozelos...*

*Fiquei acanhada com a força do pedido dela. Não consegui achar um não convincente e não tive a presença de espírito necessária para desnutrir essa ideia dela.*

*Vamos esperar os exames- acrescentei depois de olhar o inchaço das pernas.*

*Paulinha se inclinou um pouco para o lado e deixou minha frase sem resposta.*

*Ficamos nos olhando com carinho. No afã de sair deste pedido tão impossível de negar, resolvi ligar a TV, também o rádio e ainda apertei no botão errado da cama, e em vez de deitar a paciente, a cama começou a subir. Eu, nervosa, não conseguia parar a elevação. Ela resmungou alguma coisa. Continuava subindo. Eu já tinha quase dobrado minha amiga ao meio.*

*Caímos na gargalhada.*

*Minutos depois entra um cara de branco. Imaginei que fosse o médico. Tranquei o riso. Ele me olhou com um ar de censura. Cheguei a me sentir mal, mas, ao mesmo tempo, me apaixonei. Ele parecia uma réplica daquele ator que aparece "do nada" no meio do deserto naquele episódio do "Sex and the City 2".*

*Paulinha sacou minha cara de malandra.*

*Ele se apresentou como fisioterapeuta enquanto abaixava a cama. Sentei.*

*Explicou que estava ali para fazer uma avaliação a pedido do médico. Gentilmente, pediu que eu saísse. Demorei pra registrar o pedido. O rosto dele me deixava imóvel. Senti o olhar da Paulinha pra cima de mim e aí, só aí me dei conta de que eu ainda estava entalada no mesmo lugar.*

*Saí. Fortes emoções num quarto de hospital. Considerei a hipótese de fazer enfermagem. No corredor dei de cara com duas enfermeiras baixinhas empurrando um paciente na maca. Dei PT (perda total) a meu último pensamento.*

*Talvez Paulinha tivesse razão quando disse que eu precisava espairer. Uma ida para a praia, mesmo eu não gostando muito de areia, podia ser uma ótima ideia.*

## **CAPÍTULO NOVE**

Meu capítulo 8 já foi um fiasco de comprimento. Cada vez encolhem mais. Daqui a pouco, tô fazendo um capítulo de um parágrafo. Ué! Até que posso. O Machado fez e aconteceu nas Memórias Póstumas. Taí. Este capítulo terá só um parágrafo mesmo. Notei também que os advérbios me perseguem, muita mente, mente, mente...

Já que tô inspirada, amanhã acordo cedo e volto a escrever.

Desastre total. Seis dias sem escrever, fazendo "nadismo". Onze sem saber do Celeb.

Fazeoquê? Momento improdutivo. Emperrei. *Fuck*. Tô só na futilidade produtiva: *facebook, whatsapp, instagram, youtube...* Agora tô na mania do *Deezer*. É muito bom pra saber as músicas. Amo.

Juro que da próxima vez que me der uma inspiração daquelas, vou embalar até mais uns 10 capítulos. Será que relendo, não volta alguma ideia?

Às vezes fico pensando no porquê de querer ser escritora. Acho que tem a ver com as pessoas acharem que só sou capaz de ser bonita. Queria chamar a atenção pelo conhecimento, pela inteligência, mas não rola uma de eisnstênica.

Vou tomar um banho, fazer um lanche e retomo.

Bingo! Quarenta minutos depois: #voltei

## Capítulo 16 (Artur)



*Em algum lugar da sala, um pacotinho de plástico marrom escuro acusava um delito. Não existiam figuras nem letras. Era pequeno o suficiente para entrar no bolso, mas não deveria ser perdido em qualquer lugar.*

*As janelas estavam fechadas. As venezianas pretas mostravam só metade do visual dos prédios lá fora. Uma única mesa oval preta de acrílico reunia seis cadeiras em tom azul-escuro tipo jeans.*

*Do lado direito das prateleiras grossas, bem iluminadas e brancas, seguravam livros caros, esculturas e amostras de brindes. Uma bancada também branca representava o lugar do diretor. Nenhuma planta. Em cima da bancada, um laptop aberto estava ornado com um escapulário vermelho budista. Uma música tipo lounge quase pedia mais volume para ser ouvida.*

*No canto sul da sala, um Scooby-Doo de pelúcia com o pescoço quebrado sentava displicentemente numa pilha de livros de capa dura.*

*Um resto de suco de laranja tinha sido esquecido ao lado do isqueiro na mesa oval.*

*Artur estava de pé, perto da janela falando ao telefone com um ar codificado. Misturava monossílabas com espaços de ahã, ah, ah, tá, aham.*

*Olhou o relógio de pulso com os olhos um pouco mais esbugalhados do que de costume. Viu que a bainha da calça estava levantada.*

*Confiou um último olhar à janela. Sentou. Voltou a ficar em pé. Desta vez, caminhava lentamente pela sala.*

*O telefone fixo tocou interrompendo a ansiedade. Disse ao ouvinte do celular que teria de sair.*

*Atendeu ao telefone*

*- Oi, Salete*

*Tá. Só me dá mais uns 10 minutos e manda entrar. Dois cafezinhos, por favor.*

*Vestiu o casaco de veludo preto escuro. Bebeu o resto do suco. Procurou mais uma vez no fundo da pilha de papéis o saquinho. Foi ao banheiro.*

*Separou a pasta com as informações da reunião.*

*A secretária apresentou a cliente.*

## Capítulo 17 (Rita)



*Reunião com as gurias dos brindes a essa hora! Ninguém merece.*

*Ontem percebi que papai já andava me rondando para explicar sua vontade de voltar para casa. Entre uma conversa e outra pressenti o desejo dele de retornar ao trabalho, aos amigos e à vida própria tão logo passasse a festa de casamento que ele veio participar. Suas visitas nunca passaram de uma semana.*

*Agora é a vez de Saramago me rondar. Fui até a cozinha repôr comida e leite. Era isso que ele queria.*

*Tirei as botas e troquei por um sapato um pouco mais sério. Normalmente me encontro com as representantes da empresa de brindes em um café. Desta vez, me pediram para ir até o escritório delas.*

*Penso na Paulinha. Coloco todas as minhas ideias no futuro do pretérito. Não iria a Noronha nem que uma maldição do tipo: meus culotes aumentando ao tamanho do Amazonas acontecesse.*

*Ao sair, já meio atrasada, bati a porta e tranquei o salto no desnível do chão antes de entrar no elevador. Ele ficou bem solto.*

*Hakuna Matata! . Troco o sapato. Vejo o gato e papai perto da janela. Convenço-me que talvez meu pai esteja ficando mesmo entediado de estar aqui. Ele me informa, ainda surpreso de me ver voltar, que vai imprimir a sua passagem de volta para Belo Horizonte. Respondo com pressa que tudo bem.*

*- Vamos sair pra jantar hoje então?*

*Perfeito - disse ele satisfeito.*

*Chego à empresa dos brindes um pouco atrasada. Me preocupo com o horário, pois combinei de estar no hospital às 11 horas.*

*Digo meu nome para a secretária. Ouço a funcionária me anunciando ao telefone para um homem. Pergunto para ela onde estavam as meninas. Ela me diz que as duas tiveram de ir a São Paulo. A reunião seria com o diretor. Servi um café.*

*Faço um círculo com olhar e analiso o escritório antes de sentar. Tudo muito contemporâneo. A única peça desconecta era o sapato da secretária. Tive de me concentrar para não ficar olhando muitas vezes e por muito tempo para aquele par coloridex.*

*Senti que ia demorar para ser atendida. Pesquei a revista de brindes americana. Vi milhares de sites recomendados. Pensei em copiar alguns que eu não conhecia.*

*Abri a bolsa para pegar uma caneta. O celular tocou, eu procurei os dois. Derrubei o resto do café na revista e levantei o rosto na mesma hora em que a porta abriu.*

## **Capítulo 18 (Artur & Rita)**



*Não acrediiiiiiiiiiiiiiiiito!*

*Se esse "é" o diretor da B&B (Brindes & Brands), meu dia seria no mínimo preocupante.*

*Entram.*

*O primeiro a falar é Artur.*

*Ela sente-se envergonhada. Melhor não fazer menção sobre os encontros anteriores. Ele opta pelo mesmo menu.*

*Rita abre a pasta sobre a mesa com diversas fotos e rabiscos sobre os brindes. Outro café é servido.*

*Assim que a secretária fecha a porta, ela desanda a falar. Percebe que está com vontade de mexer na sobrançelha. Procura controlar o vício. Quer parecer profissional.*

*Ele ouve.*

*Tenta alcançar um cinzeiro de cor grafite, pesado e minimalista que está um pouco longe do alcance das mãos. Não consegue e levanta-se para mostrar o tamanho do brinde que precisa. Derruba a cadeira sem querer. Finge que não foi nada. Ele procede do mesmo modo.*

*- Vocês trabalham com resina, né? Preenchimento de espuma?*

*- Bastante, responde ele sem deixar de se lembrar – sarcasticamente – do tombo na festa.*

*Ela percebe um rastro de conspiração no cantinho do seu olhar. Não entende por quê.*

*A reunião segue num ritmo prático.*

*Mostra os mosaicos que tinha desenhado com imagem dos donos da festa. Ele não se agrada. Diz que a resina não produz o efeito desejado. Ela comenta que outra sugestão dos Martins era uma caixa pequena de remédios. Ela relata pra ele o sufoco que foi convencê-los de que este brinde teria um apelo negativo já que implicaria em remédios que sugeriam doenças e para uma festa de Bodas tão sofisticada, isso poderia não funcionar.*

*Rita experimenta uma certa diversão na presença dele. Um quê de sapequice lhe vem no comportamento. Aos poucos, dá a geral nas roupas dele. Acha que ele é meio careta. Desaprova as calças cinzas. Sente uma muda comiseração pelo estilo dele. Aprova a sala.*

*Decide-se por uns dos brindes (o que não foi sugestão dele). Tem dificuldade de explicar a proposta das lembrancinhas*



da festa de Bodas. Quer alguma coisa entre o sofisticado e indelével.

Ele consulta o relógio. Ela teme que o tempo esteja se acelerando e não sente vontade de sair dali.

Quer impressioná-lo. Não sabe como.

Ele propõe uma segunda reunião. Ela alega ter de viajar na próxima semana.

Ele, então vai até a bancada branca onde esta seu lap top e abre a gaveta. Retira dali algumas revistas. Folheia em busca de alguma imagem. Depois de alguns segundos, encontra o que estava buscando. Chama-a para ir ali olhar.

Mostra a gravura de um blanket miniatura. Vasculha uma mensagem no computador. Ela não entende o que ele está sugerindo. Espera de pé, ao lado dele. Sente um cheiro de resto de perfume exótico.

- Você foi a organizadora da festa de carnaval dos Reinerts, né?

- A moça que furou a fila na sua frente também.

- Joana D'arc malandrinha.

- Nem sempre. Acho que eu te devo desculpas.

Neste momento, ela estende a mão em direção a ele na intenção de cumprimentá-lo de brincadeira e bate num porta canetas de acrílico. Todos os pen drives que estavam ali dentro caem. Um saquinho de plástico também.

## Capítulo 19 (Rita)



Desculpa - diz ela sem jeito. Sou meio desastrada.

Percebi - responde Artur incomodado. Os dois juntam as coisas. Ele põe no lixo o saquinho e acrescenta:

- Se Joana D'arc tivesse pedido tantas desculpas assim, será que teria morrido daquela maneira?

- Temos lá nossas diferenças, mas como ainda estou viva não custa te pedir mais uma vez desculpas. Quando bolamos a festa de carnaval, escolhemos a espuma por ser lúdica e divertida. Lamento o que aconteceu com você. A fila do show, bem a fila do show... Foi um impulso desorganizado que fugiu da minha adolescência... Disse ela meio rindo. Pela primeira vez, viu o sorriso dele. Foi um sorriso mais desenvolvido pelos olhos do que pela boca.

- O que você acha destas velas com formato de xícara?

- Grandes demais.

Podíamos fazer duas delas bem pequeninhas que ficaria mais delicado e com certeza mais barato.



*Taí. Gostei! Duas xícaras de velas com o pires em resina e grãos de café, e podemos colocar numa caixa ou bandeja de acrílico?! Pode me fazer o orçamento. São cerca de 300 convidados.*

*- Acredito que esta é uma boa solução. Vamos ao outro brinde então.*

*Ela olha o relógio voltando para mesa e constata que não tem mais muito tempo. Precisa ir para o hospital ver a amiga.*

*- Olha! Preciso ir até o hospital. Estou com uma amiga com problema na perna e fiquei de estar lá às 11hs. Podemos retomar isso amanhã?*

*- Preciso ver minha agenda. Perna é sempre mais complicado. Eu que o diga que...*

*- Você teve que ficar de repouso?*

*- Com tala e tudo, mas agora estou melhor. O problema maior com a minha perna é que a recuperação é lenta e eu preciso estar em São Paulo dia 16 e em Noronha dia 28. Temos um cliente importante lá e não posso mandar as meninas*

*- Meu Deus! Que chato tudo isto que aconteceu. Garanto que nunca mais aprovo eventos com espuma.*

*Então, vou te passar para a secretária, pois ela sabe melhor da minha agenda do que eu. Mando o orçamento por e-mail.*

*- Obrigada.*

*- Tchau.*

*- Tchau! (sem aperto de mão, sem abraço, sem nada.)*

*Ela, no entanto, tacou-lhe um beijo no rosto.*

*Ele sorriu outra vez.*

## **Capítulo 20 (Rita)**



*Saí da reunião pensando nele. Alguma coisa muito forte me compelia para perto deste homem tão diferente de mim. Deixei este sentimento cristalizando enquanto ia em direção ao hospital.*

*Encontrei a Paulinha com uma cara boa. Nunca pude, de fato, imaginar que ela ficaria no hospital mais duas semanas. A coisa pra quem estava do lado de fora não parecia tão grave.*

*Contei a ela como foi a reunião. Ela, que me conhece muito bem, sacou meu disfarçado interesse pelo dono da B&B, o tal Artur. Descobri o nome dele quando a secretária disse: Seu Artur não pode atendê-la amanhã.*

*Paulinha voltou a insistir na minha ida para Fernando de Noronha. Só então me dei conta da coincidência do local. Desta vez mostrei mais interesse nesta viagem. Eu não queria*

*demonstrar que com isso eu não acreditava na melhora rápida dela.*

*Falei da coincidência sobre Noronha. Ela gostou de saber.*

*- A passagem está marcada para dia 2. Tem uma taxa de preservação ambiental que custa mais ou menos uns 35 reais por dia, esta você vai ter de pagar na chegada na ilha. De resto, tudo está pago. Seria preocupante se você quisesse ficar mais dias do que o combinado porque aí o valor dobra, mas este perigo você não corre já que parece tão sacrificante pisar na areia. Dá uma lida nas folhas que eu te dei. Preciso que você leia tudo até sexta, porque se você não puder me ajudar MESMO, tenho que ver outra pessoa.*

*- Claro. Claro, pode deixar. Hoje à noite dou uma lida e amanhã falamos. Como você tá hoje? Menos dor? E os resultados de exames? Saiu algum?*

*- Uns três, mas nada de muito comprometedor. Os mais importantes só daqui a dois dias. Alguns exames são enviados para São Paulo.*

*- Amiga, agora tenho que ir. Qualquer coisa me liga. Dá um beijo aqui.*

## **Capítulo 21 (Rita)**



*Não disponho de todas as razões para atender ao pedido da Paulinha. Sei, entretanto, que não aceitar isso também não está certo.*

*Vou até o hospital para encontrá-la. Entrego as folhas para ela. Assumo que não li tudo. Ela, provavelmente, já sabia disso. Olho pra toda aquela Paulinha esparramada na cama e digo:*

*- Vou.*

*- Ai, que bom! Eu sabia que você não me deixaria na mão. Vamos olhar o calendário depois, porque eu preciso confirmar pra eles tua ida. Amanhã acho que vou pra casa e de lá vai ficar bem mais fácil a gente organizar isso. E você? Como estão os eventos?*

*- Bombando... Só me faltam alguns detalhes e encomenda das lembrancinhas deste mês. .*

*- Que bom.*

*Dia do embarque.*

*Artur faz o check in junto com o filho que estava mega animado. O menino viajaria pela primeira vez sem a presença da mãe.*

*A desgraçada da Rita não apareceu. Perdeu o voo, e eu o resto de confiança que tinha nela.*

*Depois de toda a trabalhadeira para conseguir a conexão entre Recife e Noronha, ela me apronta esta. É uma*

*destrambelhada essa minha amiga. Bisneta da loucura. Não tem ideia do prejuízo desta irresponsabilidade. Eu já devia ter previsto. Fui ingênua.*

*Sabe quando que eu fui saber dela?*

*No dia seguinte, às quatro da tarde, quando ela me liga dizendo que ia até minha casa explicar tudo. Se não fosse a minha curiosidade e a urgência de alguém ir pra o Tamar, eu teria fechado a comunicabilidade entre nós por um bom tempo. Se ela me vier com alguma desculpa insípida eu nem sei o que faço com ela.*

*Então desembucha, Rita.*

*- O que aconteceu?*

*- Simplesmente meu deu um insight muito claro de que o avião ia ter problema no voo, e você sabe como eu sou com essas coisas. Já não gosto de voar, tenho medo de longos percursos e tomo um aviso destes. Não fui.*

*Não fui, e se acontecer outra vez, não vou.*

*- Eu não acredito! Você tá indo na terapia?*

*- Não. Mas naquele voo eu não iria de jeito nenhum. Não te preocupa que eu já troquei as passagens. Só tinha lugar no voo pela... Na sexta. Deixa que eu me desculpo com o pessoal de lá.*

*Se desculpar dizendo o quê? – regurgitou uma Paula furiosa.*

*- Que eu fiquei doente, pronto.*

*Só pode ser um caminho errado pro certo - pensou Paulinha.*

*Amiga que-riiiii-da. Se por algum outro motivo, que eu não sei qual é, você tá pensando em não ir, me fala agora porque pelo menos eu vou ter a chance de ver outra pessoa.*

*- Sério, pô. Eu não vou te deixar na mão.*

*- E se rolar mais um destes teus "avisos"? Eu, o pessoal de lá, o contrato, a minha palavra, as reservas, fica tudo perdido?*

*- Confia em mim.*

*- Só com uma fé biodegradável. Pode me emprestar?*

## **Capítulo 22 (Artur)**



*Deixamos as coisas na pousada. O quarto tinha a simplicidade do local. Mesmo a ilha sendo pequena, precisávamos de um carro. Antônio não estava cansado da viagem, o dia estava claro e decidimos ir direto ao Centro de Visitantes do projeto Tamar. O ar nem quente nem frio dosava o conforto que só a natureza, nos seus dias perfeitos, sabe dar. A primeira impressão foi a de um lugar muito simpático. Umas poucas lojinhas, um café, algumas salas da diretoria e uma sala*

*de projeção ocupavam um espaço relativamente grande e compatível com Noronha. Antônio adorou as réplicas de animais marinhos espalhados pelo jardim da frente. Esculturas de tamanho natural que imitavam as espécies. Tiramos fotos e fomos apresentados para algumas pessoas que trabalham por ali.*

*Mais tarde fomos até a primeira praia chamada praia do Boldró. Duas quadras de chão batido nos levaram até lá.*

*Quando o mar apareceu em nossa frente silenciámos. A beleza sempre se impõe. Antônio quis descer até a areia, mas precisávamos voltar para pousada para jantar cedo e assistir à palestra do Projeto Tamar às 21 horas. No trajeto de volta, pensei que, longe das felicidades artificiais, nosso julgamento encolhe e ficamos entregues à humildade e a sensação de privilégio nos acompanha.*

*Depois deste visual inesquecível, o que não podíamos imaginar é que, a cada praia que iríamos conhecer, a palavra paraíso se esticaria, pelos 26 quilômetros deste arquipélago.*

*- Pai, qual é a palestra de hoje?*

*- Golfinho Rotador.*

*Boa noite, pessoal. Eu sou o Paulo. Vou falar para vocês sobre os golfinhos.*

*Os golfinhos encontrados em Fernando de Noronha pertencem à espécie *Stenella Longirostris* e são conhecidos popularmente como golfinhos rotadores por girarem em torno do próprio eixo quando saltam fora da água. Atingem dois metros de comprimento, pesam 75 quilos e apresentam padrão tricolor: cinza escuro no dorso, cinza claro nos flancos e branco no ventre. Alguém aqui já viu os golfinhos?*

*Nesta foto, a gente pode perceber como eles são sociáveis. Eles podem se agrupar em três a mais de 2.000.*

*Sabe que em 95% dos dias do ano, grupos de três a 1.900, uma média de 315 golfinhos, entram e saem na Baía dos golfinhos. O horário médio de entrada do primeiro grupo deles é: 14h e geralmente eles saem por volta de 13h37min.*

*Vocês sabem por que eles vêm pra cá?*

*- Pra descansar - disse um Antônio tímido e meio na dúvida.*

*Certo! Pra descansar, pra reproduzir, cuidar dos filhotes e fugir dos tubarões.*

*Eles também gostam da praia do Porto porque as águas são mais paradas. Embora tenha barcos, achamos que eles sabem que não são nocivos.*

*As fêmeas, como vocês podem ver aqui, amamentam até dois anos e são muito unidas. Um grupo de golfinhos que estão sempre juntas. São mães, tias, avós e elas têm liderança. São como as mulheres modernas!*

- Como é que a gente sabe qual é a fêmea?  
 - O macho tem uma protuberância tipo "saco" e a fêmea tem tipo dois cortes, uns riscos, aqui ó, são as mamas.  
 A seguir, vamos dar uma olhada em alguns golfinhos que estão retesados, eles formam um ésse e sabemos que ele faz isso quando está mais agressivo.

## Capítulo 23 (Rita)



- Falando sério, agora eu preciso contar contigo.  
 - Tá  
 - Vê se não dá nenhuma errada, pô!  
 É sériooooooooooooooooooooo! Não vejo ninguém melhor pra me substituir. É muita responsabilidade e você é minha única opção decente.  
 Lê tudo isso. Sério!  
 - Tá! Deixa dar uma olhada. Hum! Curso pra formação de Guias Ecológicos Mirins, Programação do Centro de Visitantes, este aqui é de palestras. Noooossa!! Quanta coisa.  
 A enfermeira do turno da manhã entrou no quarto anunciando que ia levar Paulinha para os exames combinados.  
 - Tá, amiga! Vou terminar de ler este monte de papéis e amanhã a gente se fala.  
 - Traz tua agenda também pra gente ver se fecha a data.  
 - Tá bom! Dá um beijinho, vai.  
 Tchau.  
 Nestas últimas semanas, várias coisas estranhas aconteceram. Primeiro, chega o papai sem avisar. Paulinha fica doente. Conheço o diretor dos brindes, que além de eu ter, indiretamente, proporcionado um tombo nas espumas, ainda furei a fila bem na frente dele. Agora tô na "obriga" de ir pra Fernando de Noronha. Paulinha diz que vai pra casa, mas fica mais dias no hospital. Movimentado, não?  
 Às vezes tenho que penhorar a alma pro diabo pra conseguir sair da mesmice, outras vezes, acontece tudo de uma vez só. Tem algum conchavo aí dos planetas e tô em franca desvantagem.

## CAPÍTULO DEZ

Este é um dos capítulos que me sinto autorizada a resolver destino alheio. Entendo, um pouco, do gosto que sentem os escritores ao criar destino ficcional a seus personagens.

Se for possível, esta tarde quero criar alguns capítulos novos.

Hoje vou unir Rita e Artur. Vou embarcar os dois para Noronha lá pelo capítulo 22. Aposto que vão brigar do *check in* até o fim da praia do Boldró... Mas sem conflito não tem história!

Ele vai captar conceitos pra expandir o *marketing* de brindes e souvenir de lá, e ela vai analisar o Centro de visitantes do projeto Tamar. Tartarugas marinhas neles! A beleza do lugar vai se encarregar do pano de fundo e...

Os dois se encontram na fila do *check in*. A bagagem dele é maior do que a dela. Não se vêem até que Rita começa a tentar arranjar um lugar na fila mais próximo do balcão. Ele vira pra trás e percebe as confusões. Sente uma adrenalina quando se dá conta da coincidência. Nunca mais tinha visto a garota. Ela cortou a franja. A segunda reunião não aconteceu. Finge que não a vê. Rita continua sondando alguns passageiros na frente dela. Chegou atrasada. A fila, entretanto, não estava gigantesca. Ninguém cai na conversa dela. Só na sala que antecede o embarque é que se encontram.

Ela dá um oi seco e nervoso.

Ele mantém o ar sério. Não sentam perto um do outro. Ela o procura quando vai ao banheiro, já no avião. Não está em nenhum dos assentos. O voo vai tranquilo até Recife. As bagagens chegam uma ao lado da outra.

- Que coincidência, né?

- Verdade - diz Artur, olhando pra ela. Você está de férias?

- Vou para Fernando de Noronha a trabalho.

- Então seremos dois.

Penso em terminar este capítulo assim, mas decido deletar tudo. O anterior, em que Artur chega sozinho com o filho em Noronha, está mais consistente. A Rita vai depois. Feito!

Deixa ver:

Os dois podiam se encontrar na terça, que é o dia da palestra: Arquipélago de São Pedro, São Paulo. É, mas pode ser muito previsível. Talvez na quinta. Não, aí é muito tarde. Segunda, deixa ver, é: Golfinho Rotador. Mas também logo na primeira noite que ela chega? Quarta! Meio de semana: Projeto Tamar e as tartarugas marinhas. Perfeito!

Abertura do auditório: 20h - Início das palestras 21h. Faço a Rita chegar atrasada. Pronto.

## Capítulo 24 (Rita)



*Vou ler esta porcaria aqui da Paulinha, senão ela ainda vai me tachar de oca. Que eu quero saber se as tartarugas marinhas podem ser herbívoras ou carnívoras. Meu Deus do céu, eu mereço. Mas, vamos lá:*

*"As tartarugas marinhas surgiram há mais ou menos 150 milhões de anos e conseguiram sobreviver a todas as mudanças ocorridas no planeta". Sua origem foi na terra e em sua aventura para o mar, evoluíram diferenciando-se de outros répteis. Assim, o número de suas vértebras diminuiu e as vértebras restantes se fundiram com as costelas, formando uma carapaça resistente, embora leve. As tartarugas perderam os dentes, ganharam uma espécie de bico (botox de primeira!), e suas patas se transformaram em nadadeiras.*

*Credo! Danadinhas, estas se puxaram na evolução e ainda conseguem ser rápidas na água e lentas na terra.*

*As meninas lentas (rsrsrs) desovam em praias das regiões tropicais e subtropicais, ou seja, de clima quente. Todas retornam para desovar nas mesmas praias onde nasceram. Legal!*

*Não são animais de cérebro evoluído, mas têm a visão, o olfato e a audição bem desenvolvidos, além de uma capacidade fantástica de orientação. Isso eu já sabia!*

*A fêmea escolhe um entre vários machos e o namoro começa. Interessante! Tatātataãram... isso aqui não importa! Nananã não e aqui...*

*Em cada ninho ela deposita 130 ovos, em média.*

*Mas, porque que a Paulinha me fez ler isso se o negócio dela é analisar o espaço do Centro de Visitantes. Será que eu entendi mal?*

*Bom, segue: Para desovar, as fêmeas procuram praias desertas no continente blá blá blá*

*Deixa pular esta parte e vamos para o outro parágrafo...*

*Os filhotes rompem a casca do ovo e começam a raspar a areia acima de suas cabeças, que cai nos espaços vazios que elas deixaram para trás, iniciando assim a subida. Neste processo é muito importante a ação conjunta dos recém-nascidos. Em dois ou três dias, as tartaruguinhas estarão alcançando a superfície, correndo imediatamente para o mar. O nascimento dos filhotes ocorre normalmente à noite ou no final da tarde, ou ainda, ao amanhecer, quando o sol está bem fraco. E para chegar à água, eles se orientam pela luz mais forte que, em condições normais, é proveniente do horizonte marinho.*

*Se as palestras forem neste tom didático, as pessoas vão sentir sono.*

*Seguindo, te concentra, mulher!*

*De cada mil tartaruguinhas nascidas, apenas uma ou duas vão conseguir chegar à idade adulta. Coitadinhas!*

*Oi! Mago, vem cá, espia só o que eu estou lendo.*

*Conhece tartaruga, seu gato esperto?*

*Olha só, aproxima a parte: CASO ENCONTRE UMA TARTARUGA DESMAIADA, VEJA COMO FAZER PARA RESSUSCITÁ-LA.*

*Tá me vendo em Noronha ressuscitando esses bichos, Mago? A Paulinha deve estar em pleno surto!*

*Juro que só vou ler o resto depois de comer algum borrifo por aí. Vamos lá pra cozinha, vem Mago. Vem.*

*Vamos comer sorvete ou pipoca? E o pai, onde anda?*

*Continuando... Vem. Sobe aqui, vem aprender a salvar suas amiguinhas. Presta atenção:*

*Coloque a tartaruga de barriga para cima e cabeça inclinada para baixo. Aperte sua barriga até sair toda água pela boca.*

*Deixe a tartaruga descansar por algumas horas, até começar a bater com a nadadeira no peito, para soltá-la ao mar. Nunca jogue a tartaruga desmaiada no mar. Mas, quem faria uma coisa destas, Mago?!*

*Tá. Tudo certo, mas por que mesmo estes bichinhos são tão importantes? Que tanto eles falam na preservação das tartarugas? Tamar: tartarugas marinhas. E aí?*

*Deve ser aquele negócio de cadeia alimentar. Será que fala sobre isso depois?*

*Não. Próxima parte é de reciclagem. Hum! Isso eu acho legal. Muito já usei lembrancinhas de reciclagem.*

*Vamos comer mais alguma coisa?*

## **CAPÍTULO ONZE**

Quer saber? Cansei desta história de Rita e Artur em Noronha. Acho que alternar os capítulos também não deu muito certo. A sensação que eu tenho é de que a personagem ta perdida. Sensação? E depois, eu nem sei o que fazer com o pai da Rita, que apareceu do nada. E o desfecho da Paulinha? Não posso matar a personagem, seria um fiasco literário! Acho que a lost da história sou eu. Outra vez o foco escorregou. O que resta é uma Rita e uma Lina. Ritalina!!! (ai, que dó). E eu odeioooooooooo duplas. Em especial, se forem parecidas.

Ainda bem que meu nome original é Lyna. Lyna Luck, nunca falei? Tenho meio que um trauma porque um dia ouvi uma menina cochichando pra outra que era nome de pobre. Nojentas.

E o Celeb? É outro maluco emperrado frequentador de banheiro. Por que será?

Putz! Agora me toquei de uma... e se, e SE o cara é um cheirador de cocaína da-queles! Meu Deus, como não saquei antes?

Momento epifania! Entendi o que eles querem dizer com “o texto pode saber mais que o autor!” O Artur- eu juro que ia contar - é um dependente de cocaína. Só que eu ia revelar



depois. Podem olhar lá no capítulo dois, ele funga, se olha no espelho etc. Dou dicas, não sacaram? Eu ia mostrar aos poucos, pois se trata de um dos conflitos do cara. O que eu não tinha sacado é que o tal Artur era o alterego do Celeb.

Ainda bem que eu não continuei essa história. Nem querendo eu ia escapar de um deus ex-machina de vida real, aff! Ai, ta! Eu explico: deus-ex-machina é tipo quando o escritor resolve um problema do conflito da história com uma solução “mágica”, sacou?

Então, preciso descobrir se o Celeb cheira cocaína. Cara, tenho que ir já pro whats pra ver se minhas amigas tão sabendo de alguma coisa. Rapidinho eu descubro, será que é viagem minha? Melhor falar com a Renata. Ela deve saber se o cara é chegado.



- Oie! Olha só... me bateu uma agora... tá sabendo se o Celeb cheira?
- É, na real, eu sei que ele curte.
- Mas “curte” tipo muito?
- Sla...a galera diz que o cara manda legal
- Então ta explicada a função do banheiro!
- Pior
- Quem...
- Quer q eu veja com o Maurício?
- Pleaseeee

Claro. Tá tudo explicado. O cara vai pro banheiro, dá mais umas cheiradas e viaja... e sei lá, vai ver não segura a onda e tipo se esconde .com.br...

O inferno, que era de Dante, me acolheu.

Preciso ouvir um Bruno Mars a-go-raaaa!!



Não! Melhor o Rude do Magic.

Why gotta be so rude .... lá ra lara

## **CAPÍTULO DOZE**

Meia-noite e vinte.

(Resumo de uma insone chatonilda)

Não consigo dormir. Melhor acender a luz, buscar um copo d'água e começar a dinâmica macabra de relaxar: ler uma revistinha em quadrinhos, tomar um remédio e ficar aguentando essa lentidão inoperante.

Já sei! Vou ler aquele pedaço de outro romance que eu tinha começado em março. De repente me distrai ou me dá sono. Tomara que não seja mais um entulho literário.

Não, nada disso. Vou ler a Vogue.

Uma e cinquenta da manhã

Sono. Vou apagar a luz. Boa noite.

## **CAPÍTULO TREZE**

Há vários tipos de inteligência emocional, mas burrice emocional, só a minha.

Óbvio que o Celeb é um cheirador. Não preciso nem esperar a investigação da Renata. Já pensou eu servindo de apaixonadinha enfermeira de alma de um Celeb sequelado?

Melhor cair fora. Conviver com um cara assim é como tentar envelhecer o tempo.

#tofora

Quem será que foi o inventor da carência? Por que esta bosta atrapalha tudo? Faz a gente fazer uma escolha errada atrás da outra. Uma atrás da outra. Uma atrás da outra.

É inverno

Coloco uma camiseta de baixo

Retiro um parágrafo

Visto meia de nylon

Tiro um adjetivo

Ponho uma meia soquete de lã

Removo dois verbos

Uso gorro e luvas

Arranco todos os infinitivos

Enfio os braços e a cabeça no blusão de cashmere

Put off todas as vírgulas e excessos

Escolho as botas

Saco um travessão

Uso colete de veludo

Extingo uma frase inteira

Me agasalho com o sobretudo

Desnudo a conclusão.

É assim que fico: no tiro & boto dos afetos.

Ainda bem que hoje é domingo e não preciso sair de casa. Vou ficar apenasmente nos blogs garimpando tendências de moda.

Primeiro, um supermercado básico pra abastecer a tarde de delícias e um vinho parceiríssimo do frio.

Pra me aguentar hoje, só mesmo com um vinho. Preciso esquecer do Celeb-cocaine.

O mundo possui vinte quatro fusos. Eu não me ajusto em nenhum deles.

Não tô a fim de escrever agora. Não vai vingar. Não tô com sangue no olho.



Necessito do Maps. Marron 5 nowwww

[https://www.youtube.com/watch?v=nfWlot6h\\_JM](https://www.youtube.com/watch?v=nfWlot6h_JM)

## CAPÍTULO QUATORZE

Resolvi encarar a sério a Escrita. Vou mandar um e-mail pra um professor que conheço. Pode ser que tenha vaga em alguma Oficina Literária. Hope so.

Aí, vou com tudo. Se não for na obriga, acabo não escrevendo. E não escrevendo, vou só trabalhando... e só trabalhando, fico deprê.

Lyna Luck, você é uma usina de ideias. Resta focar e construir. Nova fase sem distração de Celebs da vida. Vai render muito mais.

Tô tãoooooooooo feliz que preciso dançar.

Que é isso? Ah! meu app avisando que é hora de tomar água.



Summer (Calvin Harris)

Depois do dancing, vou fazer um inventário de todos os textos que não terminei e escolher um pra seguir até o fim. E preciso finalizar, pelo menos UM.

Aí, vou providenciar um enterro virtual de todos meus fofis (foda fixa) e rumar pra solidão optativa.

Serei boa. Serei uma escritora conhecidíssima. John Green vai querer me conhecer. Serei uma medusa imortal.

Terei qualidade literária e quantidade de leitores.

Pera: Tô tendo um embrião de ideia.

Vou às aulas de oficina e cada dia vou montando um relatório de atividades. Seguindo as aulas, posso já focar os exercícios pro novo livro.



Aí ...

que história é essa no insta??? Como assim, Celeb com a Verônica? Não acredito. O cara tá zoando com a minha, só pode!



- Renata: Viu o Celeb com a Verônica no insta?
- Vi. O cara é um pegador. Tá numas de pegar mocreia pra chamar de minha linda.
- E ainda tem a lata de me chamar pra sair.
- Ele te chamou?
- Ontem, acredita?
- E vc?
- Falei q eu tava busy.
- Ele?
- Botou uma carinha de triste...
- Mané
- E agora tá de qquer coisa p cima dessa baranga.
- q ódio d ter dado mole p este cara.
- t saindo bj.
- bj.

Semana seguinte. Aula experimental da turma de terças e quintas pela manhã da Oficina do Herrb. Chego na aula vinte minutos atrasada e sento do lado de uma senhora. Vejo que no quadro está escrito:

Três maneiras de começar um romance

- Pela personagem
- pelo conflito
- pela especificidade

Copio.

O professor pede para eu me apresentar para os demais (odeio isso)

Meu nome é Lyna e sou produtora de eventos. Gosto de escrever e esta já é minha segunda investida em Escrita Criativa. Ainda não tenho um bom livro publicado. Só um pequeno de poemas.

Aí o professor entrega uma cópia de um material pra mim (os outros já tinham) e diz que vamos trabalhar nisso hoje.

Muy bien.

Construção da personagem

-Vaga ideia

- aspectos físicos

-dois ou três traços definidores

-cores preferidas, caminhar, postura habitual, perfume...

- aspectos sociais

-aspectos psicológicos: vida sexual, normas morais, religião, ambição...

-elemento paradoxal

-aprofundamento

-traços únicos

-conflito

-aspectos literários: em que parte da obra ela aparece, o q faz dentro da obra, o q sentem os demais em relação a ela, qual o objetivo máximo, causa dano ou benefício a alguém...

Então:

\*vaga ideia: será uma empregada doméstica com ambição de ser governanta à moda antiga (uma dama de honra). Ela gostaria de ter cultura como a patroa. Vou chamar ela de Tilma.

\*Aspecto físico: baixa, semi-gorda, cabelo ondulado e castanho, com lábios finos.

\*Traço definidor: ai, meu Deus... traço definidor?

Hum...o sotaque carregado de Mogi das Cruzes e jeito de mexer os ombros.

\*Cores preferidas: sei lá... azul claro. Não. Quem sabe prateado. Isso. Prateado.

Caminha movendo os ombros como se fossem as pernas.

\*Aspectos psicológicos: viúva, mãe de duas filhas ou três, não é muito religiosa.

Ambição: ser uma excelente governanta.

\*Elemento paradoxal: ai, não sei direito. Que será que é pra botar? Tipo: o contrário ou o diferente dela. Talvez o fato de querer ser muito culta?

Tô achando que esta minha personagem tá ficando inorgânica. Estereotipada, estranha. Como é difícil.

Olho os outros colegas. Tá todo mundo concentrado no seu computador. Só eu tô parada... ai, socorro...

Gostei daquele cara ali da esquerda. Beeem bonitinho. Pena q usa óculos.

Volta Lyna, volta...

\*Aprofundamento. Putz grila. Q porra é essa? Tá ficando complicado. Como é que vou aprofundar uma coisa que nem nasceu ainda?

\*Traços únicos: piorou...não sei mais o que colocar.

Daí o Herrb chama o bonitinho da esquerda para ler o dele. Ainda bem que não me chamou.

- Rafael, leia o seu personagem.

\*Vaga ideia: proprietário de uma rede de funerárias. Ex-advogado que tem dois sérios envolvimento com morte por acidente.

\*aspecto físico: alto, magérrimo, com cabelos grisalhos e sobrancelha infantil.

\* Dois ou três traços definidores: Fala mansa e baixa. Usa gravata com camiseta Hering sempre.

- Interessante - observa o professor.

\* Cores: qualquer tom de marrom.

\*Caminhada ligeira e passos gigantes. Perfume de mulher. Vida sexual - qquer terreno.

(Risadas de alguns da turma) prof. Herrb sério.

\*elemento paradoxal: aparência de mais velho, mas personagem muito mais jovem. Curte baladas fortes e detesta igreja.

Aí, o Rafael bonitinho diz pra turma que só fez até aí.

Herrb passa os olhos por mim (eu rezo em silêncio pra ele não me chamar). Ele desiste de nomear alguém e diz: Alguém mais quer mostrar?

Uma menina de vinte e poucos anos começa a falar.

\*vaga ideia: dona de uma pousada para cachorros chamada: Rainbow Dog. Ela é loira com mechas escuras na ponta e tem uma tatuagem de um cachorro de perfil no pulso direito,

mas o relógio é grande e tapa um pouco. Usa franja e o traço definidor é o jeito descolado e engraçado de se portar diante do perigo. Em vez de chorar de medo, ela ri. A cor preferida dela é amarelo. Caminha de um jeito mole e solto e...

e depois de alguns apresentarem, inclusive minha colega- a senhora do lado, que colocou o arbusto do canteiro da esquina como narrador (rsrsr), o prof Herrb foi encerrando a aula e mandou fazer o resto de tema de casa. Pediu pra eu ficar um pouco mais, pois queria falar comigo.

Foi breve:

- Lyna, você pode ficar neste grupo mais avançado por causa do horário. Como você já fez um ano e meio de outra oficina, acho que podemos fazer um bom trabalho. Depois me mande por e-mail a sua ideia de projeto ou romance. Gostaria de ler algo que você já produziu, digo, algo de mais fôlego.

E assim fui pra casa, me achando a it-escritora.

Clap Clap pra mim, eu que consegui voltar à Oficina e que não vou mais procurar a Wally à toa.

## CAPÍTULO QUINZE

Tá.

Vou confessar que saí outra vez com o Celeb. Não posso ficar escondendo. Não, não ia ficar es-con-den-do, ia ser só uma mentirinha provisória.

Ele me corrompe. Meu tesão por ele é insepulto. O cara tem o borogodó e me atrai. E pior que ele não tem nada a ver comigo. Ele é todo chegado no pampa gaúcho e cavalo e carneiro e fazenda, e eu sou totalmente urbana. Mas “É” um gato! Desgraçado! Ele é viral e pego tudo que é coisa que vem dele porque ele me enlouquece. Assumo: adoro ele. Sou natiburra. Como é que eu posso ser alguém que não eu mesma? Sério. Que trabalhão ser quem não se é.

Portanto, sou.

Ele tava tão, mas tão liiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiindo.

No primeiro olhar já mandei um #sequeladoloveyou pra mim mesma.



Pior que tirei um snap da gente e larguei mesmo no snap chat.

Punhaladas de charme me atacam cada vez que olho pra ele. E tem mais, ele tem um quê de Formentera. Lugar que imagino muito cada vez que viajo (na imaginação) pra minha Ibiza particular.

E sou muito a favor de não estressar. Liberação de cortisol zero quando tô com ele.

Vou conquistar aquele desgraçado. Juro que vou pro youtube fazer aulas pra dançar que nem a Shakira. Pink promise (se ele mandar bem esta noite e não desaparecer, óbvio).

Sou impostora de mim mesma e o cara tá um gato nesta t-shirt podrinha preta. Ai, não adianta. Na real, também nem sei se o cara é chegado numa lama. Vai que é pura fofoca. Tem gente que curte uma acidez de Lars Von Trier.

Quer saber? Vou beber e deixar me encantar (só esta noite). Salve o poder elástico da projeção que sabe esticar a loucura da paixão. Ai, que brega, Lyna Luck!

Tonight I'm yours (dele Rod Stewart)!

Então, lá vou eu!

Atenção: emoldurando-me nele.

Tchibum.

Fui.

Next Day>

Abalo sísmico na emoção e acordo adensando a noite anterior. Me olho no espelho. Tô caiada de tão branca. Meu sorriso foge e se esparrama na frente do espelho.

Me preparo pro dia no banho. Demoro ... mas demoro tanto que só depois me dei conta de que o tal exercício literário que tinha planejado fazer nesta manhã, ficaria pra noite. Adoro ficar horas no chuveiro. Ensaboei até meu DNA. Pensei em fazer o tema de casa depois, mas não consegui. Mutilei meu tempo.

De noite não rolou porque trabalhei o dia todo num evento e cheguei em casa morta.

Dia seguinte, revezei as tarefas olhando de segundo em segundo no whats pra ver se tinha algum recadinho do Celeb.

Nada.

Fico louca pra mandar alguma coisa pra ele, mas sei que seria ponto perdido.

Concentro num frila que fiz semana passada e copio a decoração de uma revista francesa com o evento de hoje. Me sinto geniázinha. Me esqueço do tema de casa da oficina. Me esqueço de mais: me esqueço que eu tava embalando herculeamente na carreira de escritora.

Retomo: Quero ser pocket!



Olho para a urna. Não depusitei nada ontem. Nem hoje.

-Quê? A urna? Ah! É uma mania que tenho de depositar todas as ideias dentro de uma urna vermelha, no canto da sala. Coisa de escritora maluca. Mas hoje não vai rolar. Bom, nunca se sabe. Posso ter ideias excelentes ainda.



- Tava ótimoooooooooooooooooooo
- Pegou?
- Yeah! #titanium Love
- Sério?!
- (carinha de anjo)
- E aí? Falou da cocaína?
- Não rolou. Não tá entendendo... rolou hologramas de ...
- Bora caminhar às 11?
- Tô acabada!
- E agora?
- Vou deixar rolar... o q interessa é que eu enquadre o bofe rsrss
- Rsrssrs lembra ... não podemos resistir às tentações .blz, bj
- Bj... elas podem não voltar... rsrssrs

## CAPÍTULO DEZESSEIS

E mais uns next days e nada de fazer o tal tema da oficina. Na real, não tava com saco de parar na frente do computador. Tava mais pra umas comprinhas e me cuidar porque no frio nojento daqui fica fácil de relaxar e não cuidar da depilação ou deixar de fazer a mão. E pé então! Não fazer as unhas do pé. Vixi! Unhas do pé Shrek style só pras muito sem noção. Magina sair com Celeb e pagar mico de pé largadão. Aff. Comigo não rola.

E mais um dia. Urna semi abandonada. E quer saber?

<Minha paciência informa que está fora de área ou temporariamente desligada>



#boraestarfeliz



Melhor um Break Free (amoooooooooooo)

[https://www.youtube.com/watch?v=nfWlot6h\\_JM](https://www.youtube.com/watch?v=nfWlot6h_JM)

E a porra do Celeb não me manda nenhuma msg.

Pour quoi?

Melhor abstrair.

Vou levar este monte de lixo lá na rua.

Ué! Telefone fixo. Quem será?

Sônia> mãe da Debby>evento>muita grana>trabalhooooo

EBA.

Nem acredito! Vou coordenar a festa de quinze anos da Debby. Tô feita. Minha one in a million chance.

Que coisa boa. Aterrissou (estranha esta palavra com dois erres e dois esses) na hora certa. Minha vida tá perfeita agora. Tenho que me organizar pra fazer uma festa perfeita, daí minha carreira vai decolar. Vou lá levar este lixo que tá há dois dias ali na cozinha

Aí, que a cruza do real com o surreal mastiga bem a goma e depois engole. Me explico:

Abro a lixeira grande, daquelas novas que a prefeitura colocou e que os caminhões de lixo vem tipo guindaste e levantam, derramam o lixo e esvaziam o container.

Eu tava contando que abri o latão de lixo com o pé e quando joguei os meus três saquinhos de lixo lá dentro, me sai uma voz retorcida, que diz assim:

-Ei, não jogaaaaaaa!

Como assim? Será que a minha loucura artística (sim, porque se for loucura tem que ser artística) tá a ponto de ouvir vozes? Vozes de dentro da lixeira. O caso pode ser grave. Síndrome de imaginação aguda de aprendiz de escritor. Chique.

Mas, pasmem - não era imaginação. Tinha um homeless dormindo ali.

-Desculpa. Foi o que consegui dizer.

Saí de mansinho com meus sacos de lixo rua afora, como se tivesse medo de acordar alguém.

Na hora de usar o pé para abrir a lata nem percebi que tinha um toco de pau servindo de suporte para deixar a lixeira aberta.

E foi ali que tive um insight, que me levou para a aventura seguinte.

Se os loucos e os perdidos sobrevivem a todas as humilhações e se adaptam em lixos para não morrer, posso arriscar meu mais louco devaneio, o de ir atrás do meu Vargas Llosa.

Seguinte: eu vou descobrir onde o Llosa está morando, vou lá bater na porta da casa dele e convencê-lo de me dar aulas particulares durante seis meses. Só não sei com que grana vou bancar isso.

Cada um dorme na lata de lixo que pode!

Porra! Vou ter que abrir pen-drive por pen-drive pra descobrir onde coloquei aqueles endereços de escritores! Sei que tá junto com os hotéis de literatura.

Faço uma verdadeira excursão por todos os arquivos que tenho cada vez que preciso procurar um texto. Antes de vocês perguntarem, eu friso em capslock: não sou organizada, e faz parte de mim ser desfocante. E coloco tudo em vários pen-drives porque tenho pânico do meu computador pifar com meus textos todos dentro. Deixa que eu me entendo, ok?

Dias depois...chuvas depois...

Viu? Tá aqui.

Tour para amantes de literatura.

- Quartos com poesias nas paredes, bibliotecas abarrotadas de clássicos ou prédios inteiros que ainda conservam a aura do ilustre escritor para uma viagem cultural.

Nova Iorque: Library Hotel

Madrid: Hotel de Las Letras

Paris: L'Hotel (foi a casa de Oscar Wilde).

Istanbul: Pêra palace

Endereço dos escritores:

A, B, C ..... M

Aqui: Mario Vargas Llosa

## **CAPÍTULO DEZESSETE**

Em relacionamento sério com a organização...

Aproveitando que tô sóbria de ideias e de mal com meus vínculos volúveis, vou fazer uma lista de coisas pra coordenar e vou seguir à risca. Antes de qualquer coisa, vale salientar a “coincidência” de ter cocaína mais uma vez permeando meus costados> É no Artur, é na Menina mega má (você vão ver depois...) e será que também no Celeb? Containers de medo!

Mas antes que eu comece o devaneio de Celeb blá blá blá, segue a lista:

Saída com Celeb.

Trabalho – captação de clientes

Trabalho para apresentar amanhã na Oficina Lit.

Festa da Debby

Organizar minha grana e viagem pra tour-literário

Escrever um romance

Ser publicada

Virar uma best-best–seller, maybe uma immortal.

Tá, concordo que, às vezes, me esfacelo e não termino bem as coisas. Já admiti. Mas são só dois os meus vacilos: medo de manequins nas vitrines e de terminar os textos.

Talvez eu deva acrescentar na minha lista o número 9 e o 10 como: tratamento leve psicológico destes dois mini problemas.

Depois de ajustar estas duas deficiências, terei mais chances de achieve the top, ah ah

Em dois anos, serei maxi-editada e darei palestras. Como uma gypsy-setter intelectualmente conhecida, começarei a riscar da minha lista de ilhas , uma por uma, que terei visitado. Sim, porque tenho uma lista de ilhas também: Maui, Maldivas, Bora Bora, Morro de São Paulo, Seychelles, Canárias, Los Roques, Santorini, Fernando de Noronha, Taormina, Koh Phi Phi, Andamas, Lefkada, Ibiza, Sardenha, Turcos e Caícos, Bali, Saint Barth e ... .... tenho que voltar, o que eu tava falando mesmo?

Sei que vivo em ebulição, mas minha cabeça funciona assim mesmo. Por isso tenho a urna como depósito de possibilidades. Quando preciso de ideias ou de rumos, abro a tal e me pesquiso. Hoje vai ser um dia em que vou colocar todos esses arquipélagos nela.

átá, ta, já sei, tô viajando outra vez. Saí um pouquinho do foco, mas todo mundo é assim. E daí que me chamam de Rainha do Barbante (tipo enrolo, enrolo, enrolo), mas na real, não faço mal pra ninguém, então me deixem com minhas manias & agonias.

Voltando, ou melhor, relendo (sou a favor de menos gerundismo na vida, mas com minhas tarefas sempre em andamento, sacumé... rsrrr) a ideia de usar o curta da Menina mega má como catalisador do meu projeto tour-peregrino-literária. Tô confundindo vocês?

Então acho que vou pela ordem da lista. Assim, faço o gênero control-freak. BLZ!



Primeiro, preciso de um som. ~Playlist~

Swedish House M.

Don't you worry child. É oldíissima, mas é boa, amoooooo!

Mas eterna mesmo é a minha Maroon 5 - Sunday morning. Aquele começo é lindo...

Sunday morning rain is falling

Steal some covers share some skin

Clouds are shrouding us in moments unforgettable

You twist to fit the mold that I am in

But things just get so crazy living life gets hard to do

And I would gladly hit the road get up and go if I knew

That someday it would lead me back to you

Lara lá lá lá

Lara lá lá lá

A letra até é que legal também, pelo menos a tradução que eu li no Vagalume.

Tá. Rewind.

Sobre o número um da lista: saída com Celeb. Vou ligar pra ele amanhã e vou armar uma noite. WHF ! Vacila até uso o Grubster e faço uma reserva pra gente.

Número dois: captação de clientes. É só postar no face que vou fazer a festa da Debby. Posso colocar no Insta umas fotos das últimas produções e twiitar umas frases provocantes sobre noite no ar, pronto. Tô “captando”. Hoje em dia, só não se promove quem não tá nas redes sociais.

Na real, acredito nas teens. “Teens rule the world”

No finde, vou postar no Droonies uma amostra muito show do meu trabalho de eventos. Me aguardem.

Número três: trabalho pra apresentar amanhã na aula do Herrb. Hum, emperrei!

Ah! Já sei.

Vou fazer dois ou três capítulos de um romance que já tenho uma certa ideia na cabeça e era isso.

Mãos à obra, Lyna Luck.

## **CAPÍTULO DEZOITO**

Conforme combinado, vou pela ordem da lista. Ligar Celeb. Não. Não vou ligar, vou mandar um Whats convidando ele pra festa da Aninha, na sexta q vem.

“Oi, Celeb, td certo por aí? Bora na festa de despedida da Aninha, na sexta? Vai estar por aí? Bj. Lyna”

Pronto. Agora é só esperar a resposta.

Captação de cliente já fiz. Agora preciso fazer o capítulo um, dois e três do tema pra amanhã.



Antes uma Taylor Swift

[https://www.youtube.com/watch?v=nfWlot6h\\_JM](https://www.youtube.com/watch?v=nfWlot6h_JM)



*O ônibus sacode os cheiros da manhã. As janelas fechadas misturam os odores (ou os cheiros? Mas já usei cheiro) Difícilmente exala aromas franceses. Os passageiros estão com sono. Uns acordam nas curvas. Eu leio.*

*Todos os dias vou e volto do trabalho assim, lendo. Levo uma hora e quinze na ida, quando não estou atrasada e posso pegar o ônibus comum. Desta linha, conheço alguns passageiros. Sou capaz de reconhecer os adesivos: em caso de emergência, tarifa ficha escolar, primeiro e últimos horários, fale conosco e demais informativos. Reconheço os motoristas e sei de cor alguns poemas no ônibus...*

Genteeeeeeeeeee, já são quatro da tarde e tenho q estar na aula às cinco. Caramba, e agora?

Conselho Fendi:

Vou salvar este início e levar o pen-drive. E de repente, faço mais um pouco antes da aula começar, porque dizem que o Herrb sempre chega uns vinte minutos atrasado.

Vacila, ele nem me chama pra ler nada de trabalho, porque na real, não mandei nada por e-mail, como ele pediu. E também os professores nem lembram pra quem pediram pra fazer algo de uma aula para outra... tanta coisa acontece durante a semana. Ai, tô tsunâmica.

17h

17h15min

17h30min

Me entra o Herrb na sala com um monte de livros na mão. A sala já tá com uns doze alunos sentados e todo mundo num bate-papo tranquilo. Eu tive a sorte (ou melhor, a

esperteza) de sentar bem do lado do bonitinho do Rafa (já estou íntima), e ficamos conversando sobre as aulas. Aí o profe me larga esta:

Vamos ouvir nossa colega nova. Lyna, no que você trabalhou? Pode ler?

Ferrou!!!!

- Ah! Claro, claro professor. Mas é que não ficou bem pronto.

- Você pode ler então o que produziu, sem problema.

- Ah tá.

Aí eu li e quando terminei as benditas onze linhas, um silêncio daqueles amortecedores de bomba explodiu na sala. Fiquei paralisada com o meu provável esfacelamento diante da nova turma. O Herrbezinho foi sucinto:

Se esta é a maneira pela qual vocês estão pensando em ser escritores, eu recolho o meu material e volto pra casa.

Nova tentativa do Prof. Herrb:

- Jussara, você trabalhou?

E a tal Jussara leu o que ela trabalhou e ele corrigiu e ouviu outras opiniões de colegas.

E depois: Roberto, você trouxe algum texto?

E Roberto leu e todos ajudaram a limpar o texto. E mais um: Karen, você quer ler seu texto?

Karen leu “seu texto” e eu seguia muda abotoando meus botões imaginários pra me selar dentro de um saco de dormir também imaginário, porque não tinha como encarar os outros. Me sentia um desastre. Queria me mudar pra Bangladesh.

Poções de choro pra dentro me inundavam. Não podia demonstrar fraqueza. Seria mais mico ainda. Sempre ouvia falar que os fracos de cabeça deixavam as Oficinas porque é o tipo de lugar em que as pessoas ficavam muito expostas e muitos não conseguiam lidar bem com a crítica. Senti!!

E assim foi até o intervalo, quando todos saíram da sala para tomar um café. No período seguinte, o Herrb falou sobre:

Começo pelo conflito

- O conflito não pode ser como uma explosão de uma bomba atômica. Tem que ser bem simples. Porque se já vem explodindo com toda força, depois não tem o que contar.

-Instalar o conflito no máximo até o segundo capítulo, mesmo se os capítulos forem curtos.

-Fazer o conflito aparecer e desaparecer.

Então agora vamos ao exercício. Trabalhem o conflito. A personagem de vocês é uma florista.

E o professor saiu da sala. Todos se colocaram a teclar no computador.

E eu?

## **CAPÍTULO DEZENOVE**

Eu?

Vou contar uma coisa pra vocês:

- Vou contar o motivo de ter medo de manequins.

Vou ser direta: porque vi minha “possível” mãe morrer e a vi imóvel e rígida, igualzinha a todas as manequins horrorosas expostas em vitrines.

Pronto. Falei. E tem mais:

Esta doença se chama Pediophobia. Como eu sei?

Li no Google, claro. Mas já me tratei com uma psicóloga e confesso que pouco adiantou. Meu caso é crônico.

No começo eu não entendia este pavor e tinha vergonha de contar pra alguém, imagina ir numa psicóloga e dizer: Olha, tenho pânico de vitrine de lojas de roupas. Entendem?

E hoje lido com isso de maneira moderada porque não pretendo gastar um tempo e um dinheiro que não tenho em terapia pra consertar minhas falhas traumáticas. Quem vai me garantir que nunca mais vou desabar diante dos manequins com cara de gesso apavorante? Por acaso, o fato de eu entender isso vai reverter o que aconteceu com minha mãe? Então, é melhor ligar no “aceitando” e tocar a vida. Quando a gente se aceita com todos os rombos que a vida nos proporciona, não precisamos de terapia- creio!

E já que tô neste momento íntimo com vocês, vou despejar tudo de uma vez só. Porque tô a fim!!!

Minha mãe biológica era mega pobre. A única vez que teve emprego foi num depósito de livros. Um lugar grande em que os livros ficavam armazenados logo que saíam das editoras. E ela gostava. Às vezes, ela dormia lá e se oferecia pra fazer serviço extra de limpeza e de vigilante, pois era mais quentinho que na rua. Até que ela engravidou de um carregador e me teve. Me teve, mas me “desteve”. Simplesmente, a louca me deixou, com poucos meses, abandonada dentro de uma caixa de livros e se mandou. Quem me achou foi



uma senhora que fazia a classificação dos livros que saíam do depósito. E eu aprendi a amá-la. Aliás, amava as duas, mesmo a louca da minha mãe, que tinha me abandonado. Minha mãe adotiva se chamava Zilá. Ela sempre me contou toda a história verdadeira e eu soube de toda a fragilidade humana desde cedo.

Tentamos encontrar minha mãe biológica, mas ela desapareceu e até hoje o Google não foi capaz de encontrá-la. O que sobrou foi um bilhete rasgado que ela deixou com uma letra sofrível na caixa de papelão em que me largou. “Esta é Lyna. Leia, minha filha, e escreva. Eu gosto dos livros”.

Puft! Se foi. E eu fiquei ali depositada como mais um livro que espera ser entregue em algum lugar.

Um dia, chegando em casa, encontrei minha mãe adotiva esticada e dura no sofá da sala. Morreu. Desapareceu também. Era jovem. Eu tinha dezesseis anos. Enough?

Ok. Às vezes, abrimos alçapões. Esta minha história ridícula parece fábula de romance de iniciante. Já pensou, se eu apresentasse esta história na aula? O tal Herrb ia me escrachar. Acho que posso ouvir a observação mutiladora dele: “Lyna, o início é pelo conflito, mas sua história é previsível, pasteurizada e pífia.

Ulalá. Déjà-sofri!

## **CAPÍTULO VINTE**

Eu esperei uns dias e mandei um e-mail para o mestre dando uma explicação razoável, linda e alcatraz para meu comportamento. Conteí uma história sobre meu trabalho e como perdi meu dinheiro e, ainda, de que modo isso vinha me debulhando na última semana.

Outra mentirinha provisória tipo “o poeta é um fingidor” blá blá blá...

Ainda acrescentei que eu pretendia frequentar as aulas mais como ouvinte, se ele permitisse. Adornei minha alternativa com a ideia matriz de que cada um é de um jeito, onde escrevi: “o senhor sabe seu ‘Stendal’ é diferente do meu”. Com uma pitada de sorte, ele estaria sorrindo por dentro num impulso de simpatia para comigo.

Terminei dizendo que eu precisava de um tempo para alvejar a vida, mas sair da Oficina seria mais uma perda para lidar, então se eu ficasse como ouvinte, me sentiria melhor. Propus escrever em casa e apresentar um texto ao final de cada mês.

A resposta veio depois do fim de semana e foi telegráfica, como não imaginei:

Lyna, não é assim que funciona minha Oficina Literária. Se você quiser continuar, não terá problema. Trabalhe e apresente. Nossos Stendals devem ser iguais.

Querido Prof. Herrb!

Agradeço pelo genocídio que o senhor acaba de praticar para com minha singela pessoa.

Não. Não respondi nem a frase acima nem outra qualquer. Não fui na aula seguinte. Olhei a página do face do grupo e vi que o Herrb trabalhou o início pela especificidade. E o tema de casa seria escrever um tema livre com um daqueles inícios. Apareci na outra aula com os 23 capítulos da Rita que vocês já conhecem, lembram? Noronha?. Me sentei bem atrás, como quem diz: Aqui você não me acha.

## **CAPÍTULO VINTE E UM**

Já vou logo avisando que o mongol do Celeb nem respondeu meu convite pra festa da Aninha. Quase mandei um outro convite por whats: “a gente se agarra como sempre e se separa como nunca” Mas resolvi ficar na minha. Melhor não dar uma de engraçadinha. Acabei não indo na festa. Resolvi dar um intervalo na história (já que “dar um tempo” é muito longo para minhas inquietudes)

Fui pra rua atrás da organização da festa da Debby. Essa parte eu tava coordenando legal. Gosto desse trabalho, mas meu sonho de consumo mesmo é virar escritora. Não tenho mais nenhuma vergonha de assumir isto.

Aí, tô saindo do prédio com a bolsa cheia de exemplares de caixinhas que peguei de uma loja, para mostrar para mãe da Debby e não é que me assaltam...

Foi tão espontâneo e natural. Tão à luz do dia, na cara de todo mundo, que parecia cena de comédia pastelão. Eu me virei para chavear a porta de saída do prédio e duas mulheres bem vestidas me mostraram uma arma e levaram a bolsa. Na hora, a gente fica convulsionada porque aquilo parece que não tá acontecendo. Olha eu estava bovinamente vestida tipo jeans e camiseta preta. Na real, é tão rápido que eu nem consegui gravar o rosto delas. Elas pareciam normais. Pior é que levaram minha carteira, documento e trezentos reais. Não sei como não pediram as chaves do apartamento. Por sorte, eu sempre tô com celular no bolso de trás da calça e as beldades não sacaram. Eu acho que elas estavam a fim do carro. Elas podem ter imaginado que eu iria pegar na garagem, que é do lado. Se deram mal- no car, babies. Naquele segundo, minhas pernas ficaram soltas e eu conheci o zanzar da morte.

E qual não foi minha outra surpresa, ou mais certo chamar de susto, quando dei de cara com o Celeb saindo do mercadinho da esquina, onde a Debby mora.

Fingi aquela olhada neutra que nunca funciona e acabei acenando nervosa, do fundo do mercado, atrás das bananas e das maçãs. Tive todas as fantasias infantilizáveis que pude, e ele me abordou calmamente, como se fosse o último dos druidas, o Merlin.

Óbvio que paguei maior micão de abobada e ele sacou. Falou que não respondeu meu torpedo porque tava muito busy e tinha esquecido. Me chamou pra uma festa na quinta e me disse: te busco às 23:30. Pronto! Setecentos e oitenta e cinco arco-irís apareceram no meio do mercado. Ele se foi.

Até eu juntar as Lynas espalhadas entre o assalto feminino e o convite do Celeb, as bananas e as maçãs já tinham amadurecido.

Chegou a noite. Vi no grupo do face que Daniel tinha perguntado se eu tinha saído do grupo. Respondi que na próxima aula eu iria

Taí, gostei do interesse do bofe!

## CAPÍTULO VINTE E DOIS



Porto Alegre, tempo predominantemente nublado, com temperatura de 18 graus. À noite, chuva com declínio para 16 graus.

Bom dia.

Quinta-feira. Dia de me produzir pra festa com Celeb. Vestido ou calça? Rasteirinha ou saltão? Cabelo ondulado ou liso? Perfume leve ou suave? Decisões necessárias.

Ele falou que me buscava às 23:30. Tenho que terminar a reunião com a Debbie às 17hs e correr pra casa para me arrumar. Ainda bem que a Debbie aprovou os palitos com aromatizantes que eu escolhi correndo, depois do assalto que me levaram as amostras das caixinhas. Ficou bem melhor com os palitos. Nós decidimos dar no final da festa uma lembrancinha, uns palitos tipo espetinho, com massinhas perfumadas, um mimo.

Tudo organizado. Inacreditável. Lyna Luck, você está indo muito bem. .

Boa tarde.

Uma roubadinha, hoje t^com o tique diminutivo ( tudo: inha, inho) atrás da outra pra infernizar minha vida. O computador resolve não mandar para a impressora queridinha o meu trabalho para apresentar amanhã. Lá vou eu atrás de um lugar para imprimir. O texto ficou ótimo, vou arrasar.

Faltou papel higiênico e tenho que ir no mercado. Debby me liga dizendo que trocou o local do evento, pode? A mulher que faz os docinhos cancelou comigo porque o filho convidou ela para uma viagem surpresa de aniversário, para Buenos Aires. Tenho que encontrar a outra doceira, que é mais cara e mora em Viamão. Isso tudo até às 16:30, porque tenho a reunião às 17h.

Tem mais, o cara dos toldos me pediu pra passar lá e ver se eu aprovo a cor azul-marinho que nós escolhemos.

Tenho hora na manicure às 15h e já vi que vou me atrasar. Ainda bem que fiz depilação na segunda. Aff!

Boa noite.



Olho no i-phone a mensagem do Celeb.

“23:30, ok?!”

Minha resposta: perfect!

Look: vestido preto e cinza boho style, salto altíssimo, cabelo liso, unha branquinha, bolsa pequena com franja vermelha e Zadig Voltaire (meu perfume favorito).

Festa bombando, som muito bom e Celeb soltinho comigo.

Espumante mais espumante mais espumante mais espumante mais espumante mais espumante, igual: muitas espumantes e verdades ficcionais.

Que tipo?

Hum. Do tipo control (mais) C sobre minha ida pra Europa, por exemplo.

Assim ó:

- Lyna, te falei que eu tô indo pra Argentina no verão pra filmar junto com uma galera do cinema?
- Argentina, onde?- Buenos Aires. Eles estavam precisando de um pessoal do teatro para fazer umas cenas em Palermo. Fui escolhido. Tô amarradão. Você vai fazer o quê?
- (na hora ficcionei) Eu tô indo pra Inglaterra, França Portugal, Rússia...
- Uau! Fazer o quê?
- Vou fazer um acultramento.
- Como assim?
- Um tour literário. Vou pra Inglaterra visitar a casa de infância do Shakespeare, a casa de veraneio da Agatha Christie, depois vou pra Portugal conhecer onde Fernando Pessoa passou os últimos quinze anos da vida dele, aí vou pra Paris ver a casa de Victor Hugo, vou pra Rússia na casa do

Tolstoi e, se sobrar grana e tempo, a gente vai pro Chile ver as casas do Pablo Neruda.

- Nossa! Mas deve ser uma grana!

- É! Mas dá pra pagar em “vezes”.

- E quem vai com você?

- Ah! Uma galera aí, você não conhece.

- Celeb, preciso ir no banheiro, já volto. A gente se encontra aqui?

- Não, não. Vou lá com você e te espero na porta- disse ele - todo lindinho.

Ai, que medo! (pensei) tenho trauma de porta de banheiro. Mas eu TINHA que ir.

Acredita que na volta, eu olho pro Celeb me esperando na porta do banheiro das mulheres e olhei tanto, mas tanto, que o bofe sacou e quando ele veio em minha direção, eu me esfacelei no chão.

Bem assim! Dei aquela escorregada e aterrissei nos pés do homem! Tem explicação? Que vergonha. Um monte de gente me perguntando se eu tava bem e eu com o vestido rasgado, um pé torcido e um olhar de espantinho.

Resumo da noite: Fui multi-bebum parar no pronto-socorro com Celeb e um amigo dele que tava de carro e tava limpo. Voltei pra casa com perna direita imobilizada e duas muletas cor-de-rosa (logo eu que odeio tudo que é duplo e igual, mas eram as únicas pra alugar naquela hora).

Tiramos umas selfies muito engraçadas lá no pronto-socorro e ele botou no Insta. Claro que eu amei porque daí a mulherada ia sacar que a gente tava junto. Na real eu também postei no face e usei a youcam. Retoquezinho tipo botox hi-tech pra garantir o visual. Quando você mora num estado que tem quase 400 mil mulheres a mais do que homens, aí vale tudo. Eu tava sem muita dor, acho que porque tinha bebido um bocado. Passamos na farmácia pra comprar remédios. Lyna Unluck!

Acabamos indo dormir (Yes! He n me) às cinco da manhã, e quando eu acordei ele não tava mais na cama. Tinha uma whats dele muito fofo. Saí da cama, ainda bebinha e com a maior dificuldade de controlar aquelas muletas Pink.

## **CAPÍTULO VINTE E TRÊS**

Cheguei na aula antes de começar. O Herrb me viu e fez cara de consentimento. Vai ver ele achou que eu ia amarelar pro tom de profe brabinho que ele lançou na última aula. Nem fez cara de surpresa quando me viu chegar com as muletas.

Vi que do lado esquerdo do quadro-negro, o professor tinha pendurado uma estrela grande. Parecia ser feita de cartolina prateada com acrílico. Não entendi nada. Já tinham me dito que ele gostava de estimular os alunos com objetos referentes aos textos. Ele já tinha trazido um sino, um carrinho de coleção, uma vassoura e muitos outros objetos estranhos. Lembro de um gato enorme de louça que alguém postou no face do grupo. Tudo para ativar o impulso criativo do escritor. Eu até que curtia a ideia. Qual seria a da estrela?

Então, como eu já disse, nessa aula sentei bem atrás. Não adiantou nada. Ele me mandou apresentar o texto de primeira. Comecei uma ladainha de mentira, que eu tinha sido assaltada e que o pen-drive estava na bolsa. Que eu tinha caído na calçada e torcido o pé. Que eu tinha ido imprimir numa lan house porque minha impressora tinha estragado e blá blá blá. Não sei o que me deu. Acho que foi medo. Eu tinha os vinte e três capítulos da Rita na pasta, mas não consegui apresentar. Minha coragem fica raquítica quando chego na Oficina, não sei por quê. E todo mundo está numa boa. Os colegas ficam muito à vontade e o Herrb até que é bem legal. Acho que eu tenho muito problema com minha escrita. Acho que acho que eles vão achar muito ridícula. E fico com uma mega vergonha de ler em voz alta, mas eu queria tanto ser escritora. Será que não tenho talento? Tô mega equivocada? Tô criando monstros?

O intervalo foi tranquilo. No final da aula, esperei todos irem embora e entreguei meu trabalho para o professor. Ele achou estranho, e eu pedi com maior cara de coitada que ele entendesse, pois eu ainda tinha “vergonha” de mostrar aos colegas. Ele começou a desenrolar toda uma teoria de dinâmica de grupo, que eu sei que tá certo, mas fiz duas carinhas de charme e ele acabou concordando em dar uma olhada. Antes, porém, me deu duas chamadas sérias: 1) Lyna, me parece que você não termina seus trabalhos e 2) seus textos são pequenos, muito, muito curtos. Esforce-se para melhorar isso. Ainda mais um silêncio comprido porque não consegui falar nada. Olhei muito para ele e disse: “eu prometo ler na aula seguinte o tema de casa que você pediu hoje: o narrador onisciente seletivo. Assunto: astrologia.”

Fingi estar totalmente familiarizada com este monte de narradores que ele havia enumerado no quadro: Narrador onisciente seletivo múltiplo (eu já não tinha entendido o de hoje, que era só seletivo! imagina o tal “múltiplo”). Mas é assim que funciona. Tipo me joga na piscina e depois vejo se tem água.

Penso que eu não tenho capacidade para estar naquela turma, mas é que eu gosto tanto das aulas. Naquele ano em que fiz Oficina Literária foi a mesma coisa. Eu não consegui acompanhar a turma e tive de sair. Acontece que este Herrb é o melhor que tem, e quem é indicado por ele para o mestrado está com a vida ganha. Tá, exagerei: não é a vida “ganha”, mas é o caminho certo. O único lugar que realmente me sinto feliz é no meio de gente que

pensa, curte e vive a escrita. Então preciso permanecer. Vou fazer qualquer coisa pra ficar desta vez.

Narrador onisciente neutro, narrador onisciente intruso, narrador-câmera- Me muelo!

Pouco importa que eu ainda não saiba usá-los. Vou pesquisar na rede e montar meu texto. O negócio é apresentar em aula.

Esnucado Herrb, tratei de vazar.



Coloquei meus fones e “Ain’t it fun” Paramore da minha playlist . Peguei um táxi na frente do prédio e fui direto pra casa.

Noooooossssssssssssssssssssssssssssssa, quantos seguidores no twiteer.

Tudo porque twittei:#alterioendereço daminhavialáctea

## **CAPÍTULO VINTE E QUATRO**

Passei o resto do dia com a perna pra cima, celular do lado e fazendo um resumo/estudo de tudo que já tinha copiado nas aulas de oficina do ano passado.

Achei um texto antigo que eu tinha feito e veio todo marcado com observações do professor, coisas do tipo:

Voz passiva: empobrece o texto.

Excesso de gerúndio (eliminar pelo menos três deste texto).

A palavra “quase” enfraquece o texto.

Substituir “ter que” por “ter de”.

Quanto menos “que” usar, melhor. Cada “que” que você usa tem de dar uma explicação. Explicação é para leitor e não precisamos disso. Lembrar: se o leitor chegar, ele próprio, pelo caminho dele, o texto se torna inesquecível.

Locução adverbial com gerúndio fica horrível. “Fulano ia arrumando o quarto“, evitar sempre.

Não usar seguidamente palavras de uma sílaba só. Exemplo: que passou a ser a da Camila.

Não usar “pois” ou “porque”. Use o ponto final.

E assim fui relendo as observações e me toquei de como eu não me dava conta de todos os detalhes. A Oficina pode ajudar a escrever melhor.

Encontrei também um caderno com: Espaço ficcional e Tempo ficcional.

Legal como as assimetrias entre o tempo da escrita, o tempo do narrador e o tempo cronológico podem ser facilmente confundíveis. E também podem estragar uma boa parte da história, se forem mal utilizados.

Fiquei lendo esse caderno por mais de quarenta minutos até que minha concentração começou a esvaziar e fui pro Facebook.

Não tinha um convite de amizade e sabia que eu já tinha visto aquela menina, mas não lembrava de onde. Me dei conta de que ela tinha um cabelo lindo e um jeito bem do espertinho. Não aceitei.

Vi que não tinha nenhuma mensagem do Celeb no whats e resolvi mandar uma pra ele.

Ele só respondeu à noite. Disse que estava em São Paulo e que não sabia quando estaria de volta. Foi meio seco e não curti.

Resolvi comer bolacha e partir pro tema de casa: astrologia. O que eu sei sobre isso? Nada. Também nunca fiz um mapa astral. Lembrei que a Célia, aquela colega do curso de fotografia que eu fiz há dois anos, tinha feito um mapa astral muito legal com um cara que faz Astrologia Védica. Boa ideia! Vou tentar escrever alguma coisa por aí. Sei lá, planetas... Se bem que não conheço planeta nenhum. Achei melhor preparar um cafezinho. Peguei um incenso daqueles indianos dos bons: Satay Sunrise incense. Shrinivas Sugandhalaya pra inspirar.

Coloquei no computador o CD do Buddha Bar XII do Ravin, que é maravilhoso pra escrever. Amo as primeiras músicas que tem um mix de indiano com eletrônica e lounge music. A primeira (I must confess) e a segunda (4 generations) são mágicas.

Comecei um texto falando sobre um pai que é astrônomo e seu filho pequeno, que se interessa por esse tipo de coisa. A mãe é um pouco complicada, mas não chega a ser uma personagem fundamental. A ideia seria a de escrever alguma coisa que tenha um conflito entre astronomia e astrologia, mas como? Bom, o Herrb não disse se era para fazer um conto, uma crônica ou um início de romance. Ou disse? Conto sei que não é porque ele nem começou a trabalhar ainda. Vou perguntar pro Rafael no grupo do face.



Aha! Eu bem que achava que já tinha visto aquela menina. Ela é nossa colega! Tatiana, hum...Bonitinha demais pro meu gosto e pior que a guria só apresenta texto bom. Vou dar uma stalkiada no face dessa Tatiana.



Linha do tempo, fotos, seguindo...Ah! Fala sério! Seguindo o Celeb?! Só o que me faltava! Que porra é essa? Hipertag com Celeb, ninguém merece. Musando com meu “namorado”, qual é a dessa Tati?

Que merda. Eu sou muito otária mesmo. Esse Celeb dá mole pra qualquer uma! Eu vou dissecar esse cara quando ele voltar. Pior que na webgrafia dele não tem nenhuma foto com ela, a não ser que... ah não, aí é demais. Caramba, ela é a atriz que fez a amante na peça “Babalorixá”. Putz! Como é que eu não saquei antes? #soumuitopateta.

Queiram os deuses que eu só fique com essas muletas uma semana, como o médico previu, porque sou capaz de dar na cabeça desse Celeb falcatrua.

Hum! Resposta Rafael: “Escrever qualquer início de romance “

Agora ferrou: cauterizo toda a inspiração, que já era pouca. Melhor deixar para escrever mais à noite.

Tomei o remédio que o médico tinha mandado, dois copos de vinho e um rivotril básico pra nanar. Errado, eu sei, mas...

Aula de quinta-feira ainda de muletas e emburrada com a ida do Celeb pra São Paulo. Não tava precisando de muito pra me tirar do sério.

- Lyna, você trabalhou? Pode ler seu texto?

- Claro.

Pedi pro colega do lado distribuir as cópias para os outros pra não ficar muletando pela sala. Chegou antes da metade e faltou texto para os outros. Herrb logo aliviou dizendo que podiam ler de dois em dois.

Minha voz saiu baixa, nervosa e desvitalizada. Um horror. Li rápido demais. Todo mundo sacou que eu estava nervosa. A tal Tati só me sacando.

## CAPÍTULO A



### VEDIKA

*Crista abre a porta da varanda e encontra o marido de bermuda jeans, de camiseta preta e sem sapatos. Estava completamente distraído olhando lá pra baixo. A vista estava muito linda. Não tinha vento e o colorido do céu chamava a atenção.*

*A cidade parecia ainda mais volumosa com seus prédios e monumentos modernos. O final de tarde estava de uma cor alaranjada.*

*Lá no morro, a casa também tinha seu visual comprometido com o urbanismo moderno e a natureza exuberante. Tinham tido o cuidado de deixá-la limpa e com as cores neutras para que não agredisse a natureza. Pedras e vidros se destacavam na madeira. Era de fato um projeto contemporâneo.*

*Crista sabia que ocasiões como esta, de estar com a família reunida em casa neste horário, eram preciosas e escassas. Muitas vezes, passava este período na escola e quando chegava em casa com o filho, já era tarde da noite. A profissão do marido exigia dele constantes viagens ao exterior. Às vezes, ficavam dois meses sem vê-lo. Ela sabia que isso aconteceria.*

*Ele sempre fora competente demais para não expandir suas pesquisas e palestras mundo afora. Gostava desta liberdade de estar um tempo longe dele, muito embora estivesse se sentindo sozinha. O filho, agora com 11 anos, já não precisava de tanto zelo. Ela podia se comprometer com mais algumas ONGs. Aumentará o tempo de trabalho no colégio. Estava dando aulas de filosofia e não só de história. Sabia que quanto mais se ocupasse, menos prestaria atenção na ausência do marido.*

*Tinham construído uma relação estável e ele precisava de uma mulher ocupada e sensata como ela.*

*Aquele entardecer de janeiro de 2012, no mezanino da casa, pedia um drinque, mas eles ficaram no chimarrão, a bebida dos gaúchos, que herdara dos pais, pois eles sabem apreciar o ritual de uma boa conversa.*

*Enquanto o sol ia sumindo, os tons do céu se os tons do céu se tornavam mais violeta e a cidade lá embaixo ficava com ares de cidade futurista. A arquitetura avançada tinha sido feita com um único fim de representar a capital do país.*

*Foi projetada por um arquiteto visionário e genial, que hoje carrega seus 105 anos, com muita qualidade.*

*Crista abraçou o marido. Perguntou se ele queria um sanduíche. Ele aceitou e deu um beijo suave nela, não deixando de observar o quanto o sorriso dela lhe fazia bem. Ela tem um jeito que sempre despertava nele atração e curiosidade.*

*- Ainda bem que este ano você não vai viajar tão cedo!*

- eu...

- só um pouquinho, acho que o Ra está chegando do colégio, vou abrir a porta. Ele está sem a chave aqui de cima.

O menino de onze anos tinha os traços fortes da mãe e os olhos pequenos do pai. Foi direto pra varanda e pediu algo pra comer. Chegava sempre com fome do colégio. Buscou o lap top. Passava um bom tempo conectado com seus amigos.

Sabia que conversa de adultos às vezes pode ser desinteressante.

Estava já há um bom tempo inserido no jogo do computador, mas levantou os olhos quando percebeu um breve silêncio na conversa dos dois. O céu já estava grisalho com cara de noite. E logo a via láctea estaria ali com eles.

Naquele minuto de suspensão do bate-papo, uma estrela cadente riscou o céu.

- Olha! Vocês viram?

Ambos sorriram com cumplicidade. Tinham o privilégio de ver algumas estrelas passeando porque moravam no alto, sem prédios ou construções.

- Ra, mostra pro teu pai a tatuagem- disse a mãe com expressão de travessura.

- Tatuagem? Exclamou um pai surpreso.

- É, tô fazendo tatuagem de sol. Pera aí. Vou te mostrar.

O menino levantou a manga curta da camiseta e mostrou um monte de esparadrapos numa forma de sol. Quando ele começou a arrancar as tiras, uma parte mais branca salientava a figura do sol.

- mas de onde você tirou esta ideia?

- Não sei. Resolvi fazer e só.

- Quanto tempo você está com isso?

- Uns 10 dias, mas vou trocando de esparadrappo tipo de três em três dias.

-Hum! Legal.

- É, mas eu tenho que pegar mais sol pra queimar. Tá demorando muito, acho que vou fazer no pulso, que é onde pego mais sol.

-Legal, filho.

Crista olha pro marido com cara de riso e, de repente, lembra de um fato interessante. Começa a falar com ele, mas desta vez Ra presta atenção.

-Lembra quando a gente foi naquele restaurante comemorar o último mês de gravidez?

*Que um senhor veio até a mesa pra saber como estava a comida, acho que era o dono. Um chinês com olhos rasgados, de barba e de cabelo branco.*

*-Nossa, isso foi há onze anos. O que ele disse mesmo?*

*-Ele perguntou pra quando era o nenê. Eu falei que se tudo desse certo, seria pra dia 21 de dezembro.*

*Aí ele disse: que bom! Existem fatos significativos pra quem está nascendo nesta época. Este ano, em nossa cultura, é o ano do dragão, que inicia em janeiro de 2001. É justamente o ano do dragão dourado, que só entra a cada ciclo de 3.000 anos. Seu filho vai nascer sob o signo do dragão com a energia dourada que, pra nós chineses, é muito auspiciosa. Ele terá uma missão muito importante e vai atrás do desconhecido. Quando ele completar o seu primeiro ciclo de 12 anos, encontrará a resposta de algo novo pra ele.*

*Depois, ele nos deu os parabéns e saiu.*

*- Mãe, vocês acreditaram?*

*- Olha... Hamlet disse a Horácio: "há muito mais coisas no céu e na terra do que supõe nossa vã filosofia". Quem sou eu pra duvidar?*

*O tempo não correu, simplesmente disparou e você já vai fazer 12 anos! Quem sabe você não vai descobrir alguma coisa interessante??*

*Dr. Dayton olha com carinho para a mulher e para o filho e decide que fará de tudo para estar mais vezes perto deles nos finais de tarde de verão. Pensa também em qual seria o melhor momento para dizer a eles que terá de viajar em breve.*

## CAPÍTULO B

*O calor segue abafando os dias na planície. O volume de trabalho anda raso e eles podem estar mais próximos. As férias já começaram. Ra acaba ficando muito mais em casa e seus pais aproveitam algum tempo com ele.*

*Mais um dia que se passou sem contar a eles sobre a viagem. Ele sabe o quanto o tempo é célere. Precisa arranjar um jeito de falar que vai viajar. Sabe que isso causará alguma desarmonia. Sente-se culpado, mas de repente resolve falar.*

*- Fui indicado pra fazer parte de uma equipe de cientistas e astrônomos que irão ao final deste ano observar um alinhamento planetário em nosso sistema solar, isso acontece a cada doze anos.*

*- Onde pai? Onde?*

*- Índia.*

*- Posso ir?*

*-Tenho que trabalhar. É coisa muito séria. Como vou cuidar de você?*

*Mas pai...*

- A não ser que sua mãe tope nos fazer companhia?

- Sério? Vamos, mãe?

- Mãe!?

Crista já tinha se levantado do sofá e sem demonstrar nenhuma expressão foi para a cozinha.

Os dois ficaram parados esperando que ela voltasse. Isso não aconteceu. Ela sabia como se posicionar. Esperaria os dois irem para o quarto. Esta sim era uma conversa para adultos.

Pai e filho foram lá para fora no mezanino. Ficaram em pé, olhando a cidade.

- Pai, o que tem lá?

- Brasília.

- Não! Lá... apontou pro céu e retomou a pergunta. Como pode surgir tudo isso?

O pai, mais uma vez, tentou explicar, dentro das leis da física, o início do mundo. Ele já tinha estudado no colégio alguma coisa, mas com um pai astrônomo, as respostas tinham que ser mais precisas. Você diz sempre que é o big bang, mas não entendo direito. E antes do Big bang o que tinha?

Ra, tua mãe está chamando. É melhor ir lá. Amanhã a gente conversa.

Tô vendo que a coisa não tá muito boa pro meu lado. Também vou entrar.

O menino foi pro quarto. Fechou a porta. Pensou no que estaria acontecendo na conversa dos dois. Ele tinha que convencer a mãe a ir junto.

Fez uma oração em silêncio. Resolveu fechar a janela e ligar o split. No momento em que estava puxando a veneziana, viu outra estrela cadente. Parou o olhar em um monte de outras estrelas que piscavam, umas mais fortes e intensas, outras mais fracas.

Achou engraçado como elas pareciam formar um desenho de um bicho. Prestou mais atenção e conseguiu distinguir o formato de um dragão. Viu um conjunto de pontos de luz voar em uma velocidade quase tão rápida quanto a de uma passagem de uma estrela cadente. Esfregou os olhos para ver se não estava imaginando coisas. Ao abrir os olhos, já não viu mais aquele formato tão aparente.

No dia seguinte, comentou com o pai, no café da manhã. Ele explicou que podia ser uma constelação. Disse que as antigas civilizações estudavam o céu a olho nu e davam nomes de animais.

-Talvez você tenha visto uma delas e imaginou um dragão porque ficou impressionado com a história que sua mãe contou ontem.

Crista então acrescentou dizendo que os gregos colocavam nomes da filosofia dos deuses gregos nas constelações.

*São interrompidos por Shankara, que abre com o focinho a porta e passa feliz e apressado pela cozinha. Ra foi atrás do peludão branco porque boa coisa ele não estava fazendo.*

*Semanas se passaram e o clima parecia tranquilo na família. Ra aproveitava os dias de férias na piscina com os amigos.*

*Parece que a tristeza esperou o final do mês e início das aulas para chegar. Não veio de uniforme, mas trouxe na mochila vários impedimentos.*

## CAPÍTULO C

*Há cerca de 4,7 bilhões de anos, uma nuvem de poeira e de gás sofreu grandes modificações em razão da explosão de uma estrela. O gás e a poeira giraram e uniram-se sob a ação da força da gravidade.*

*No centro, formou-se uma nova estrela: o sol. Em volta dele, os gases se achataram, se condensaram e tomaram forma de esferas: assim surgiram os planetas. Assim foi o nascimento do Sistema Solar. Ao redor do sol giram oito planetas e outros corpos celestes e meteoritos. Cada um se movimenta no espaço por um caminho próprio, mas na mesma direção com velocidades diferentes. Eles ainda giram sobre si mesmos. O sol exerce uma grande atração sobre todos e os mantém em sua órbita.*

*A professora continuava a leitura do livro de geografia, mas Ra não estava acompanhando. Amassava bolinhas de pedaço de borrachas e as sovava, assim como quem faz pão.*

*Sua mente estava ligada no rosto de sua mãe choramingado. Alguma coisa não estava bem. O pai andava nervoso e a viagem para a Índia não era o motivo.*

*Crista tinha prometido o esforço de ajustar seu trabalho para tentar viajar.*

*Já para a lua existem várias teorias sobre sua origem. A mais aceita diz que um corpo celeste do tamanho de Marte colidiu com a Terra e despreendeu uma grande quantidade de pedaços de rocha. Estes fragmentos se juntaram e mais tarde viraram lua e então...*

*Eles devem ter discutido ou a mãe não teria chorado assim. De repente, o pai vai ter que viajar mais uma vez. Ou a vó pode ter piorado. Talvez algum problema no trabalho? Será que a mãe foi despedida e não quis me dizer? Ou pior ainda: será que eles vão se separar?*

*A aula passou mais arrastada do que nunca. Ra não via a hora de chegar em casa e descobrir o que estava acontecendo. Melhor seria ficar quieto e não perguntar nada, tipo fazer de conta que não sabe de nada.*

*O dia não vinha muito feliz, mas melhorou bastante depois que a Laila tinha vindo falar com ele.*

*A colega alta de cabelos desalinhados em nada se parecia com as meninas alisadas e loiras. Ela tinha uma morenice estranha e olhos quase cinzas. Era muito popular na sala e curti o Mauricio, um cara metido a Justin Bieber misturado com Luan Santana, da turma do lado.*

*- Ra, posso ver sua tatuagem? A Mari me falou.*

*- Tá.*

*- Nossa! Ficou muito legal. Vou imitar você, posso?*

*- Tudo bem. Só que, na real, o sol vai enfraquecer um pouco no inverno. Se bem que aqui nunca fica muito sem sol.*

*- É. Eu posso usar o autobronzeador da minha irmã, tipo vai dar o mesmo efeito.*

*- Beleza então!*

*Chego em casa e só encontro a empregada. No celular, vejo uma mensagem da mãe dizendo que vai chegar tarde.*

*Tenho que fazer o tema. Depois, sair com cachorro. E descobrir o que está acontecendo com meus pais.*

*Neste exato momento em que estou comendo uma torrada, o pai chega e avisa que não vai jantar em casa.*

*- Pai, cadê a mãe? Está acontecendo alguma coisa com ela? Ontem a vi chorando, sei lá, tipo meio estranha?*

*- Está tudo certo, não se preocupe.*

*Mal termina de me falar e chega a mãe, entra na sala, atira as chaves e se joga no sofá chorando.*

(cap. 4 tá só no pen drive vermelho e numa impressão)

Fala da possível doença da mãe: pulmão ou anorexia?

## CAPÍTULO D

*O mês seguinte não foi muito diferente do anterior. Com a confirmação médica de que Crista ficaria bem se seguisse o tratamento, tudo havia retomado seu rumo, agora com muito mais variedades de alimento do que se tinha imaginado naquela casa. O início do transtorno alimentar, a possível anorexia diagnosticada, no caso dela, tinha cura. Segundo o médico, quando admitido pela paciente e devidamente tratado, o distúrbio é tratável.*

*No caso de Crista não havia uma desmineralização do corpo e ainda não era caso extremo.*

*Adivinha, muito provavelmente, de ansiedade. Uma consulta com um nutricionista seria fundamental, assim como um acompanhamento psiquiátrico constante.*

*O doutor parecia muito alerta com o índice de 20% de anorexia nas adolescentes. No Brasil, a obsessão pela beleza fugia dos limites. Crista estava em descontrole porque achava*

que iria morrer, por isso chorava tanto. Na realidade, a anorexia mata mesmo, disse o médico com muita certeza.

Foi difícil para o pai explicar isso para Ra. Muito mais complicado do que tentar falar do universo e seus mistérios. Com acompanhamento médico de perto e tudo sob controle, os três iriam para a Índia no final do ano. Ele agora dependia da saúde dela para se cadastrar nesta missão e de modo algum a deixaria sozinha.

A viagem exigia planejamento contínuo e de certa forma parecia estimular Crista.

Ra estava constantemente pesquisando na internet algumas coisas sobre a Índia.

Já queria fazer a vacina de febre amarela e pedir o visto. Semana passada, resolveu fazer uma lista de perguntas para debater.

Entre tantas, duas estavam despertando maior curiosidade.

- Por que no Brasil as crianças não aprendiam a meditar? -  
Por que a China e a Índia tinham assinado um acordo de construir até 2018 o maior telescópio do mundo, no vulcão Mauna Kea no Havaí?

Fora desta lista permanecia a enigmática e sem resposta pergunta do que vinha antes do Big bang? Tempo e espaço não existiam? Quem criou então o Big bang?

Prometi sentar com ele uma tarde qualquer para explicar essas questões.

Os próximos trinta dias voaram no tempo. Todos estavam sempre muito ocupados e o colégio não dava folga nos temas de casa, trabalhos e provas.

Crista aparentava melhor saúde, em especial depois que reduzira a carga de trabalho. Ela agora se dedicava mais à leitura e à pesquisa.

Por alguma razão muito forte, ele queria viajar com o pai.

Sexta-feira última, o pai deixou um bilhete na mesa do café.

À noite, iria conversar com ele sobre a missão na Índia. Traria pizza e teriam tempo para discutir os novos rumos da viagem.

## CAPÍTULO E

- Pai, eu li sobre o alinhamento dos planetas na internet.

- E o que dizia?

E aí parei de ler porque eu não tinha terminado o capítulo e odiei o texto (coisas de Lyna Luck).



Todos ficaram em silêncio. O professor anunciou o intervalo. Eu gelei.

Na volta do “recreio”, Herrbzinho começou a enumerar coisas que eu não tinha feito, do tipo:

Itens de diagramação- folha tinha que ser de tamanho A4, a fonte era 12 e eu tinha usado 14, espaço três e eu usava o errado, claro! E eu não tinha numerado o texto. Fuck!

Eu não tinha apresentado o foco astrologia. Apresentei astronomia.

Aí chamou o Pedro um nerd de óculos espelhados que detonava todo mundo na sala pra falar do meu texto. Um horror. O cara babaca me esmagou. Disse que não tinha feeling e que era uma tentativa falha de romance mal iniciado. Passou a palavra pro Daniel, que tentou me defender dizendo que o narrador e o protagonista eram bons. A Tati “queridinha” me apunhalou dizendo que o texto era só clichês de ideias e que o filho era estereotipado, não ia funcionar.

Crá crá crá e foram me cravando a faca e eu ali paralisada, até que Herrb tomou a palavra e disse:

Eu penso que o trabalho da Lyna está bom para quem recém está começando. Vamos ajudar a colega e vou pedir para vocês entregarem as anotações para ela. Olhou para mim e disse:

- Lyna, você vai reescrever o texto e nos mostrar daqui um a mês, ok?

Nem acredito! Herrbzinho do meu lado. Amei!

E ainda reforçou que TODOS precisavam seguir a Ficha de Avaliação que ajudava a detectar se o enredo era convincente, se tinha clivagem, se os personagens eram verossímeis, se o conflito tinha potencial ou era fraco, se tinha clichê de linguagem e qual era a técnica do diálogo, identificar narrador e defeitos linguísticos e uma série de outros critérios para salientar defeitos.

No final da aula, mostrou o tema de casa que tirou de dentro da pasta dele: Uma escultura de uma máscara de teatro de uns quatro centímetros. Tema de casa: façam um roteiro de cinema. Um curta-metragem.

Bom fim de semana.

## **CAPÍTULO VINTE E CINCO**

E pasmem.

Eu escrevi.

Como sou muitooooooooooooo fã do romance *Travessuras da menina má...* tive a ideia de...

...a ideia de visitar o Vargas Llosa e fazer meu roteiro de curta-metragem por aí, olha só:



## *I ATO*

### *CENA 1*

*Saída - Clínica Rehab. –Exterior - Dia*

*JOANA, 26 anos, está fugindo da clínica de Rehab. Saída portão fundo. Buraco por baixo muro.*

*CENA 2- JOANA SUJA DE TERRA VAI SE LAVAR NO CHAFARIZ DA PRAÇA.*

*CENA 3- JOANA PEGA UM ÔNIBUS. CHEGA À CASA DE UM AMIGO.*

*LUCA, 32 anos, abre porta apartamento.*

*- LUCA: Como você conseguiu?*

*- JOANA: Não interessa. Preciso da passagem, passaporte e meu dinheiro.*

*- Entra.*

*Os dois sentam no sofá. Ele vai para dentro e volta com um saco plástico com documentos.*

*- LUCA: Tá tudo aí. Você vai mesmo?*

*- LUCA: Lógico. Não te disse que eu ia pra Lima ainda este ano? Quando te liguei avisando pra comprar a passagem, eu sabia que ia rolar.*

*- LUCA: Vc é maluca mesmo...*

*- JOANA: Dizem (ri)*

### *CENA 4*

*Ext. - Noite – Aeroporto. Saída avião - Brasil.*

### *CENA 5*

*Ext. - Dia. - Chegada do avião Lima-Peru.*

## CENA 6

*Ext. – Dia - Edifício em Lima*

*JOANA toca a campainha do apartamento 323.*

*EMPREGADA, 36 anos.*

*Empregada vestida com uniforme cinza faz JOANA entrar.*

*JOANA passa os olhos pela sala um pouco escura e observa todas as janelas fechadas. Móveis antigos com tapetes persa e esculturas cinzas. Cortinas pesadas.*

*Senta em um sofá avermelhado. Larga a mochila preta ao lado e vê um gato cor de caramelo se aproximar.*

*- EMPREGADA: El señor já viene.*

*JOANA mexe na mochila fingindo procurar alguma coisa. OFF: zunzunzum de vozes.*

*MARIO, 76 anos: Caminha com passos medidos e lentos limpando os óculos e vai ao encontro de BYE.*

*- MARIO: O que usted desea?*

*- JOANA: Soy sobrinha de tia Alberta.*

*- MARIO: Tia Alberta já no vivi hace anos. No conosco ninguna sobrina.*

*-JOANA: Soy JOANA, me chamam JÔ, de Brasil. Filha de Antonio. Preciso de um lugar para dormir pelo menos por uma noite. Não conheço nada por aqui e ela me deu seu endereço, eu sempre quis vir para Lima estudar. Mi classes começam na segunda.*

*- MARIO: Lamento pero no puedo ayudá-la. Ahora necessito salir. Suerte. Elvira (ele chama a empregada)*

*- ELVIRA: Señor?*

*- MARIO: acompañe La señorita hasta la puerta.*

## CENA 7

*Int. - Prédio.*

*PORTEIRO, 26 ANOS, BAIXO, CLARO.*

*JÔ: falando com porteiro (cena muda)*

*CENA 8*

*Dia seguinte - Int. - Corredor apartamento 323.*

*JÔ acorda no cantinho direito da porta do apartamento de Mario. Senta. Arruma as meias. Fica em pé. Toca a campainha.*

*- ELVIRA: No lo creo! Pero, que haces aca?*

*- JÔ: Por favor, me deixa entrar. Preciso falar com o senhor Mario. Solo uma vez mas senhorita. Please! (junta as mãos em sinal de súplica)*

*- Voy a ver. Aguarda-te aca.*

*Instantes depois.*

*- ELVIRA: No puede hablar ahora. Lo siento. Volver mas tarde.*

*- JÔ: Gracias*

*CENA 9*

*Ext. - Saída prédio*

*Jô sai do prédio. Vai até a esquina. Senta na praça. Abre um livro grosso. Encosta-se a uma árvore e começa a ler.*

*CENA 10*

*Ext. - rua. Entrada e saída várias lojas (passagem de câmara rápida)*

*CENA 11*

*Int. - Corredor ap. 323.*

*Porta do apartamento 323. Jô bate na porta. Cumprimenta empregada. Entra. Senta no sofá avermelhado. Dá uma migalha de pão para o gato. Levanta quando Mario chega à sala.*

*- JÔ: Ola! Volvi porque tenho uma carta de tia Alberta. Queria te entregar em mãos. Oh! (entrega para ele)*

*- MARIO: Voy a leer com calma. Tienes um telefono? Te puedo chamar?*

- JÔ: - *Não. O senhor pode ler agora, eu espero.*

- MARIO: *No. Dejame tu telefono que voy a chamar.*

- JO: *Não tenho telefono e no tengo onde dormir. Eu esperava que o senhor fosse me acolher. É só ler a carta...*

- MARIO: *Elvira acompanhe a senhorita a La puerta de salida.*

*JÔ sai da sala de cabeça baixa e lança um sorriso irônico para o gato.*

## CENA 12

*Int.*

*JÔ diz ao zelador que Mario pedirá para barrar a entrada dela no prédio e a subida ao apartamento. Cena vai ficando muda. JÔ passa algumas outras informações para o porteiro e um montinho de dinheiro.*

## CENA 13.

*Int. – Tardinha - Apartamento 323*

- ELVIRA: *Mi Dios. Senõr Mario. Mi Dios. El pet, el pet se murio.*

- MARIO: *No puede ser. Puede ser que estea mala.*

- ELVIRA: *Lo siento mucho. Se morió la gata.*

*Mario toca na gata e nota que está morta. Levanta os olhos e pede para Elvira tirá-la dali. Vai até a janela e fica um tempo parado observando a rua. Horas mais tarde, volta na mesma janela e avista a tal sobrinha sentada numa pedra, do outro lado da rua, no parque. Lembra de ler a carta. Busca a carta na gaveta. Abre e lê. Rasga e põe fora.*

## CENA 14

*Manhã seguinte - Int. - Corredor terceiro andar. Porta 323*

*JÔ está dormindo no corredor, encolhida do lado esquerdo de quem abre a porta.*

*ELVIRA abre a porta para ir ao super mercado e dá de cara com JÔ dormindo na porta.*

*Chama o patrão. MARIO vê a cena e manda chamar o zelador e a polícia. JÔ acorda e entendendo a situação começa a chorar. Explica pra Mario que ele não pode mandá-la embora.*

*- JÔ: Você não pode me deixar assim. Não pode me mandar embora.*

*- MARIO: Usted no es una persona de mi familia. Tienes que salir ahora, La policia viene dentro um rato. Quien ES usted, by the way?*

*- JÔ: -La niña mala. No me reconoces, SR. LLOSA?*

*MARIO (incrédulo) Estende a mão para ajudá-la a levantar. Pede a Elvira para servir uma água. JÔ entra na casa, tenta parar de chorar. Enxuga as lágrimas e pergunta pelo gato.*

*- ELVIRA: Se murió el pobre ayer.*

*Silêncio total. MARIO cancela a vinda da polícia e vai sentar ao lado de JÔ. Segura a mão dela.*

*- MARIO: Usted precisa volver a sua casa. Donde vives?*

*- JÔ: Sou do Chile. Lembra? Chilenita? Miraflores?*

*- MARIO: Usted necessita de um médico. Que sientes?*

*- JÔ: Estou bem. Só quero ficar aqui.*

*JÔ desmaia logo após dizer isso. MARIO pede pra empregada chamar uma ambulância. Enquanto segura a cabeça de JÔ no colo, observa que ela tem uma silhueta graciosa, uma cintura fininha, uma pele pálida, olhos escuros e atrevidos agora fechados.*

## *II ATO*

### *CENA 15*

*Int. - Quarto de hóspedes - Apto. 323 - Final de tarde.*

*JÔ está acordando e abrindo os olhos, se dá conta de que está na cama, no apartamento. ELVIRA está perto dela. Quando vê que a “menina” acordou, chama MARIO.*

*MARIO entra no quarto e explica que ela deve ficar deitada até se recuperar.*

-MARIO: *Te vas a quedar bien. Hoy te quedas aquí pero pronto te mandaremos para Brasil. ES lo mejor que puedo hacer.*

-JÔ: *Fixa o olhar nele e não diz nada. Finge estar muito confusa e sonolenta. Vê a mochila encostada embaixo do móvel de gavetas. Deduz que ninguém mexeu.*

#### CENA 16

*BANHEIRO. JÔ saindo do chuveiro. Abre a mochila. Sai do banheiro direto para o quarto. Põe os fones do i-pod (celular) nos ouvidos. Está dançando distraída. Não percebe que MARIO está observando. Dança bem. Ele observa JÔ e reconhece o balançar do corpo dela com um olhar interessado.*

- MARIO: *Te encuentras muy bien. Que escuchas?*

- JÔ: *Mambo. Quer escutar?*

- MARIO: *Usted tiene que marcar el vuelo para mañana*

- JÔ: *Ok.*

#### CENA 17

*Na sala de jantar, JÔ e MARIO comem sem quase nenhum diálogo. JÔ lança olhares para MARIO, mas ele não se deixa envolver. Rompe o silêncio quando ele pergunta a ela:*

- MARIO: *O que quieres aquí?*

- JÔ: *Ficar aqui. Apenas isso. Preciso ficar aqui.*

- MARIO: *Usted no tiene familia em Brasil? Que passa?*

- JÔ: *Tenho família, tenho amigos, mas meu lugar é aqui.*

- MARIO: *Estas equivocada. La nina mala és um personagem. No existe. Sabes lo que és ficcional creo yo.*

- JÔ (silêncio) *Olha pra ele com todo o jeito da personagem. Começa a falar com a entonação da “menina má”. Enumera fatos, datas, lugares que provam que ela é a personagem.*

-JÔ: *Lembra daquela vez em Paris? Em Londres? Quando nos encontramos em Tóquio. Você não vai me dizer uma de suas breguices, Ricardito?*

-MARIO: *Dale. Coma um pouco desta gallina. Te vai hacer muy bien. Te gusta el suco de naranja?*

*JÔ se levanta da mesa e joga toda a comida no chão. Ataca o pescoço de Mario e dá um beijo forçado na boca dele. Ele procura se livrar e chama a empregada.*

*JÔ sai correndo e se tranca no quarto.*

#### CENA 18

*A empregada abre a porta do quarto com a chave dupla e vê sangue no chão. Grita. O Sr. Mario não está em casa. Corre pro interfone para chamar ajuda com o porteiro.*

*Em seguida, o porteiro sobe e ajuda a empregada a acordar a menina. Ele percebe a fraude quando ela pisca pra ele.*

*JÔ “finge” despertar e aceita a ajuda da empregada. Vai lavar o rosto banheiro. Lava os cortes no braço.*

*- EMPREGADA: Que as echo, chica? Pero los esta muy louca! Que tienes? Voy a chamar um médico.*

*- JÔ: não preciso, estou bem. Tenho sede.*

*- PORTEIRO: Creio que a intentado matar-se. Mira (mostrar cortes e sangue)*

*- EMPREGADA: Voy buscar unas toajas.*

*EMPREGADA sai do quarto e aparece os dois falando cena muda.*

#### CENA 19

*Empregada – Telefone - Mudo.*

*- EMPREGADA: SR. Mario dijo que usted va a quedar se unos dias a mais aca. Tengo que limpiar este quarto. Te vas a quedar em la biblioteca. Venga.*

*Mudança de algumas coisas: mochila, chinelo, e casaco de JÔ para a biblioteca.*

#### CENA 20

*Mario chega em casa. Abre a porta do apartamento junto com o DR. Ives. MÉDICO, 53 anos, moreno, alto, usa óculos. Entra na biblioteca para examiná-la.*



*Entram todos na biblioteca e fecham a porta. Passagem de tempo através do relógio sala. (20 minutos) Saem da biblioteca. Conversam:*

- *MÉDICO: Me parece ser un cuadro bastante adelantado de esquizofrenia. Tenemos de observá-la por uno dia mas. Esta muy bem medicada ahora. Se va a dormir hasta mañana. Usted tiene que entrar em contato com la família em Brasil.*

- *Ni se de la família. Pero no La puedo mantener aça. Teine que lavar-la. Lo pago lo necessário, por favor.*

- *Todavia no puede ser hoy. Por La mañana La puedo mover. Te lo hago solo porque ES um amigo. Voy averiguar um sitio donde poner-la.*

- *Gracias.*

*MÉDICO vai embora. JÔ levanta e esconde veneno vermelho na bolsa falsa da mochila. Deita outra vez. Rosto dando uma risada “interna”. Bebe água e deitada de onde está, começa a olhar os livros na estante.*

#### *CENA 21*

*JÔ tira roupa por debaixo do cobertor e fica só de calcinha. Deita de bruços e empurra o cobertor deixando boa parte das pernas aparecendo Desarruma o cabelo e cai no sono.*

*MARIO abre a porta da biblioteca com cuidado, vai à estante pegar um livro e observa a menina “má” dormindo. Detém o olhar nas pernas dela. Vê a mochila no chão. Sai do quarto.*

*Vai até a cozinha.*

- *MARIO: ELVIRA, amanhã quando esta chica estiver tomando banho usted me examina lo bolso.*

- *ELVIRA: Já lo hice pero no há encontrado nada. Solamente um telefono celular com auriculares, algunas ropas intimas, uma cosa como una goma e dos libros chicos.*

- *MARIO: Lo pido que lo examine otra volta muy bien. Mañana se va a un hospital e ohala no vuelve. Donde esta su passport?*

- *ELVIRA: Lo tiene pero no esta em lo bolso. Me dijo el porteiro. Ella há hablado com el. El me dijo que ES uma niña solitaria.*

- MARIO: *algo no va bien. Pero hasta mañana no va molestar, dormira toda La noche. Prepara-me uma cena. Tengo hambre.*

- Ok.

### III ATO

#### CENA 22

*Noturno - Int. – Biblioteca - 3 da manhã*

*JÔ está com lanterna do i-phone lendo recostada.*

*De repente, entra uma msg no celular. A câmera mostra a mensagem: “Por que vc matou o gato, sua idiota?”*

*JÔ ri e responde: “vc sabe que odeio pets”*

*Desliga o aparelho e volta a ler. Câmera mostra em meia luz JÔ tirando e colocando vários livros na estante durante a noite.*

*Tira um bem devagarzinho. Close: Travessuras da menina má.*

*Senta na cama. Lê um trecho.*

*A cena vai perdendo foco até desfocar por completo, quando ela deita novamente para dormir.*

#### CENA 23

*A porta do quarto se abre com força. JÔ acorda assustada. Entende que tem um movimento estranho na casa.*

- MARIO: *Hora de salir Menina má.*

- JÔ: *Que houve? O que está acontecendo?*

- MARIO: *Usted se va.*

- JÔ: *Não quero ir para o hospital, estou melhor. Deixa ficar só mais um dia e prometo ir embora, por favor. Prometo!*

- MARIO: *Usted no va al hospital. Te vas a La prison!*

*JÔ dá um pulo da cama. Fica em pé e ainda de calcinhas percebe o olhar dele.*

- JÔ: *Não tô entendendo. O que aconteceu?*

- MARIO: *La policia esta em La sala te lo puede explicar.*

*JÔ insinua um sex appeal desastroso quando levanta a perna e finge passar a mão na coxa. Olha debochadamente pra ele e diz: Ri- car-di-tooo*

*MARIO vai saindo do quarto quando vê que ela pegou um isqueiro e ameaça colocar fogo em um dos livros.*

*- MARIO: No seas loca... POLICIA, socorro. (grita)*

*Polícia invade a biblioteca e a “menina má” sai correndo, dribla a empregada e sai porta afora de calcinha. A polícia quase pega ela. Ela se joga na escada, desce um andar. Começam gritos. Vizinhos vão olhar. Ela pega o elevador. Eles ouvem barulho na porta (OFF)*

*MARIO manda empregada avisar o porteiro para não deixa-la sair prédio.*

*Ela escapa (fica dentro do quarto porteiro/zelador)*

#### *CENA 24*

*Meses depois - Dia - Externo - Praça na frente Edifício Mario (onde JÔ ia ler)*

*VIZINHA, 50 anos, baixa, cara de atenta, olhos saltados. Conversa num banco com MARIO.*

*- MARIO: ... si envenenou el gato e despues se apuro que Ella era uma ladra em Brasil. Todavia no descubriron porque se passava por na nina mala. En efecto se creia la niña mala.*

*- VIZINHA: Se encuentra presa em Brasil entonces?*

*- MARIO: Lo creo pero es tan astuciosa que capaz que tenga escapado.*

*- VIZINHA: Que te parece que Le há echo creer que seria tu personage?*

*- MARIO: Ella me há dito que leia dos vezes por ano el libro. E em realidad lo sabia muy bien. Ahora me acuerdo que citava frases interas como se fuera La niña mala. Que pesada!!!!*

*- VIZINHA: Pero estas seguro que La chica usava las frases de tu personage?*

*- MARIO: No se si bien como yo escribi pero era muy convincente e aparte se vestia e andava como la nina mala.*

*- VIZINHA: Increible. Bueno me voy, se quieres salir a cenar a La noche, chamar-me.*

*- MARIO: Bueno.*

*CENA 25*

*VIZINHA atravessa a rua e vai para dentro do prédio.*

*CENA 26*

*Int. - Apto Mario.*

*Dia seguinte, MARIO vai até a biblioteca, tira da prateleira Travessuras da menina má para ver se relacionava algumas frases que a brasileira tinha dito. Folheia o livro com calma e ...*

*CLOSE na orelha do livro. MARIO (cara de espanto/curiosidade) abre com cuidado a orelha.*

*3D MARIO - Câmera mostra os saquinhos de cocaína colocados nas orelhas coladas pela niña mala.*

*FIM*

Vou levar pra aula direitinho com todas as cópias, numeração e demais exigências do curso.

Te mete!

## **CAPÍTULO VINTE E SEIS**

A aula começa com Herrb anunciando que vai escolher os três melhores alunos para indicar para o mestrado de Escrita Criativa do ano que vem. A seleção será baseada nas três melhores notas em todos os trabalhos e quem tiver interesse em participar que coloque o nome na lista que está passando.

Fiquei olhando a folha passar e a maioria colocando o nome. Quando chegou minha vez, assinei também. Por que não?

Quando eu acabo de escrever meu nome, a porta da sala abre e entra um cara absolutamente divino. Todo mundo parou. Herrb disse:

Esse é o Gabriel, novo colega que veio de São Paulo para estudar com vocês. Ele é jornalista e tem pós-graduação em informática e cinco livros publicados.

Uau! O Gabriel, sério, entra na sala e senta do lado da Tati. A tempestade bioquímica que aconteceu dentro de mim deve ter ficado explícita porque eu não passei a folha adiante nem ouvi o Herrb dizendo:

- Lyna, Lynaaa passe a folha.

Claro, sorry. – respondi.

Quixote e sua Dulcinéia (leia-se “eu”) se entreolharam e não pararam mais. Minha nossa, o que me deu? Eu não conseguia me mexer, nem pensar, nem falar. Só me faltava agora o Herrb me fazer ler o texto do curta-metragem. Ia ser meu fim já no “antes do início”.

Quem sabe se na aula que vem não me entra o Michael. Aí fico cheia de anjos guardiões e o Celeb que se proteja. Tô amando essa Oficina. Amém.

A Tatiana do lado dele já estava me incomodando. Peguei meu ódio e coloquei no bolso. Eu não podia perder o controle. Não agora.

Por fim, o Herrb seguiu a aula e pediu para uma menina de cabelos ruivos, que sempre senta perto da porta, ler o texto dela. A menina é tão tímida que eu nem lembro de conhecer a voz dela.

O curta-metragem dela foi curto e aí o professor pediu pro Alberto ler o dele. Depois, todos ficaram com suas fichas de avaliação sobre curta-metragem em silêncio para anotar os devidos “conselhos”. De vez em quando, eu via que o Gabriel me olhava. Ele não tava nem aí pra essa Tati bonitinha “sefazol” de facebook. Ainda bem. Porque eu já tava fazendo todos os hologramas possíveis com o Gabriel. Minhas projeções são rápidas, possantes e infalíveis, vocês sabem!

E volta e meia estou fadada a sofrer a melancolia de todos os futuros que eu não tive. Tentei me concentrar e nada. Não escrevi nada. Minha ficha de avaliação estava em branco. Nem o item 1 eu tinha feito. Ainda bem que veio o intervalo.

E no intervalo, o Gabriel veio falar comigo, ou melhor, oferecer ajuda:

- Quer uma ajuda aí pra comprar o café? (ele viu que eu estava atrapalhada com as muletas)
- Não, obrigada. Valeu!
- Sabe que eu acho que te conheço. Não sei bem de onde. Você tem irmã?
- Ah! Tinha.
- Como assim?
- Ela morreu.
- Ah! Vou voltar pra sala. Tenho que falar com o professor antes de a aula recomeçar. Prazer então.
- Prazer, sou Lyna Luck.

A aula acabou trinta minutos mais cedo. Descobri que o Gabriel tem o apelido de IEL porque ouvi a Tati chamando ele assim. Descobri também que ele é primo-irmão dela- o que

aliviou um pouco meu ciúme - mas me lembrei de que o Vargas Llosa casou com a prima. Anotei o tema de casa: fazer um poema – de dez a vinte linhas.

Passei os três dias seguintes ansiosa porque o raio de Celeb nunca mais respondeu uma mensagem minha. É um babaca mesmo. Tive que voltar ao médico sozinha, mas pelo menos ele me diminuiu a tala e devolvi as benditas muletas Barbie. Comprei uma botinha ortopédica que terei que usar por pelo menos mais três semanas. Com dois colegas “possantemente lindos” com nomes de anjos na aula, quem precisa de um mané chamado Celeb? Ele qué vá contar carneiro no Pampa.

Ontem à noite, fui pra casa da Debby pra discutir mais uns detalhes do aniversário dela de 15 anos. Ainda bem que ela concordou em não fazer aquelas festas de cartilha em que as meninas trocam de vestido, dançam e fazem declarações no telão.

Pensei demais no IEL. Parece que meu cabinho de USB tava o tempo toooooo conectado no dele. Achei até uma trilha sonora, quer ouvir?



Counting stars - One republic.

Tentei fazer o tal poema para não deixar para o último dia mas, tava mais para assistir TV ou baixar clipes no computador. Meu poema não tinha nem nascido ainda e já tava lento que nem morte súbita de baiano, que dura 10 dias. Como é que os colegas conseguem fazer sempre o tema de casa? E tão rápido?

Será que não trabalham?

Quando fui dormir, levei o I pad pra cama e vi que o IEL tinha me mandado um convite pra ser amiga dele no face. Antes, dei uma geral no face dele e descobri umas coisinhas bem interessantes.

Mariana me chamando no whats? Que estranho, será que ela tá aqui na cidade? Ela tava em Barcelona, ué?



- Oi? E aí? Tá aki?
- psé, cheguei ontem e vou embora amanhã pro Rio, bora sair?
- Já tô de pijama, deitada e indo dormir.
- Ah não! Bora beber alguma coisa, nem que seja hormônio

- ashuasuas
- Te pego aí daki 20 min, tô com o carro da tia.
- Mari, vamos almoçar amanhã, eu prefiro.
- Não posso, amiga. Eu tbm t cansada, mas vou almoçar com a tia. Tô passando aí.
- ok

E foi assim que não fiz o poema e nem dormi cedo. Cheguei em casa por volta de 1:30 da manhã, e levei um tempão para conseguir dormir. Se eu soubesse que o dia de amanhã ia ser tão complicado, eu teria bebido os hormônios.

## **CAPÍTULO VINTE E SETE**

Acordar cansada já é ruim e com chuva é no mínimo desorbitante. Mesmo assim, peguei um táxi, fui até o super, passei no escritório das meninas que eu terceirizo a parte da alimentação para os eventos e fechei o contrato com outra festa para uma empresa de Santa Catarina.

À tarde, fiquei tentando fazer repouso no pé e fiz meus contatos por telefone e e-mail.

Resolvi ir até a livraria para buscar uns livros que eu tinha encomendado. Eu e meus avatares metropolitanos- roupas e livros- e meus gastos extrapolantes. Quando eu tô saindo da livraria dou de cara com o IEL. Só que eu estava daquele jeito: calça preta velha de malha, bota preta num pé e a ortopédica no outro e um moletom gigante da Alice nos país das Maravilhas, com a seguinte descrição: We are all mad here.

Até aí, tudo bem, mas o cabelo, o ca-be-lo tava o ó!! Sabe chuva, arrepiado, coque e volume doido? Ainda bem que eu tinha na mão o livro do Miguel Sousa Tavares, que ele logo foi pegando na mão.

- Oi, Lyna? Vai de Tavares? Já leu?
- Já, já li o “Equador”> (menti porque fiquei com vergonha de dizer que eu não tinha lido logo este, que é o mais conhecido. Eu vi no face dele que ele já tinha feito o curso em Portugal com o Tavares, então quis dar uma de espertinha)
- Qual a parte que você mais curtiu?
- (ferrou)
- Qual?
- Na real não li todo, sabe, li muito rápido também e vou ler outra vez...

Óbvio que ele sacou que eu tava mentindo, mas foi simpático e trocou de assunto.

Ficamos mais um pouco por ali falando de livros e do tal poema que tinha que fazer, e depois ele me convidou pra um cafezinho.

Falou que adora escrever e que apesar de ter feito duas graduações completamente diferentes, ele queria se especializar mesmo em Escrita Criativa. Ia tentar o mestrado também.

Me escapuli de mim mesma e falei pra ele que eu também ia tentar, mas que achava que não ia ser indicada pelo Herrb.

Ele logo ficou curioso. Falei que eu era muito fraca na turma e que a galera era muito boa.

Ele falou que em São Paulo havia cursos legais de literatura, mas que aqui no sul era o único do Brasil com mestrado e doutorado na Escrita.

Acabamos o café e ele me ofereceu uma carona pra casa. E eu?

Virei uma guirlanda de sorriso.

- Então tchau, Lyna, até amanhã na aula.

- Tchau, obrigada pela carona (seu liiiiiiiiiindo –mas claro que eu não disse).

Tá, dei uma mentidinha ali na história do livro, mas foi só pra me defender. Eu sou uma pessoa de “dilatação”, aumento um pouco as coisas quando preciso. Estranho que sinto um desconforto quando eu tô perto dele. Parece que ele vai me decifrando, sei lá com o Celeb era mais sereno. Sensação de euforia equivocada. Eu sou mesmo uma pessoa de antítese, mas todo mundo é, ou não?

O Celeb sumiu outra vez e diz que tá em São Paulo e o IEL me aparece vindo de São Paulo, MSN do destino? Acho que eu tô insegura porque o Gabriel é inteligente demais, e ele eu não domino com minhas gracinhas. E eu quero dominar? Conquistar? Só porque ele é lindo de doer? E não basta? Até bastava, mas o cara além de muso é mega inteligente. E eu... bom... me acho meio burrinha e despreparada. Ainda mais nesta turma de oficina em que sou mais fraca que a média. Não li nem a metade do que o pessoal, mas tô me puxando. Ué! O Saramago tinha dois livros em casa quando criança. O avô era analfabeto. Então voilá, posso melhorar, não é?

Vou fazer um poema bem bacana e mandar ver nesta aula de amanhã, “xacomigo”.

(tinha q acontecer mais uma coisa ruim)

## **CAPÍTULO VINTE E OITO**

Cheguei na aula no horário, mas sem o poema. Por sorte, o Herrb não me chamou e nem perguntou se eu tinha trabalhado. Foi uma aula mais leve e o professor trabalhou o conto.



Todo mundo parecia bem familiarizado com o processo de fazer um conto. O Gabriel não foi à aula e isso me deixou um pouco chateada. No final da aula, o Herrb me devolveu o texto da Rita, que eu tinha entregue para ele. Veio todoooooooooooooooooo cheio de bolinhas, anotações e sugestões. Ele me olhou muito sério quando me entregou e disse:

-Vamos trabalhar?

Entendi que eu teria que me puxar mais se quisesse um dia ser a best-seller que sonhei.

Junto com as anotações dele, encontrei um bilhete anexo, escrito a lápis: “Lyna, o plot está muito bom.” Ele pediu para eu arrumar tudo e devolver dentro de três semanas.

Agradei e fui para casa.

Passei o resto do dia me perguntando porque o Gabriel não tinha ido na aula. A aula sem o “tecno divindade” não tinha o mesmo entusiasmo. Eu só teria o Daniel para me exhibir. Convoquei meu espírito de vencedora e escrevi o tal conto assim que cheguei em casa.



### *A interminável*

*Saí de casa para encontrar dois russos em um hotel londrino. Passei por cachorros bem cuidados, que passeavam na calçada da direita. O frio atingia meus calcanhares. Desci a **Oxford Street** sem pressa. O almoço com o segurança italiano tinha sido muito proveitoso. Meu instinto de investigação não havia exagerado. Ele sabia alguma coisa sobre o assassinato dela.*

*Certamente a FSB estava envolvida. Lembro de ter observado os luminosos da Sony com dificuldade. Tive a cautela de eliminar possíveis seguidores em meu deslocamento até o hotel. Passei pela porta giratória com alívio. Avistei, junto ao bar, uma mulher com ares de espiã. Era alta, usava meias transparentes e um intrigante vestido marrom. Pedi um chá com leite para aguardar. Sabia que não poderia esperá-los por muito tempo.*

*Cibele é uma menina magra e barriguda. Filha da auxiliar de cabeleireira. Fica sentadinha em um canto do salão mexendo em uma bola de plástico. Vira e revira a tal bola no colo, como se estivesse procurando alguma coisa. Talvez pensasse que fosse um Atlas animado. Notava-se que ela conversava baixinho com amigos imaginários. Sabia que a bola era mágica.*

*Outro dia, cheguei para cortar o cabelo e ela estava na rua, jogando com outras crianças. Cada vez que elas tocavam na*

*bola, ouvia-se uma gargalhada forte e saudável. De repente, a bola atravessou a janela e bateu com tudo na cabeça da senhora que tingia os cabelos. Ela se levantou, dando um pulo. Começou a se mover e pular com jeito de quem tinha cinco anos.*

*Meus quarenta minutos de tolerância já haviam expirado. Virgínia não era de se atrasar. Por que será que ela não atendia o celular? Nosso voo partia às 16 horas. Eu ainda tinha que deixar o Tobi na veterinária. E se ela tivesse sido assaltada? Desistiria da viagem? Teria voltado para aquele otário do Manuel? Detesto esperar. Priorizamos tanto estas férias*

*"Alô. Quem?"*

*"Sim, é a Wania. Quem fala."*

*"O quê? No hospital? Vou já para aí."*

*Terceiro andar. Emergência.*

*Lá estava ela, sentada com os pés sob a mala de **nylon** verde. Chorava com convicção.*

*"E é isso, doutora. Começo e não termino. Adianto e paro. Me animo e desisto. Devo ser imune aos finais."*

OBS. como eu não conseguia terminar nenhum dos três inícios que inventei e o tempo tinha se esgotado inventei esse final.

Enumerei, fiz as cópias e terminei o trabalho bem antes do dia da aula.

Fui bem feliz pro facebook e tinha uma mensagem do Gabriel: Li a pergunta dele, mas não entendi muito o que ele queria saber.

“Você já teve olhos azuis?”

Que pergunta mais nada a ver, como é que uma pessoa vai ter uma cor de olho diferente na vida? Kkkkkk. Será que ele acha que eu uso lente colorida, q brega, eu hein?! Respondi: nunca.

## **CAPÍTULO VINTE E OITO**

Não acordei bem. Não acordei feliz. Não acordei empolgada.

Não sei bem por quê. Acho que uma mistura de desânimo com infelicidade fragmentada.

Estranho! Tomei café pensando na festa de quinze anos que estou produzindo e que vai rolar dentro de dois meses. A Debby tá tão animada para esse dia. Parece uma marca de felicidade, mas não consigo acreditar nesses rótulos efêmeros. Se gasta tanto dinheiro, tanto tempo elaborando detalhes e se bebe tanto em festas assim, que só fazemos loucuras, selfies e showroom de nós mesmas. Felicidade? Que conceito mais frouxo esse? Nestas baladas o “se dar bem” é igual a: “ser desejado”. E ser “desejado” é cair num lobby comercial de sorrisos branquinhos e perfeitos, e virar mais um objeto de consumo. Pior que isso dá prazer. Faz parte

do kit umbilical. A sociedade narcisista feita de “reality show”. Muitas destas festas assinam a tendência exibicionista. A autopromoção, a obsessão por imagem. Muita selfie e pouca espiritualidade. Se bem que a ilusão sempre foi combustível pra se enfrentar a realidade.

Quem consegue ser feliz só na realidade? Enganar, seja na arte, na fotografia, no face ou no mundo virtual, às vezes pode ajudar a enfrentar a dureza humana. As pessoas até precisam de uma história fantasiada. Não somos lineares nem verdadeiros o tempo todo. O escritor conta mentiras, eu minto às vezes e te digo que tem mentiras saudáveis. Engraçado que esta menina Debby até que tem uns valores bacanas. Ela tem a noção do ridículo do “espetáculo humano” que a gente tá vivendo.

A menina é bem low-profile mesmo tendo muita, muita grana. Claro que ela super se diverte com as amigas enquanto dançam e bebeeeem aquele monte de vodka. A Debbie tem mil “BFs”, mas não é bobinha. Estuda legal, gosta de viajar, fazer esportes e ler. Curtiu quando eu dei a ideia de fazer de lembrancinha marcadores de livro de acrílico. Ficou muito maneiro.

E desse devaneio ridículo, fui pra rua agilizar outros trabalhos. Marquei duas reuniões, uma depois da outra, no mesmo Café, para não precisar me locomover muito, porque meu pé ainda doía.

Pensei no Celeb e nas ausências temporárias dele. Pensei no Daniel, bonitinho da aula do Herrb. Pensei no Gabriel e me arrepiei.

Estranho!

Como a aula de hoje foi transferida para final de tarde, e eu já estava com meu trabalho pronto, fiquei tranquila durante o resto do dia, mas foi uma tranquilidade diferente, um pouco nervosa, eu diria.

Estranho!

Qual não é minha surpresa quando eu entro na aula e tem um manequim branco, nu, pálido e sem vida em pé me olhando do lado do quadro-negro.

Tentei fingir que estava bem, mas não aguentei a pressão. Entreguei meu trabalho sobre o conto pro professor e fui embora. Ninguém entendeu nada, nem eu queria que entendessem. Certo que me acharam “estranha”.

É...

hoje eu desandei legal!

## **CAPÍTULO VINTE E NOVE**

Passei uma semana indo na terapia pra me acalmar. Não fiz mais contato com a Oficina Literária. Nem pretendia. Dias depois, vi que tinha recado no meu face de alguns



finais. Ele demorou mais tempo para trabalhar o final por ressonância e usou alguns exemplos de Raymond Carver. Brilhante.

Na segunda parte da aula, ele distribuiu um texto sobre um menino que tinha mudado de colégio. Pediu para todos terminarem o texto com um dos finais estudados antes do intervalo. Deu 20 minutos para entregar. Apesar do meu probleminha de não terminar as coisas e do Herrb ter apelidado meus trabalhos de nanicos, pera, não era nanico era nano, eu comecei a trabalhar num final bem legal.

Não deu nem cinco minutos, o colega Gabriel, todo lindinho de calça preta e camisa cinza, passa por mim e larga um envelope dobrado em cima da minha mesa. Dá tchau pro professor e vai embora da sala. Bizarro!

Guardei no bolso e segui fazendo o final “solicitado”.

Em casa, mais tarde, uma Lyna sem muletas, de cabelo curto, liso e escuro, short jeans e meia preta abre o envelope dobrado. Dentro uma foto de uma outra Lyna sem muletas, de cabelo ondulado, longo e claro, vestido preto e botas de couro. Paralisei. Como é que este hackerzinho filho da puta conseguiu esta foto. Dei uma segunda olhada e saquei que ele imprimiu do face fake que eu tinha feito.

Por que me aprontar essa? Tá me stalkiando geral. Ele, desde o início, tava me rodeando pra querer saber da minha irmã. Acho que ele nunca imaginou que era gêmea.

Alguns pouco perguntam da tua vida. Outros, em dois encontros, te cavoucam. IEL, IEL, cismou comigo, qual é?

Deixei quieto e não respondi. Nem me manifestei. Na aula de quinta, eu ia ver qual era desse cara. Ainda bem que não tinha tema de casa porque era o a última aula antes das férias. O ursão ficou ali de enfeite de Natal. Final por imagem rrrsr?

## **CAPÍTULO TRINTA**

Celeb sumido como sempre. Eu focada no romance da Madame Bovary. Escrevendo e escrevendo. Feliz, uma boa parte de mim, feliz.

Chego trinta minutos antes do início da aula e sento na cafeteria ao lado. Estou concentrada relendo meu texto e vejo o Gabriel vindo em minha direção.

Finjo naturalidade e ele sem nenhuma cerimônia senta do meu lado e diz:

- Bom dia, Lyna? Por que você fez um facebook falso?
- Isso é problema meu. Você tá incomodado por quê?
- Tô curioso, só isso.
- Ah! pensei que você ia mandar aquele papinho de processo...

- Claro que não, você sabe muito bem que só daria processo se você usasse a imagem de alguém, mas como você usou a da sua irmã gêmea, acho que não dá nada.
- Vem cá... qual é a tua?
- A tua.
- Como assim?
- Gosto de você. Por mais mentirosa e falsa que você possa ser.
- Nossa, que agressão. Falsa por quê?
- Não sei, você não me parece real, sei lá.
- Ninguém é real o tempo todo.
- Acho você linda. Linda e mentirosa.
- Se escrever é mentir em palavras, sou mentirosa sim.

Um silêncio se instalou entre um gole de café, uma olhada e um pedido ao garçom de mais dois cafés.

Alterei o rumo da conversa para a festa de final de Oficina e a escolha dos três candidatos a mestrado.

- Você vai na festa?
- Lógico, quer ir comigo?
- Não, obrigada. Vou com meu namorado. (não consegui achar outra resposta e a Lyna burrinha & mentirosa falou mais rápido)
- Mentindo outra vez, Lyna Luck? Ou será que você é sua irmã gêmea e está se passando por ela?
- Você continua disputando cargo pra detetive? Jornalista, técnico de informática e detetive. Ou seria espião da Cia ou Scotland Yard?
- Engraçadinha! Fugindo da resposta.
- Eu não tenho que responder as tuas perguntas, eu mal te conheço.
- É verdade, mas você não para de me olhar na aula. E esta maneira de olhar eu conheço.
- Hum! Talvez eu ache você interessante. Só isso.
- Então você pode ir na festa comigo.
- Na real, não tô muito pilhada para ir nesta festa.
- Sério, mas vai ser um festão. Como morreu sua irmã gêmea?
- Num afogamento, por hipotermia.

- Vocês estavam juntas?

- Sim e não. Ela estava no barco fazendo o passeio e eu fiquei tomando sol na areia com uma galera. Olha só, vamos pagar o café e ir pra sala, tá na hora da aula.

Um calor abafado e úmido. Fiz um coque solto e rumei para última aula antes das férias.

Assim que entramos juntos na sala, me dirigi ao mestre (sim porque este Herrb sabe muito) Ele é capaz de orientar qualquer um para ler tudo de bom que existe. Conhece técnica de escrita como ninguém. Achei que devia explicações ao grupo.

Ele me concedeu uns minutos e ali mesmo de pé comecei minha catarse.

“Sinto vontade de pedir desculpas ao grupo, em especial ao professor. Não costumo me comportar assim, mas a oficina é muito importante para mim. Saí da sala na aula passada sem nem dar tchau porque a presença de um manequim me provoca uma crise de ansiedade violenta. Estou tratando isso na terapia, mas desde que vi o corpo da minha irmã gêmea morta de hipotermia, imóvel e inconsciente, com as pupilas dilatadas, a única coisa que me vem em mente é pânico. Toda vez que vejo um manequim eu surto. Ela era bem branquinha, delicada e lógico, parecida comigo. Gostava de usar lente de contato azul. Tinha os cabelos mais claros e cacheados artificialmente.

Fiz um facebook falso com a foto dela e entrei nesta aula para aprender a escrever. Ela escrevia muito bem, eu não. Sei tocar piano, velejar, desenho muito bem, mas escrever sempre foi com ela. Meus textos não terminam porque eu apresentava os textos dela e não sabia como terminar. Desculpa, professor. Acontece que no meio do percurso comecei a me apaixonar pela ficção e consegui produzir alguns textos aqui. Alguns que vocês devem ter rido por dentro, mas são meus. O que entreguei ao professor tem dois capítulos dela, o resto é meu. Peço permissão para entregar o romance que estou trabalhando. E se o professor aceitar, fico neste curso até o final. Posso aprender pouco, mas o pouco já me serve pra entender a paixão pela arte, em especial pela literatura. Quem escreve, ama ler. Quem lê muito, escreve bem. Eu quero escrever bem. Por enquanto o texto é um refletor que me defende dos meus medos. Obrigada, professor.”

Sentei. Vi os olhos do Gabriel colados em mim. De alguma forma diferente me senti muito bem e fiquei firme sustentando o silêncio de todos.

Herrb se levantou. Foi até o quadro e escreveu: Sumários e Cenas

Sumário: só menciona os elementos essenciais do momento. Às vezes, pode servir para introduzir uma cena ou dar continuidade à narrativa.

Cena: Recria em pormenor um momento da história.

O sumário conta. A cena mostra sobre o conflito.

Para uma cena lenta: pausas, digressões reflexivas

Forma verbal do imperfeito.

Verbos de estado.

Palavras que despertem lentidão

Cena:

Frases curtas

Narrar no presente

Verbos de ação

Não usar advérbios “mente”

Copiem. Trabalhem. Quero duas narrativas curtas. Uma com cena, outra cenário.

O tempo passou com a experiência de sempre: lento como um sumário, quando os momentos ruins acompanham a gente. E rápido como uma cena bem trabalhada, quando a vida nos deixa sorrir.

## **CAPÍTULO TRINTA E UM**

Durante as férias, me concentrei no romance de “20” capítulos que o Herrb tinha pedido para ser entregue até o final das duas semanas sem aula. Escrevi livremente sem me preocupar com muita técnica ou pasteurização, que pode vir enquanto se faz Oficina. Imprimi uma cópia para o professor e mandei por e-mail como ele pediu.

O que saiu tá aí:





## MULHERES BOVARY

### Capítulo I

*O ônibus sacode os cheiros da manhã. As janelas fechadas misturam os odores (ou os cheiros? Mas já usei cheiro) Difícilmente exala aromas franceses. Os passageiros estão com sono. Uns acordam nas curvas. Eu leio.*

*Todos os dias vou e volto do trabalho assim, lendo. Levo uma hora e quinze na ida, quando não estou atrasada e posso pegar o ônibus comum. Desta linha, conheço alguns passageiros. Sou capaz de reconhecer os adesivos: em caso de emergência, tarifa ficha escolar, primeiro e últimos horários, fale conosco e demais informativos. Reconheço os motoristas e sei de cor alguns poemas no ônibus.*

*No momento, estou lendo Dona Ema.*

*Fico louca pra descobrir o que vai acontecer no final do livro.*

*Muitas vezes, espio as últimas páginas- adoro saber do desfecho- depois volto a ler da página que estava. É como se eu pudesse garantir o final feliz. Entende?*

*Ah não! Por que esta branca palha de milho tem que sentar logo do meu lado? Hoje que Dona Ema vai ficar com o doutor. Não tem um santo dia que uma pessoa não sente do meu lado e pergunte: o que você está lendo? Agora só tem mais quatro paradas para terminar este capítulo.*

*- O que você está lendo?*

*Demorou! – pensei.*

*- Dona Bovari.*

*- Hum! Me disseram que ler assim em movimento descola a retina.*

*Mulherzinha chata. Pior que ela tem a voz da minha patroa.*

*Na casa onde trabalho, os patrões são muito letrados. Eles têm muitos livros na biblioteca. É uma sala enorme com portas de vidro de correr. No dia que eu faço a faxina lá, observo os livros com mais tempo. Tem uns pesados que mal consigo segurar. De uns anos pra cá, eles vem fazendo uma nova coleção. São uns pequeninhos que contam a história com letras miúdas. Acho que são mais baratos porque são só estes que a patroa me empresta.*

*- Dá licença, moça. Preciso descer. Obrigada.*

*Caminho três quadras até o condomínio deles. Nesta hora penso na minha vida sem uma trilha sonora. Gosto muito de ouvir música. (ainda não tenho i-pod. Tenho que ouvir no*

*celular. No meu aniversário vou comprar aquele da maçã). Vi no camelô por trezentos reais.*

*Nosssa, mas aquele ali não é o Seu Mario? Saindo a esta hora! Todo bagunçado? Será que aconteceu alguma coisa? Acelero o passo e entro no portão.*

## **Capítulo II**

*Ele abriu a porta. As malas estavam no chão da sala. Uma de cada cor. Todas estavam abertas. Lotadas de coisas caindo para fora. Mario franziu a testa. Caminhou até o fouton laranja. Largou as chaves e me olhou.*

*Não é homem de muitas cenas. É o bravo contido de paciência treinada. Fala baixo e para dentro. Um defeito congênito que no início me atraiu.*

*Interrogou-me com desonra.*

*- Isso é tudo?*

*- Só o que consegui*

*Sete anos de uma relação intensa, escoltada pela minha tolerância e consideração- agora preciso dar fim. Ruim é que não gosto de viver sozinha e se a Lei de Murphy não aparecer, em seguida começo outro relacionamento. Nesta altura da vida, meu ânimo casamenteiro já deveria estar despencando. Eu de tão carente que sou, calibre de projeções minha esperança de cinderela.*

*Depois de um namoro que durou duas semanas, uma viagem de dez dias e um retorno apaixonado, resolvemos morar juntos.*

*Unimos no mesmo teto desconhecimentos teimosos. Nem posso dizer que fui imprevidente porque sei que a paixão expira depois de oito meses.*

*Insuflei meu novo caso com ânimo de adolescente e assumi o risco. Botei o homem para dentro da minha casa com livros, filho e cachorro. Não pedi a opinião de ninguém para não ouvir que eu poderia estar errada. Gosto de errar sozinha.*

*Armando me fez muito bem (você não leu o nome errado). Armando é o segundo nome dele. O primeiro é Mario.*

*Mario Armando estava me amando e/ou armando!*

*Minha decepção começou em maio. No dia em que ele me disse que não poderíamos ir a Paris. Os demais sonhos já haviam sido descartados. Paris era nossa última chance. Sem este planejamento nada mais tínhamos para compartilhar. Dos quarenta e tantos para cima, ter filhos não consta na lista dos casais. Ambos, geralmente, já têm casa própria, um trabalho estável e a vida lotada de atividades. Sobra o quê?*

*Jantares, sexo e viagens. Jantar fora é sempre valorizado, mas quando os assuntos estão em dimensões diferentes o evento empobrece ou vira discussão. O sexo só ligado no*

*automático. As viagens de férias são as conciliadoras da falta de dedicação e das relações abandonadas. Eu me explico: minha história está assim. Ou melhor, quase todas as minhas relações se esfacelam desse modo. Anote aí que sou experiente.*

*Sem França, a senha para desbloquear a chance de salvar nosso casamento se perdeu. Trabalhamos tanto para juntar esse dinheiro e fabricar um tempo no meio do semestre, logo agora que tudo estava se alinhando, o Armando não quis ir.*

*Envolve-se com trabalhos de segunda a sábado das sete às nove da noite. Lota a conta bancária. Mas me faz dividir as contas do dia a dia, muito estranho! Não me leva para Paris. E me pede para gerar tranquilidade. E? . . .*

### **Capítulo III**

*Rasta não foi me buscar no portão. Permaneceu deitado na entrada da cozinha.*

*- Rastafári de deus. O que aconteceu nesta casa?*

*É lógico que ele não respondeu. Também não se levantou.*

*Tratei de ir logo lavando a louça. Toda a mesa do café estava posta como eu tinha deixado. O silêncio estava anormal. Toninho já tinha saído para a aula. O quarto da filha (de hóspedes) estava arrumado como sempre. O motorista não estava. Chamei por Dona Bianca várias vezes. Ela não respondeu. Achei que poderia estar no banho. Não a encontrei no quarto. Notei que as roupas estavam desarrumadas. Ela detesta bagunça. Fui até a sala. Vi três malas no chão. Procurei no escritório, na sala de estar, na piscina, no segundo andar e nada. Achei então que ela tivesse saído. Olhei mais uma vez o "boardi" de recados. Nem uma nota sobre o cardápio do almoço. Pode ser que tenha esquecido. Com a empregada doente, ela não coordena a casa e eu tenho que tomar todas as providências em dobro.*

*Decidi passar roupas primeiro. Abri a lavanderia para começar a função. Dei um grito: Dooooona Biancaaaaa. Socorro. Socorroooooooooo.*

*Será que morreu? Pensei em levantá-la, mas não achei boa ideia tocar no corpo. Corri para a cozinha e chamei uma ambulância. Demorei até achar o telefone de emergência. Liguei para Seu Mario. Deixei recado no celular dele (ele raramente atende a porcária do celular). Não estava no escritório também. Telefonei para vó Clotilde. Mãe é sempre importante. A velha por pouco não teve um troço. Será que Dona Bianca se suicidou como Bovari? Meu santo senhor!*

*- Dona Bianca, Dona Bianca, acorda. Vai. Dona Bianca, sou eu, a Tilma.*

*Aos poucos, ela mexeu os dedos e eu voltei a respirar.*

*- Graças ao bom deus! Que catástrofe! O que aconteceu?*

*O telefone toca sem parar. Não posso atender agora. A campainha da porta também toca. O que fazer?*

*Minha eficiência não dá para tanto.*

*Alguém chegou de carro. Seguro a cabeça de Dona Bianca. Fico aliviada em ver que ela está melhorando. Seu Mario entra chamando a mulher.*

*Eu respondo – Estamos aqui na lavanderia.*

*Ele entra com outro senhor e pergunta:*

*- O que aconteceu?*

*- Eu a encontrei no chão e liguei para o senhor.*

*- Tudo bem, Tilma. Pode ficar tranquila agora que o doutor Leme vai examiná-la. Obrigada, siga com suas tarefas.*

*O telefone toca outra vez. Ainda não atendo. Busco um copo com água para a patroa. Chega a ambulância.*

## **Capítulo IV**

*Eu?*

*Eu fiquei desesperada ao ver o Mario pegando as malas. Ele é quem estava indiferente a mim. Ele é que não estava mais apaixonado e querido como sempre. Ele é que tinha que mudar. Mas não. Ele tanto fez que eu tive de testá-lo. Ele nem reivindicou. Diante da minha fúria, ele simplesmente foi pegando as malas para sair fora. Foi aí que eu fiz o meu filme: ele tem outra. Rodei várias vezes essa suspeita. Ela aqueceu minhas dúvidas e ele atacou minha iniciativa de separação. Adieu, Mario e Paris.*

*O Armando foi tão galante em nossa primeira saída. Um homem tão agradável. Um carro lindo, um corte de cabelo bacana, um olhar tão escondido, como eu poderia dizer não?*

*Sozinha há mais de ano, me aparece um lindo assim do além e eu tenho que fingir que não me interessa?*

*Depois de meia garrafa de saquê, minha projeção estava completa e ele era o homem da minha vida.*

*Ele por sua vez sentiu-se atraído (eu estava bem produzida, que não sou boba nem nada) e soltou os hormônios na minha mão. Deu certo: ele queria me possuir e eu queria ser protegida por aquele galã. Básico.*

*O pior é que este é meu terceiro marido. Mas não tem psiquiatra que anule o efeito circular das minhas escolhas masculinas. Minha filha Ana Clara já me avisou que eu só escolho homens impossíveis. É papo de psicóloga. Ela recém está no segundo ano de psicologia e já analisa todos os membros da família. Eu, naturalmente, sou o melhor laboratório. Nada como o tempo. Ela vai ser mãe daqui a cinco meses e vai começar a entender a engrenagem dos erros e dos acertos.*

*Mas o Mario Armando de sete anos atrás me surpreendeu. Fiquei umas boas semanas anestesiada pela sensação de*

*descoberta mágica. E agora tenho que achar normal o jeito dele de "neutrox" (como diz a Ana Clara).*

*Ele não briga comigo. Não responde as minhas ofensas. Não desaperta os olhos. E me dá uma agonia vê-lo assim.*

*Ano passado, na crise C, ele topou frequentar uma analista. Foi e voltou melhor. Mas comigo continua agindo muito estranho. Se fecha no trabalho, acorda antes de mim e dorme às dez da noite. Talvez seja só bipolar. Bígamo? Bicha? Que medo!*

*Foi desta teoria de divã que ataquei de compreensiva em nossa última conversa, antes de ele fazer as malas.*

*- eu entendo você. Todos nós temos um segredo traumático. Ou é um pai que roubou da empresa, um avô que traiu a esposa com a prima, um negócio ilícito, uma ex-namorada que nos procura, um aborto aos...*

*- Chega Bianca. Eu... eu matei uma mulher.*

*- Como matou uma mulher?*

*Acho que foi neste momento que eu comecei a me sentir mal.*

*- Está satisfeita agora?*

## **Capítulo V**

*Quem mandou chamar uma ambulância? - interrompeu o patrão.*

*- Fui eu, Seu Mario. Eu vi Dona Bianca no chão e achei melhor...*

*- Certo. Obrigada, Tilma. Agora você vai lá e dispensa o veículo. Diz a eles que ela já está com atendimento médico e que o doutor acredita que tenha sido só uma queda de pressão. Fundo emocional. Vamos fazer alguns exames e vai ficar tudo bem.*

*Eu me retirei. Fui para a cozinha, depois de tratar com o pessoal da ambulância. Atendi aos telefonemas e fiz um café para servir ao doutor. Sou muito boa assistente.*

*Meus patrões me adoram. Estou com eles há vinte anos. Devo muito a eles. Estou podendo estudar desde que Seu Mario chegou e fui promovida. Tenho meu quarto nesta casa. Prefiro dormir aqui de sexta a domingo. Nos dias restantes, fico com minha família na vila.*

*Dona Bianca é doutora em literatura e ela me ensinou a gostar dos livros. O primeiro livro que li e que realmente me prendeu foi: O velho e o mar. Tem uns dizeres bonitos, frases curtinhas. Gostei da leitura. Mas gostei mais ainda quando ela me explicou a história. (e assim fui lendo uns autores bacanas: Carlos Veríssimo, Lia Lispector, Drumont, Luís Machado de Assis-esse vem aqui em casa de vez em quando, é amigo da patroa). E sabe, eu li até uns do estrangeiro bem bons. Julio Saramago*

*achei deveras complicado. Ah! Depois que eu entendi como usar a palavra "deveras" me entendi como culta. Deveras culta.*

*E o minilivro do Kafka, do homem-barata... Passei meses imaginando o monstro. Não entendo como podem gostar de um livrinho nojento desses.*

*- Já vou, Seu Mario.*

*Depois conto o resto pra vocês. Vou ver o que ele quer.*

*- Sim.*

*- Você, por favor, leve estas três malas para o quarto da Ana Clara. Vou levar a Bianca até o hospital. Já avisei a mãe dela que está tudo bem. Ana Clara não precisa saber de nada por enquanto.*

*- Faça o almoço?*

*- Como sempre. E ligue pra empregada e diga a ela que se ela não estiver de volta na semana que vem, ela não precisa mais voltar.*

*- Sim, senhor. Seu Mario, ela está bem?*

*- Bianca teve um problema de pressão. Vai ficar tudo bem. Neste minuto, Rasta se desloca do tapetinho da entrada. Está mais peludo do que nunca o pobre do cão. Ele me olha bastante. Acho que está com sede.*

*- Quer água, Rasta?*

*Ele balança o rabo enovelado.*

## **Capítulo VI**

*Detesto hospital. Ainda bem que o Armando está comigo. Não sei o que houve. Lembro que ele me disse que tinha matado uma mulher. É isso?*

*Lembro que eu pedi explicações. Ele não quis falar. Aí eu fui até a cozinha buscar um refrigerante com uísque. Sempre que estou sob tensão, bebo essa mistura e depois fumo dois cigarros balineses.*

*Fiquei perplexa quando o Armando levantou a voz e com um olhar fuzilante afirmou:*

*"Está satisfeita agora?" Senti um medo horrível. Nunca o tinha visto alterado.*

*Não encontrei o maço de cigarros. Ele alega que sou fraca quando fumo. Deixa pra lá. Ele mata uma mulher e quer que eu dilate os pensamentos como?*

*Depois de alguns goles do drinque, comecei a me sentir tonta. Foi aí que ele saiu em busca do médico que mora na casa nove do condomínio. Foi neste meio tempo que fui até a lavanderia pegar um cigarro emprestado da Tilma. Esta neguinha tem sempre um cigarro, eu sei.*

*O que eu não sabia é que eu iria desmaiar.*

*E eu estou lotada de alunos para orientar. Um trabalho que sempre tive enorme prazer em produzir, mas confesso que tenho*

*me sentido um pouco cansada. Esta desconfiança com o Armando me consome. Nesta cidade lotada de mulheres lindas, com um marido bem-sucedido e à beira de uma crise dos cinquenta, fica difícil conciliar o descaso dele comigo e o excesso de trabalho no colégio e na faculdade.*

*Nossa, hein!! Que idiota fraca e indomável eu estou me tornando? Nunca fui fixada em inseguranças. Eu me sinto fragilizada. Agora estou sempre na iminência de um choro sentimentalóide. Ódio chiliquito de mulher.*

*Agora estou aqui nesta saleta, pensando esta abundância de asneiras, enquanto esperamos o resultado de alguns exames de sangue. Será que estou doente? Câncer? Não fiz o check-up que a ginecologista pediu.*

*Não. Nada disso. Estou esgotada. Mentalmente perturbada. Vou procurar ajuda com a minha psicóloga, que ela me bota nos eixos rapidinho. Duas sessões por semana e me livro de todas as neuroses.*

*Armando fala no celular. Imagino se é trabalho ou a amante.*

*A porta do consultório médico se abre. Entramos.*

*- E aí, doutor? Como estou?*

*Ele olha para o Armando e diz: Parabéns.*

## **Capítulo VII**

*Vó Clotilde já não sabe mais quem é quem na família. A memória foi apagada. A pobre velha sofre de uma doença muito séria. Rasta, que não consegue falar, se expressa melhor que a mãe da patroinha. Ele quando quer comer, me olha fixo. Se está apertado para fazer xixi e a porta está fechada, lambe meu tornozelo. Late com sequência de três se quer passear. O peludo tem um bom vocabulário. Vó Clotilde é de uma inatividade perversa. Penso que Deus sabe o que faz. Neste caso, protege a velhota do sofrimento que teria se soubesse da descarrilada que deu a vida de Dona Bianca. Melhor assim. De qualquer jeito, vou dar mais uma ligada pra cuidadora dela dizendo que a filha está bem. Depois vou para os quartos arrumar a bagunça da família. Tenho que guardar as malas do Seu Mario. Para onde será que ele estava indo? É uma gente complicada. Mas sou grata a eles. Demasiadamente grata.*

*Agora, se ele resolve viajar para longe, meu trabalho e minhas leituras ficarão difíceis. Dona Bianca adoentada. Clarinha de barriga de cinco meses e solteira, a veia Clotilde insana, a doméstica encostada, vixe!*

*- Rasta, você se livrou de ir ao veterinário esta semana. Nossa calma vai mudar. Vamos ter de atender este monte de mulheres. Preciso de um cigarro.*

*Sabe Raça, tô achando que Dona Bovari é muito parecida com Dona Bianca. Lembra que eu te falei do livro do Seu Flobért? O cão balança o rabo como se dissesse sim.*

*Elas têm um jeito inquieto de lidar com a vida, você não acha?*

*Ih! Já pensou se existe reencarnação de personagens? Se isso for possível, vou querer voltar como a Ana Karolina. Ainda não li este livro grandão, mas sei que é chique. Tá escrito este nome na capa. Acho que deve ser muito bom ser Ana Karolina.*

*- Misericórdia! Mas como estou repugnante hoje! Este espelho também me ilumina demais. Vai ver são os nervos. A manhã está tensa. Isso não deixa ninguém bonito. Se eu pudesse fazer uma cirurgia daquelas da Dona Bianca, eu ajeitava meu nariz. Dois cortes aqui e pronto. Tenho um nariz de branco. Ainda vou me refazer todinha. Serei uma governanta sabida, que entende de livros e de gente. Serei cobiçada pelas colegas. Você vai ver, Rasta. Vamos descer?*

*Logo o motorista tá chegando com o Toninho do inglês. Tenho que fazer o almoço: almôndegas, arroz colorido e batatas no forno. Melhor arroz branco. Tem de ser uma comida leve pra patroa hoje.*

*À tarde, vou ao super. Vou pedir licença para seu Mario me deixar ir de motorista. Tem muita coisa pra trazer. Adoro andar de carro. É tão macio e sacoleja tão diferente do ônibus.*

*Passa pra lá seu cachorro vira-lata. Vagabundo. Desce daí. Passa.*

*Viu só. Dona Bianca tá chegando. Nem deu tempo de fazer nada.*

*- Dona Bianca, como a Senhora está?*

*- Grávida!*

## **Capítulo VIII**

*Vou ser avó e mãe ao mesmo tempo. Um golpe sorrateiro da feminilidade. Uma gravidez de risco num momento complicado. Minha vida em turbulência e disforme. Um plágio de mim mesma anos atrás. Tudo o que Armando sempre quis de mim foi um filho só nosso. Clarinha, mesmo algum tempo com ele, veio do meu primeiro casamento. O Toninho, que perdeu a mãe aos cinco anos me tem como meia mãe. Agora, depois de velha, uma gravidez grisalha.*

*Como vou contar às pessoas? Um filho! Ana Clara com uma irmã. O Armando pai. A mãe de bisa, minha neta ou neto, sobrinha de minha filha ou filho. E os cuidados que esta gravidez vai exigir. Vou despencar de vez. Vai cair a bunda, vão cair os peitos, alargar os quadris já espaçados e a bexiga solta. Pânico. Não posso mentir e dizer que fiquei feliz. Histerismo foi o que senti quando o médico nos deu a notícia. Na primeira gravidez*



*eu não sabia se podia ficar feliz- eu era muito jovem. Agora estou muito velha.*

*Que egoísta e pueril estou sendo. E o bebê? E se não vier perfeito? E o Armando? Como tudo vai mudar. Meu trabalho, meus amigos, minha rotina, meus hormônios, minha independência. A magnitude deste fato pode ser inviolável. Eu preciso me cercar de ajuda profissional. Psiquiatra, obstetra, nutricionista, personal trainer e uma mãe. Onde vou arranjar uma mãe?*

*Uma mulher de quarenta e quatro também é uma criança que não sabe o que fazer. Somos todos novinhos diante de algumas situações na vida. Sorte que tenho minha negrinha. Tilma é muito eficaz. Anda meio biruta com esta coisa de literatura, mas ela dá conta do essencial. E o meu casamento? E o chá de fraldas? Quarto de nenê, noites acordada... e o parto? Fralda, xixi, coco, choro, bico, febre, e eu?*

*Parece que estou antevendo a cena.*

*- A senhora quer uma roupinha pra seu netinho?*

*- Não querida, é para meu filho. Mas vê logo duas, que levo uma pro meu neto também.*

*As lojas vão me mutilar. Por que eu não consigo ter um pensamento decente? Preparei-me para tanta coisa e agora estou plissada nessa situação. E a amante do Armando?*

*Vou tomar a ritalina do Toninho. Será que pode? Quem sabe eu consigo focar em alguma coisa sensata. Não, não posso sair tomando qualquer medicamento.*

*Preciso me centrar. Sou uma pessoa saudável. Tenho um marido, uma família e um trabalho maravilhoso. Sou referência para muitas pessoas. Tenho minha filha para orientar. Sou madura e estou preparada para isso.*

*Será?*

## **Capítulo IX**

*- Dona Bianca. Meus parabéns. Mas que coisa mais celestial. A senhora mãe outra vez. Que abençoada. E o seu Armando? Deve estar escorrendo de felicidade. Ele sempre quis um filho da senhora*

*- Obrigada, Tilma. Eu estou maia vulnerável com esta surpresa. O Armando, pelo jeito, está mesmo radiante. Saiu para comprar alguma coisa e me deixou aqui sem explicações.*

*Liga para Ana Clara, por favor. Pergunte se ela vem jantar. Eu preciso conversar com ela. Agende para mim a doutora Vera. Qualquer horário que ela tiver disponível eu vou. Use a linha 33. Vou estar no outro telefone tomando algumas providências. Não comente nada com ninguém, nem mesmo com o Toninho, está bem?*

*- Certo. A Senhora quer um suco de laranja?*

- Pode ser, obrigada.

*Esta é boa! A patroa grávida. Agora ela esculhambou com toda a família. Parece que estou vendo esta casa girando em torno da criança. Uma terceira filha única. E será menina. Disso eu já tenho certeza. Espero que ela não me venha com outro nome desbotado.*

*Esta vida é mexida. Quando os dois bem podiam ir pra tal Paris, Dona Bianca me aparece grávida. Depois de anos de tentativa, um útero mais gelado que Caxias do Sul, uma fofoca de deus com o diabo traz uma criança do além-tempo. Vou ser uma espécie de tia avó. Serei tivó.*

*Confesso que gostei um pouco da ideia. Vou cuidar desta lindeza com todo capricho. Minhas colegas de ônibus nem vão acreditar. É uma situação muito diferente para a família. Se a Dona Martha Medeiros souber, vai deitar Dona Bianca no divã-ai! -como eu acho essa palavra linda: divã. No jornal de domingo, Dona Martha: Mãe de surpresa aos quarenta e tantos, você gostaria?*

*Eu recolho todos os jornais velhos da casa e leio tudo na semana seguinte. São notícias atrasadas, mas gosto do mesmo jeito Corto as leituras de alguns escritores que acho legal e das colunáveis. Guardo as tripinhas por toda semana e no sábado antes de pegar no sono, leio o que posso e vou jogando o que já li no chão, do lado da cama. Durmo com as palavras alheias esparramadas no chão do quarto.*

*Estou ficando cheia de perguntas sobre a chegada desta nova criaturinha. Será que vai aumentar meu trabalho? Quantas babás ela vai ter? Meu salário vai subir? E a reação do Toninho? Ana Clara coitada, nem teve vez!*

*Eles são ricos e têm dúvidas que bem podem tirar com dinheiro. O sossego é entregue em casa com lacre de ouro.*

*Se a minha cabeça está lotada de questionamentos, imagina como não está a da Dona Bianca. Se ela fizer o "daunloudi" errado, seu Mario vai ter com o que se incomodar. E ela é bem capaz de ser assim negativista como Dona Ema.*

*- Rasta, meu filho. Você surgiu de onde? Já sabe da tua nova concorrente sem pelos? Pois é, além do filho da Clarinha, vem o herdeiro do casal. Vem, vem... vou lhe dar um pouco de leite.*

*O que você está me mostrando, cachorro? No quarto da Dona Bianca? Vamos lá.*

*Nossa, ela está chorando, coitadinha. Deixa ela em paz. Vem. Oh! Toma o leitinho.*

*Seu Mario chegou, que bom. Olha quanto pacote ele trouxe! Vou ajudar.*

*- São coisas para o nenê, Tilma. Você sabe como eu estou feliz, né?*

*Não respondi. Sorri com aquele sorriso defeituoso de quem não consegue ser espontâneo. Quem sabe com este monte de presentes ela não para de chorar – pensei cá com meus personagens.*

*-Seu Mario, o senhor já pensou num nome?*

*- Pedro Ricardo.*

## **Capítulo X**

*Pum pum pum*

*-Entra.*

*- Por que você está chorando, Bianca?*

*- Tudo, tudinho está anacrônico. Minha vida tem sempre esta característica.*

*- Vou deixar você sozinha. Oh! Eu trouxe estes presentes para nosso filho.*

*Ele não fechou a porta. Abaixou as persianas, amontoou os pacotes na cômoda branca e saiu.*

*Mais uma vez, a apatia. Sempre que eu estou com dificuldades ele não sabe ficar comigo. Amputa o colo e as palavras de consolo que eu tanto preciso escutar. Some de repente com uma atitude lícita. Me deixa mutilando à deriva.*

*Eu nunca querendo bancar a mulher doida e briguenta, seguro com raiva e classe minhas insatisfações. São dúvidas jogadas pelas escolhas que a vida me fez fazer. Tudo na escuridão. Sem treino nem anúncio.*

*Meu feeling é denso. Eu tenho certeza de que ele tem outra mulher. A insensibilidade era disfarçada. Ele não me olhava mais nos olhos. Não me beijava mais. Conversava comigo sem saber que roupas eu estava usando.*

*Quanto mais eu demonstrava indiferença mais ele me ignorava. Tudo o que eu desejava era a atenção dele. Quando apliquei a técnica de tratá-lo com desdém, na esperança dele vir me perguntar o que estava acontecendo, ele simplesmente passou a se dirigir menos ainda a mim. Quando eu entendi que ele nem perceberia minha atitude de distanciamento, voltei ao normal. O que também não mudou nada. Ou seja, ele não estava nem aí para mim. Como deve comportar-se uma mulher de quarenta e quatro anos, instruída e civilizada para reconquistar seu marido? Será que eu terei até de apelar para todos os tons de cinza? Proeza de acuar até psiquiatra judia.*

*A situação agora é: ele entra e sai do quarto com um monte de presentes para o filho (leia-se "o"). Eu sou a esposa que está rumando à menopausa e que o expulsou de casa ontem à noite. É dissecar a vida para ver o que encontra!*

*Preciso reagir. Vou pedir pra Tilma encher a banheira. Não! Melhor eu fazer isso sozinha.*

*É isso! Vou tomar um banho bem relaxante e vou descer como se nada tivesse acontecido. Vou trabalhar amanhã e tocar a vida. Vamos ver se o destino ainda vai conseguir me surpreender. E o Mario? O Mario e seu egoísmo infantil que vá se mudar para essa "inha" qualquer. Vou criar meu filho com muito amor e sozinha.*

*Pum pum pum*

*- Dona Bianca. A senhora precisa de alguma coisa? Um suco?*

*Quer que eu lhe traga alguma coisa para comer?*

*- Não, obrigada. Estou descendo para jantar quinze para as oito, ok?*

*- E agora não quer um chá com torradas?*

*- Pode ser, Tilma. Pão de centeio com requeijão light, por favor.*

*- A Senhora vai esperar o pessoal para jantar?*

*- Não. Marquei com a Ana Clara para amanhã. O Toninho vai dormir no Gustavo e o Armando não deve estar em casa.*

*- Mas ele já está em casa. Aliás, nem saiu para trabalhar hoje à tarde. Tá trancado lá no escritório. Só abriu a porta para perguntar da senhora. Como eu achei que a senhora estava dormindo, não subi antes. Ele me pediu para avisar quando a senhora acordasse. Posso?*

*- Sim. Diga a ele que eu desço em trinta minutos.*

*- Dona Bianca, qual o nome que a senhora vai dar ao neném?*

*Morena.*

## **Capítulo XI**

Muitas vezes, depois de Carlos sair, Ema tirava a roupa do armário entre a roupa onde a deixara, a charuteira de seda verde.

Olhava-a, abria-a e chegava mesmo a aspirar-lhe o perfume do forro, misto de verbena e de fumo. A quem pertenceria?

Ao Visconde. Talvez tenha sido presente da amante. Fora bordada em algum bastidor de jacarandá, trabalho de muitas horas, sobre o qual tinham pendido os cabelos da pensativa bordadeira.

Um bafo de amor perpassara as malhas da tela; cada picada da agulha fixara ali uma esperança ou uma recordação e de todos aqueles fios de seda entrelaçados, não eram senão a continuidade da mesma paixão silenciosa. Depois, em uma madrugada, o visconde levaria-a consigo. O que teriam conversado, enquanto ele se conservava junto dos fogões majestosos, entre os vasos de flores e os relógios Pompadour? Ela estava em Tostes. Ele

agora, em Paris, muito longe! Como seria aquela Paris? Que nome imenso! Ema sentia prazer em repeti-lo, a meia voz, ecoava nos ouvidos como um sino de catedral.

*Tô cansada para ler hoje. Acho que foi um dia com muitos acontecimentos. Nunca imaginei que os patrões fossem me liberar tão cedo. Vai ver querem ficar sozinhos para discutir o rumo da situação. Melhor para mim. Vou dormir em casa e posso descansar bem. Talvez me sobre até um tempinho para procurar no dicionário as palavras que estão anotadas desde a semana passada. Que página mesmo que anotei? Deixa ver... quarenta e um. Gosto de aprender palavras novas. Eu misturo as palavras difíceis e novas no meio das velhas e meu linguajar fica muito bacana. Outro dia, usei a palavra "tantra". Vi no dicionário que significava ciência espiritual e mística, um modo de vida.*

*Apliquei o "tantra" na minha conversa com a vizinha aqui do lado de casa, que vende sacolés. Acho que ela entendeu "tantas", mas eu fiquei feliz de ver este arranjo de palavras saindo da minha boca. Agora as que tenho que procurar são: verbena resignou-se, açafates, romãs, mitra, bulício... este autor escreve muito complicado. Os livros do Paulo Coelho são muuuito melhores de ler, eu acho! Porque como eu já disse, eu até gosto de procurar no dicionário, mas são muitas palavras e demora muito e ainda sou meio lenta. Ao mesmo tempo, tenho prazer. Um prazer negativo tipo dor de dente quando se está arrumando o dente na dentista, sabe?*

*Morena. Que nome mais esquisito! Será que é chique meu Jesus? Deve ser nome moderno lá nos estrangeiro que ela vai.*

*E as malas prontas do seu Mario? As malas não foram a lugar nenhum. Toninho, alienado como sempre, não nota nada nem uma escola de samba na sala. Tá sempre com aqueles fones de ouvido e nem fala com a gente. Só pra pedir comida. Ana Clara é que vai ficar chocada amanhã quando receber a notícia da nova irmã, que será tia da nova filha dela. Ave Maria do Morro Cruz. É isso! Vida modernosa. Na época da Dona Bovari, se isso acontecesse, o rato comeria o gato.*

*E a mãe do Toninho que deu a guarda do filho para o pai. Diz que não tem veia de mãe. Ama o menino, mas prefere que ele fique com o pai. Esperta. Vem visitar, traz presente, almoça com o filho, paga umas míseras continhas e dá uma de mãe legal. Dona Bianca que criou o menino por bem dizer. E as duas viraram amigas. Se a literatura não me ajudar a clarear as coisas, só mesmo um psiquiatra. Eu sempre quis ir num. Não arranjei foi um problema que chegue para ir lá. Também tô sempre com a cabeça lotada da vida dos outros. Vou tratar de dormir mais cedo hoje. Tenho que estar às nove no serviço amanhã.*

## Capítulo XII

*Desço para o jantar e não encontro ninguém. Chamo pela Tilma e ela não responde. Toninho não estava. Rasta foi o único que deu as caras. Armando ainda estava no escritório.*

*- Posso entrar?*

*- Deve! Dei folga para a Tilma e ela foi para casa. Precisamos conversar.*

*- É! De que forma podemos desfazer as suas malas?*

*- Já foram desfeitas, literalmente. Sempre só quis você. Ultimamente venho tendo...*

*- Já sei de tudo. Um caso com a...*

*- Sem me interromper Bianca. Eu quero falar. Ultimamente venho sendo rude com você porque não consigo digerir a morte que causei. Não sei se posso contar com seu perdão e por isso me afastei. A "outra" que você pensa que tenho...*

*- Ela morreu?*

*- Bianca, eu pedi pra você me escutar sem interromper. A amante do seu imaginário é uma noite atrás da outra sem dormir. A "outra" é um advogado que está me tirando muito dinheiro sem promessa de absolvição. A "outra" é uma culpa que nunca vou sair ileso.*

*Quando você fez minhas malas não deixei se sentir um grande alívio, pois assim eu poderia me afastar de você sem te carregar nessa história retumbante.*

*Atropelei uma mulher no dia em que eu saí do escritório para encontrar você no restaurante Tailandês. Lembra quando a secretária ligou dizendo que eu estava preso na reunião?*

*Eu estava no pronto-socorro orando para todos os santos que eu nem conheço. Infelizmente ela faleceu.*

*Eu tenho me sentido abandonado pela vida. Uma fração de segundo em que atendi o celular e não vi a mulher atravessar a rua no meu lado esquerdo. Fui irresponsável e desatento. Agora estou arredio a tudo. Este filho que você está esperando é um recall da vida me dando outra chance ou uma última chance de ser uma pessoa legal. Então eu te imploro que não me tires esta chance.*

*- Armando, eu nem sei bem o que dizer. Como dizer. De que forma posso me desculpar com você? É que um dia eu fui o seu centro das atenções e em outro nenhuma atenção. Me senti rejeitada.*

*Vamos nos acalmar, preciso botar minhas ideias no lugar. Amo você e este filho será nosso novo elo.*

*Vamos jantar!*

### Capítulo XIII

*Só consegui pegar o T9 das 8:30. Vou chegar no trabalho nove e tanto. Pior é que o ônibus a essa hora também vai lotado. Não consigo ler em pé, como vi nos filmes americanos. Desço a rua preocupada com o horário e com os acontecimentos de ontem na casa da Dona Bianca.*

*- Bom dia, Rasta. Agora sei tudo sobre teu nome. Vi num livro dos guris que gostam de reggae lá da rua. Opa, que desastrada. Bati em você e ainda deixei cair as chaves. Já vi que o dia vai desenrolar errado. Seu Mario pelo jeito já saiu. O carro não está na garagem. Venha seu monte de pelos. Vamos preparar o café e o almoço da patroa.*

*- Oi! A senhora aqui tão cedo?*

*- E já tomei café, Tilma. Me sinto muito bem disposta hoje. Você pode seguir sua rotina tranquila, que a faxineira voltou e já está lá dentro limpando os banheiros. Tenho médico às dez. Ana Clara vêm almoçar. Somos só nós duas. O Toninho vai almoçar no colégio. Faça aquele purê de legumes com arroz e batata soté. O resto está anotado no board incluindo o banho e tosa do Rasta no veterinário.*

*- Ai, que bom. O Rasta tá cheio de dread-locks. Tá bem precisando aparar.*

*A patroa está fluorescente esta manhã. Tem linhagem esta Dona Bianca e é tão sortuda que me arranja um filho nos quarenta e quatro do segundo tempo. Agora sim que Seu Mario só terá mimos para ela.*

*- Senta mais pra lá, cachorro vadio. Que mania de ficar sentado na minha frente. Tá me ouvindo? Vai.*

*- ui! Que susto, Toninho. Você não foi à aula?*

*- Não né! Dormi na casa do Gustavo. Aí não rolou, sabe como é. Depois, a balada ontem tava pegando. Tilma, minha queridona, faz uma batida de banana com própolis e reserva um sanduíche duplo com alface e tudo. Vou tomar um banho e já venho.*

*Toninho tá um menino alto como o pai. Um tanto gorducho, mas bastante charmoso. O cabelo despenteado dá um ar de quem acordou sempre um minuto atrás. É vaidoso o rapaz! Sai perfumado com roupas de grife. Galã. É falante e faceiro. O oposto do patrão.*

*A meia irmã, Ana Clara, é que dá pena. A pobre agrupou todo o DNA ruim da Dona Bianca e juntou com a feiúra do pai. Desajeitada que dá dó. Não tem o chique da mãe nem com toda grana que recebe dos dois. É bichada. Vai ser uma ótima psicóloga porque sempre gostou de estudar.*

*Na hora do almoço, deixei as duas sozinhas para poderem conversar com calma. À tarde fui de motorista levar o Rasta no*

*Pet e cumprir a lista de tarefas que eu tinha para fazer. A gincana maluca, como gosto de chamar. Gincana que inclui uma tarefa dentro da outra. Deixo o cão, busco a roupa na lavanderia, passo no supermercado, entrego o presente na casa da Dona Lívia, volto pra buscar o Rasta e assim vai.*

*Cinco e dez. Mas o tempo me escapou de novo.*

*Rastafári, guenta aí, meu veio, que sua neguinha já vai te buscar.*

*Cinco e meia.*

*- Meu anjo peludo! O que fizeram com você? Como você tá miúdo! Vem, vou te levar para casa. No caminho te conto o que descobri sobre teu nome.*

## **Capítulo XIV**

*-Como pude ser tão injusta com meu marido? Nem sei como te dar tantas notícias fortes de uma vez só, minha filha. Você sabe como sou atrapalhada com a vida fora da universidade. Eu nunca poderia imaginar que seu padrasto é um assassino.*

*Desculpa, Clara, é meu jeito de falar tudo de uma vez só. Ato falho, como você deve estar pensando. Só que não é!*

*A verdade é que tenho duas notícias sérias pra te dar. Não sei fazer rodeios, então lá vai:*

*Um: estou grávida.*

*Dois: o Armando atropelou uma mulher e ela morreu.*

*Vou precisar do teu apoio, de um colo, de sopa, de amigas, de remédios. Sinto estragar o momento que seria só seu. Você grávida e eu fazendo sombra.*

*- Mãe! Não tô acreditando! Mas e o Armando?*

*- Ele tá recolhido numa culpa infinita. Por outro lado, este filho será a motivação da vida dele daqui pra frente. Ontem tivemos uma boa conversa e eu afastei todos os meus receios de cena. Na verdade estou temerosa, mas não tenho como dividir isso com ele. Não tive como dizer a ele que corro grande risco de perder o bebê. E se a criança nascer com alguma anomalia? Desapontá-lo neste momento seria fatal.*

*Isso é um resumo das últimas vinte e quatro horas. Detalhe: ele jura que o nosso filho será um menino.*

*- Diz alguma coisa, Ana Clara. Que coisa mais maravilhosa este seu controle. Você não interrompe as pessoas para falar. Fico perplexa com a sua serenidade ou seria falta de comentário pelo choque das notícias?*

*- Mãe, seja feliz. É praticamente sua última chance de acertar sua vida. Vê se vai se boicotar! Me dá um abraço. Agora somos quatro!*

*Vamos ter muito o que dividir. Vou adorar ter você como mãe em exercício ao meu lado. Uma experiência única. Podemos*



*ir a Miami fazer um "shop till you drop", vai ser divertido. Você já foi ao médico?*

*- Acabei de vir de lá. Ele se mostrou bastante apreensivo com esta gravidez. Reforçou os elementos de uma gravidez tardia como: colesterol e pressão alta e a possibilidade de um aborto espontâneo.*

*Vou fazer uma série de exames. Preciso acreditar que estou em boas mãos e que tudo vai dar certo. Antes de fechar os três primeiros meses, não posso assegurar nada. E você como está?*

*- Tô ótima! Mas e o Armando, me conta como foi acontecer uma coisa destas com ele?*

*- Diz ele que foi atender o celular e não viu a moça e... Não sei muitos detalhes ainda. Amanhã vou com ele no advogado ver a que ponto estão as coisas. Vamos pular essa parte agora e vamos almoçar que está ficando tarde. Vem!*

## **Capítulo XV**

*- Sei como você está se sentindo, Rastafári. Cuido do meu cabelo todo mês. Às vezes, acho que emburreço de tanto fazer escova progressiva. Tem uma cabeleireira na esquina de casa, na vila, sabe, que faz um preço baratinho e eu sempre dou uns vinte reais a mais pra ela caprichar no formol. No fim do mês, vou fazer um interlace. Será que não podemos enganchar um pouco de pelo no restinho do seu bigode? Hum! Ficaria bonito.*

*Agora deixa eu te contar das tuas verdadeiras raízes. Estão no antigo Império da Etiópia. Era visto pelos escravos e seus descendentes, principalmente no Caribe, como símbolo da supremacia negra.*

*Quando o Rás, que era o príncipe real, Tafari Marko não sei mais do que, assumiu o trono, ele foi saudado com outro nome esquisito e foi destinado a salvar as minorias negras oprimidas. O coitado do Rás Tafari morreu na prisão pregando a simplicidade junto à natureza contra o consumismo desenfreado dos brancos e... Rasta, você dormiu?*

*Pobre bicho. Só quero ver o que eles vão dizer? Vão botar a culpa em mim, quer ver só?*

*-Olá, Dona Bianca. Não tenho nada a ver com este pelo zero do Rasta. O veterinário disse que teve que raspar tudo porque o animal estava cheio de carrapato e alergia. Ele disse para trocar a ração. É pra usar aquela da sustentabilidade. Tá aqui ó o papel com a receita e o nome da ração.*

*- Não se preocupe, Tilma. Ele já teve isso uma vez, lembra Rasta? Fique tranquila. Vem cá, Rasta.*

*- Ele tá desconfiado e meio arredio. Voltou dormindo do Pet. Acho que está se sentindo diferente. Vou dar um leitinho para ele, e a senhora passou bem?*

- Muito bem. Também vou querer um leite, por favor, com um pouquinho de nescafé. Depois quero falar com você. Vamos aproveitar que o resto do pessoal não está em casa. Vou aguardar no escritório.

No escritório! A conversa deve ser séria! Da última vez que ela me chamou lá foi para eu ter de dormir uns dias da semana aqui. Isso foi logo que ela resolveu se juntar com Seu Mario. Só espero que ele não me mande embora agora. Não, não pode ser isso. Pô, ainda mais agora que tô ficando espertinha nas leituras. E meu salário, será que vai aumentar? Com mais uma babá na casa, claro que não vai ser aumento.

- Tilma, senta, por favor. Você tem acompanhado o rebuliço que está aqui desde o dia em que eu fiz as malas do Armando. Devo e não lhe devo satisfações. O que quero dizer é que você está comigo há tanto tempo e acho que devo algumas respostas. O Armando está passando por um período muito difícil. Ele anda nervoso e muito desesperado. Em outro momento, falamos melhor sobre isso.

Com esta minha gravidez tardia, as coisas não serão fáceis por aqui. Se esta criança chegar a nascer, quero te contratar para ser a babá dela, ou pelo menos a que vai coordenar tudo que diz respeito a ela. Vou lhe dobrar o salário e coloco outra pessoa na cozinha. Quem sabe, você não conhece alguém que possa ficar no seu lugar. Gostaria que você dormisse aqui todos os dias, pelo menos no início, até eu me sentir mais segura e depois vamos alterando as babás noturnas. Só confio em você. Estou com falado com você desde já porque se por algum motivo eu não puder contar com você, terei tempo suficiente para procurar uma enfermeira adequada. Pense com calma. Voltamos a conversar. Obrigada pelo café com leite, está ótimo.

-Vou pensar, mas já tô louca pra dizer que sim. Preciso ver lá em casa como vão ficar as coisas, mas acho que não terá problema. A Morena vai ser linda, forte e risonha. Vou rezar muito pra ela, Dona Bianca. Vou fazer uma reza da forte e encomendar um trabalho de esquina caprichado.

- Não, não, não precisa nada disso. Agradeço sua preocupação. Você pode dormir na sua casa hoje. Amanhã quero dar um jantar para a família. Hoje falo com o Toninho e depois podemos comemorar. Preciso dar alegria ao Armando, mesmo que minhas chances de ter uma gravidez normal sejam mínimas.

Depois de terminar o serviço, você pode ir. E deixa o Rasta dormir na cozinha hoje. Amanhã vou precisar de você por volta das 8:00.

## **Capítulo XVI**

*A vida me sorrindo dessa maneira deve ser merecimento ou antecipação de uma grande tragédia. Tenho que deixar a*

*desconfiança desta esmola de lado e agarrar a chance deste trabalho de babá*

*Pela primeira vez, me sinto digna de alguma coisa. Merecer o crédito da patroa deste modo faz com que me sinta muito capaz. Vou cuidar do bebê, ler como nunca e guardar algum trocado.*

*É uma promoção única. Um "âpigreidi" na minha vida tão sem perspectiva. Quem sabe não peço até para Dona Bianca me pagar um cursinho de enfermeira. Meus filhos foram criados tão soltos. Tive de deixá-los sempre em creches ou com outras colegas. Minha experiência é demasiada passageira. Acho que a Morena, digo a loirinha da casa deles, será uma princesa rodeada de mimos.*

*Vou terminar logo o livro da Dona Bovari para começar a ler alguns livros sobre nenês. De mais a mais, essa Bovari é uma infeliz de marca maior. Tem tudo, mas não quer nada. Quem não gostaria de ter um marido bonzinho e rico como o doutor dela? Gente complicada ganha vida de ruir.*

*- Boa tarde, Tilma.*

*- Oi, vizinha.*

*- Quer dar uma olhada nos novos produtos da Avon que chegaram?*

*- Hoje não. Preciso de um creminho e outras coisas, vou deixar para o final do mês.*

*- Ah! A sua filha teve hoje aqui. Trouxe o Djalma junto.*

*- Que horas?*

*- Acho que eram umas três e pouco. O menino tá uma gracinha. E ela te deixou este pacote.*

*- Que pena que eu não encontrei com eles. Tô com muitas saudades do meu netinho. Ela pediu pra avisar que vem no próximo domingo para comemorar seu aniversário. Vai ter festinha, é?*

*- Não. O churrasco de sempre. Você já está convidada. Tenho de entrar agora, tchau.*

*- Até mais.*

*Que pacote mais estranho! Papel prateado com rosas amarelas. Laços de fita roxos. Agora um papel rosa. Outro verde claro transparente. Mais um. Fita vermelha. É fofo. Parece um travesseiro. O que será? A Marietinha tem mania de surpresa. Ano passado, contratou a escola de samba do bairro pra cantar os meus parabéns. Minha filha é bem casada e tem um trabalho de enfermagem muito do bom. Meus outros dois filhos é que ficaram com o lado podre do fracasso. Um se meteu com crack e o outro é pedreiro, mas vive sem emprego e rodeado de vagabundas que não prestam. Se meu marido estivesse vivo, garanto que esses dois não chegariam tão rápido no caminho da desgraceira.*

*Deixa continuar abrindo o pacotão. Ué! Outro pacote dentro do último pacote? Será que é aquele tipo de brincadeira sem graça que você vai abrindo caixinhas e mais caixinhas e não tem nada dentro? Em plena campanha de sustentabilidade. Não. Minha Marietinha não é chegada a isso. Outra caixa. Agora sim, um plástico e um celular... rádio? Não. Gente, é um i-podi. Um i-podi daqueles da maçã. Virgem! E como se usa isso? Minha filha é demasiada especial. Deixa ler o bilhete.*

*"Mamãe,*

*No dia do seu aniversário, um presente seria o esperado. Gosto de fazer surpresas, você sabe. Por isso, deixo este pacote hoje. Olhe bem que dentro de cada caixa e de cada papel colorido você vai achar mini presentes. Agora sei que até domingo você estará acompanhada de muita música. O Djalma pode vir sábado baixar as músicas para você. Um beijo, Tinha e Dja.*

*É! De três filhos, um tem que sair bom. No meu caso, ela saiu excelente. As fórmulas da vida não exigem raiz quadrada.*

*Vou tomar banho, preparar a janta, arrumar a casa e abrir uma gelada.*

*Vou comemorar minha vida nova. Salário dobrado, mais trabalho. É uma mais uma. A matemática dos viventes é simples. Nunca a vida subtrai. Nem mesmo quando perdemos alguém. É sempre a soma que temos de usar. Se não for essa a interpretação, sofremos em demasia e não facilitamos o aprendizado. Quando as fases ruins chegam, eu passo por elas com todo gás. Já que tem que sofrer igual, então que passe logo.*

*Ah! Não! Não acredito que vai chover. Temporal outra vez. Vou acender a vela pra Nossa Senhora de Guadalupe. Ela me protege de todos os meus medos. Tenho horror a trovão. Nem vou pro banho, vou pegar três latas de cerveja e vou pra vizinha. Sou uma mulher de muitos enfrentamentos, agora, os raios que Deus manda me reduzem.*

*Cabrummm*

*Esse foi perto. Vou já para Enilda.*

## **Capítulo XVII**

*- Toninho, hoje preparei um lanche só pra nós dois. Seu pai só vai chegar às 10:00 e preciso te contar uma coisa.*

*- Beleza. Tô morrendo de fome.*

*- Senta aí. Você sabe que eu não domino as palavras quando eu tô nervosa. O assunto é sério. Vou direto ao ponto.*

*- Pera aí. Tem Milk-shake?*

*- Sim. Tô grávida.*

*- Quê?*

- *É. Você terá um irmãozinho ou irmãzinha. Seu pai está muito feliz com essa possibilidade. O que é bom e ruim ao mesmo tempo. Minhas chances de desenvolver uma gravidez normal não são muitas. Estou só com algumas semanas e seu pai já conta com a criança correndo pela casa. Deu nome de menino, comprou brinquedos, encomendou um móvel. Fora isso, está com um enorme problema na justiça.*

- *Hum! Tô sabendo. Ele se abriu comigo.*

- *Melhor. Vamos então apoiá-lo com toda força. Seria legal se você chamasse mais ele pra jantar, fazer um happy hour, sei lá, jogar um tênis, sabe, tipo fazer uma parceria mais astral.*

*Eu dou o suporte de esposa. Ana Clara ataca de psicóloga e você de filho atencioso. Assim, ele não projeta tudo na minha gravidez.*

- *Legal. Vou curtir a ideia de um maninho. Qual o nome que o pai escolheu?*

- *Até você tá na torcida do menino?*

- *Moleque é sempre descolado, mas se vier uma lady, eu dou colinho. Hum! Estas batatinhas tão uma delícia. Bom, tô saindo para balada mais tarde, mas pode contar comigo. Se ele tiver que encarar a prisão, tamos juntos.*

- *Ai. Nem me fala. Obrigada, Toninho. Nossa, parece que vem chuva da boa aí. Você vai sair igual?*

- *Pior! O céu tá pretão. Vou já pro banho. Depois eu vejo o que rola.*

- *Tá bem. Vou assistir um pouco de televisão. Tô de folga no trabalho. Dois dias de licença.*

*Jornal Nacional. Pô! Um download de desgraças. Nossa, um raio caiu perto. Acho que vai faltar luz. Melhor apagar a TV. Meu celular tá tocando. Onde tá? Na sala de leitura, só podia ser a Verinha.*

- *Oi, Verinha... Eu ia ver TV, mas com esta chuva que vai cair, desisti. O Armando só chega às 10: 00 hoje.*

*Mas eu já jantei, obrigada.*

- *Tá! Tô indo aí então. Quer que eu leve alguma coisa?*

- *Certo. Vou fechar a casa e em 10 minutos tô aí.*

## **Capítulo VXIII**

*Menino Jesus de Praga! Este temporal tá com raiva do mundo. É cada raio de dar arrepio em galinha.*

- *Oi.*

- *Senta, Tilma.*

- *Sabe que a minha patroa vai ter um filho quase na menopausa. O patrão tá feliz "au vin" (expressão chique que aprendi nos livros). Eles ainda não têm um filho em comum. É um de cada casamento. Naquela família é tudo emprestado.*

- E você Eneida, quais são as novidades? Já conseguiu o dinheiro da fantasia?

- Vamos abrir outra cerveja. Quero ver as fotos do desfile da Déinha, busca lá.

- Já vou. Pois eu, amiga, tô empalhada nesta vidinha de trabalho que só faço é pensar nos problemas dos outros. E a Susana, menina, nunca vi uma filha pra arranjar tanto do namorado.

- Os desavisados que tomem distância da tua filha. O pai dela varre com os atrevidinhos, que é uma belezura. Se pegar ele com a cara cheia, aí é bala nos calcanhar.

- Bota mais cerveja no meu copo, vai.

- Coisa boa!!!!

- Santa Bárbara! É um estrago cada vez que chove nesta cidade. Ainda bem que você me convidou para vir aqui. Semana passada, um raio atingiu o carro da minha colega no estacionamento da universidade. Pode acreditar?

Falando em acreditar, sabia que estou grávida?

- Quê?!

- Verdade. Depois de tanto tratamento, de desistir da adoção e de quase me separar do Armando, um bebê! Falando assim para você que não está diretamente envolvida, posso experimentar um pouco de alegria. Com os da família não consigo me soltar. Tenho que guardar muita munição para os próximos meses. Só depois de todos os exames concluídos e dos três meses fechadinhos é que vou ter condições de me sentir segura e mãe novamente.

Entretanto, de um jeito muito secreto, me sinto especial. O que você acha?

- Não acho nada. Vem cá me dar um abraço, parabéns. Não posso te servir uma espumante, mas aceita um suco?

- Obrigada. E você tem alguma novidade?

- Boa como a sua? Nem com meus atributos de pintora. Meus parabéns mais uma vez, Bianca. Bem que isso podia ser viral, eu também queria estar grávida.

Bianca já não se lembra mais com tanta nitidez de como era sua alegria aos vinte anos de idade. Lembrava de certa leveza-aquela das falsas interpretações. Descuidava dos detalhes como os jovens fazem. Não teria condições de já escolher qual o ranço que encardiria sua personalidade adulta.

Os cabelos eram claros, mas não chegavam a ser loiros. Nunca penteava os cachos que se formavam no final dos fios. Prendia-os com qualquer objeto que estivesse por perto. Fiapos se soltavam do amarrado dando um ar mais despojado. Nunca teve certeza de querer cursar odontologia. Dois anos depois, largou a faculdade.

Namorava só um de cada vez. Todos se apaixonavam por ela. Bianca rastreava os olhares masculinos e preenchia o ego.

*Por volta dos trinta, dominou a arte da conquista duradoura- ou nem tanto. Perto dos quarenta, achou que sabia tudo (com quem ficar, com quem se envolver, com quem transar ou quem evitar).*

*Sentada neste momento na frente da vizinha de condomínio, bem mais nova do que ela, que bebericava a espumante, que ela não podia tomar, Bianca se deu conta do amor-romântico dos quarenta e tantos.*

*O distanciamento é o único aparelho capaz de discernir as coisas e ponto final.*

*A chuva apressada varria as ruas. Os raios estavam mais espaçados. Não houve falta de luz.*

## **Capítulo XIX**

*- Bom dia.*

*- Bom dia, Tilma. Ainda bem que a chuva não causou maiores danos na nossa rua. Você teve dificuldade para sair de casa hoje cedo?*

*- Um as árvores caíram, mas não atrapalhou o percurso do ônibus.*

*- Que bom. E as leituras como vão, Tilma?*

*- Tô entalada na Dona Bovari. O livro não anda. O autor descreve cada pedacinho de coisa que acontece. A gente não tem todo este tempo pra ficar lendo cada folha que cai da árvore, o raio de sol, a lua que aparece e assim vai. Mas a tal Bovari tem um jeito bem encantado de ver a vida, né? Um jeito artístico, sei lá... Vai ver foi de ter lido tanto romance quando estive internada, rrsr... se alimentou em demasia com o romântico. A Senhora não concorda?*

*- É! De certa forma, ela teve uma veneração entusiástica pelas mulheres ilustres ou infelizes da época.*

*- Continue lendo, Tilma. O livro é precioso, você vai sentir. Bem, vamos tratar da janta?*

*- Quer que eu faça o Frango Macedo à Valenciana?*

*- Podemos deixar este prato para o almoço de domingo. Já encomendei uma paella. Você pode deixar a mesa posta para mim. Não esqueça de colocar o lugar da mamãe. Ponha a toalha de linho cinza, os "suplas" de prata, os cálices de vinho e as taças de espumante.*

*- Ok. Às sete vai estar tudo pronto.*

*Quanta pompa e solenidade para um jantar em casa. Que diferença na felicidade pode ter, se comemoramos com simplicidade ou finura?*

*Os ricos são pessoas estranhas. Enfeitam a casa com tanta cor branca. Uma lisura esterilizada de hospital. Tudo muito claro, velas brancas, talheres de prata, música baixa e lenta. Uma economia de sensibilidade, eu hein!*

*Um silêncio medido e moderado que atrapalha. Bebidas de não sei qual região do mundo, comidas esquisitas que pedem uma frescurada só. No fim, ficam todos altos (porque rico não fica bêbado, fica só AL-TO), não dançam e se alteram com palavras baixas e rudes.*

*Pobre nunca enfeita a mesa com toalha lisa. Quanto mais florida, mais alegre fica, e não é? Tigelas e copos de cores diferentes ajudam a decorar. Os balões pendurados em cachos de baixo das portas ou nas cortinas recebem os convidados que já vão ficando à vontade e pegam cerveja na geladeira. Tão mais normal. Churrasquinho sortido, música alta, risadas e gestos soltos são muito mais animados.*

*E a festa rola tranquila. Depois, a gente sacudimos nossas alterações com um bom pagode. Diz aí: Como pode um prato cheio de bichos do mar meio crus ser mais gostoso que uma carne de churrasco com arroz e feijão?*

*Dizem que é costume. Quanta mulher pobre que casa com rico e aprende a gostar de tudo que é coisa? Já viu rico ficar pobre e gostar de comemorar com a turma no puxadinho da vizinha?*

*Vai ver a gente não sabe mesmo o que é bom. Se provar um drinque sofisticado, capaz de achar ruim. As comidas têm um sabor tão escondido, que nosso paladar nem sabe aproveitar. Eu, desde que trabalho aqui, e faz muitos anos, nunca quis provar polvo, mexilhão, carpaccio, essas coisas estranhas, pequenas e molusquentas.*

*Mas hoje bem que eu podia tentar ficar mais refinada. Afinal, fui promovida. Tenho que entender de coisa fina.*

*Xi! Telefone tocando.*

*- Alô. Sim, é da casa do Senhor Armando e Dona Bianca Neves.*

*- Dona Bianca, telefone pra senhora Diz que é da Revista Rostos. Vai atender?*

*- Tilma, pergunte quem vai falar? Se for a Fernanda, eu atendo.*

*- Tá.*

*- Oh, Dona Bianca, é a dona Fernanda, sim.*

*- Ok. Passa pro meu ramal.*

*- Oi, Fernanda, tudo e você?*

*- Entrevista com a minha empregada? Que matéria é esta? Olha, vou dar uma pensada. Manda as perguntas por e-mail, por favor.*

*- Perfeito então.*

*- Obrigada você.*

*Tilma, querem fazer uma entrevista para o mês de maio com as empregadas de pessoas formadoras de opinião. Ou seja, querem entrevistar você sobre mim. O que você acha?*

*- Mas Dona Bianca... eu...*



- Eles vão enviar as perguntas por e-mail, depois virão aqui fazer as fotos.

- Eu... Eu... Zultima Maria dos Sants e Glória, vou aparecer na Revista Rooooooostos?! Lógico que eu quero. Falar sobre a senhora vai ser uma maravilha.

- Primeiro, vou olhar as perguntas e se eu autorizar, a gente pode responder as perguntas juntas. Mas isso é outro dia. (resmungo! Ouvível) – Mas não me faltava mais nada!

- Pois pra mim só faltava essa!

## Capítulo XX

Olhando bem a mesa, até que ficou bem bonita. Parece aquelas fotos de revista. A tal Paella é que não consigo entender. Sempre que tento dar uma colherada no arroz (antes de servir, claro) sinto um nojo divertido. É cada bicho feio de dar rebuliço no estômago.

Acho que hoje vou realmente experimentar a tal espumante. Vai que aprendo a gostar e viro uma governanta possante! Sei que muitas champanhes custam muito, mas muito mais que a metade do meu salário. Tem de ter um gosto muito espetacular que eu ainda não descobri. É minha chance de treinar para ser secretária.

Vejam bem: trabalho numa casa de luxo, leio livros de autores franceses, vou cuidar do herdeiro deles, dou entrevista, bebo uns goles da tal espumante e clic! Sou uma doméstica celebridade. Tô notando que aos poucos essa gente endinheirada está me modificando. É tudo muito afrancesado para ser chique. Lenço de seda, ervas, livros, perfumes, bebida. Acho que um dia vou para Paris acompanhar a Morena Neves.

- Oi, Rasta. Meu amigo, eu estava aqui tendo um pensamento esticado e faiscante no cérebro e por pouco não falo em francês contigo.

Você não tem nome francês, mas é de raça. Vai em uma Pet Shop bacana, vive num imóvel todo climatizado, inclusive com piso aquecido, a ainda come ração da sustentabilidade. Você ajuda a salvar o planeta, meu cão!

Me ajuda com a tua inteligência "canina" a roubar uns golinhos da champanhe? Como posso servir um pouco, se eles abrem a garrafa lá na mesa? Nem eu sei como abrir um espumante. Mas afinal, é espumante ou champanhe? Qual a diferença, a espuma? Uma deve fazer mais borbulhas que a outra. Eu quero a champanhe, parece mais chique.

E depois que eles abrem uma champanhe não vai sobrar nadica para mim. Talvez um restinho no fundo da garrafa, mas gole não dá. Eu preciso de um copo para sentir o que eles dizem que sentem.

*Já sei! Vou me oferecer para servir tudo na cozinha e levo os copos cheios e separo um para mim. Prometo dar o "pior" de mim para realizar essa travessia à finesse. São só duas garrafas. Bom, mas se eles se empolgarem, vão abrir a terceira. A adega tá lotada de vinhos e espumantes.*

*- Já vai, Dona Bianca.*

*Oh! Queria combinar com a Senhora que vou tomar um banho e colocar uniforme. Assim que eles chegarem, estarei com tudo pronto e posso servir o aperitivo na sala, certo? Quando a senhora quiser é só usar o sinalizador do controle remoto que eu fico atenta no pelo vídeo na cozinha.*

*Como assim, a senhora contratou garçom?*

*- Achei melhor para ajudar você. Ele é muito bem recomendado.*

*21h.*

*Todos tão elegantes e cheirosos. Acho que vou te colocar uma fita branca, Rasta. Você vai sair nas fotos muito do lindo.*

*Lindo! Lin-do, mas liinnndddoooo mesmo é o tal garçom que Dona Bianca contratou. Cada vez que ele me pergunta uma coisa, eu desatentoooo. Ludovico se chama o vivente.*

*21h20min*

*Dona Bianca me chama pelo visor. Será que já é para servir a entrada? Tão rápido? Ou é pra levar a espumante?*

*- A senhora já quer que eu leve a entrada?*

*- Sim, mas chamei você para fazer parte do brinde. Pegue uma taça e vamos brindar ao bebê.*

*-Saúde. Saúde. Parabéns. Felicidades.*

*21h30min*

*Serve prato disso e daquilo e garçom vai e vem e provo um gole, e tomo outro, e tento outra vez, e sirvo o povo e vai e vem. Lindovico serve e busca e leva, e eu vou que vou.*

*23 h*

*Rasta dos céus! Mas meu entendimento com esta champanhe foi instantânea. Não estufa a barriga da gente. É tão delicada e não é enjoativa de doce nem azeda. Que delícia. Como vou tomar mais? Quero ver como é que se fica alto na versão chique. Vai sobrar mais que um tantinho da segunda garrafa.*

*23h50min*

*O jantar foi um sucesso. A cozinha está lotada de pratos e copos. A faxineira amanhã que vai fazer o serviço todo. O detalhe mais picante da noite é a sobra graúda da terceira garrafa de espumante. Deve dar uns dois copos cheios e vou*



De repente o Herrb pediu silêncio no microfone e deu início ao ritual dos aprendizes de escritores. Chamou um dos coordenadores do mestrado para entregar o certificado de terceiro lugar. Som: Love Runs Out (One Republic)

And the winner is: Jussara Donatela.

Que máximo, esta menina escreve bem mesmo.

Pra o segundo lugar vou chamar o Professor Antônio. Vem pra cá Daniel. Todo mundo curtiu. Ele realmente vai aproveitar o mestrado se passar no teste da universidade.

E aí, o Herrb começou a falar um pouquinho sobre a importância da pós-graduação e de que estes alunos serão a primeira fornalha de Escrita Criativa do Brasil...e que nós estamos fazendo história...e que muitos nos seguirão e sem muito aviso anunciou o primeiro colocado: Gabriel!

Ele soltou minha mão, me deu um beijo na bochecha e foi receber o certificado. O som retomou no Better Together e quando todo mundo achou que tinha terminado, o Herrb convidou o Miguel de Souza Tavares para entregar um certificado para o aluno mais criativo. O povo delirou e eu só acreditei que era o Tavares quando ele passou bem perto de nós e deu “Oi” pro Gabriel.

Ele falou brevemente sobre a importância da Escrita Criativa e ressaltou que um estudo na França, em Fontanebleue, provou que, a partir de agora, o futuro está na Educação Criativa.

Me lembro que tava rolando um som que já ouvi milhares de vezes e já quase enjoiei: Summers (Calvin Harris), mas foi com ele que recebi um certificado de candidata a mestranda das mãos de um sorridente Tavares.

Muitos anos de moleskines e letivos de mestrado e doutorado depois, mitei (: acertei) a mão em um romance, para o qual dei o nome de Nanoromance, em homenagem a Herrb.

Um dia fui ao cinema com Gabriel e nós dois saímos do filme. Precisamos ir ao banheiro. Entrei no banheiro feminino e uma menina me reconheceu. Pediu um autógrafo num pedaço daqueles papéis de enxugar as mãos. Vi que a amiga também me sacou, e tive que autografar na mão dela. Sissintindo tipo “fandom”, sabe?

Tinha uma terceira que tava dentro do toilet e não só me pediu um autógrafo como fez uma selfie.

Por aqueles fenômenos que só o twiteer sabe fazer, quando eu abri a porta do banheiro para sair e encontrar o Gabriel, vi uma galera, cinco a seis meninas, histéricas gritando meu nome e com uma artilharia de celulares nas mãos.

Desta vez fui eu quem não saiu do banheiro.

Quem explica a encontrabilidade?